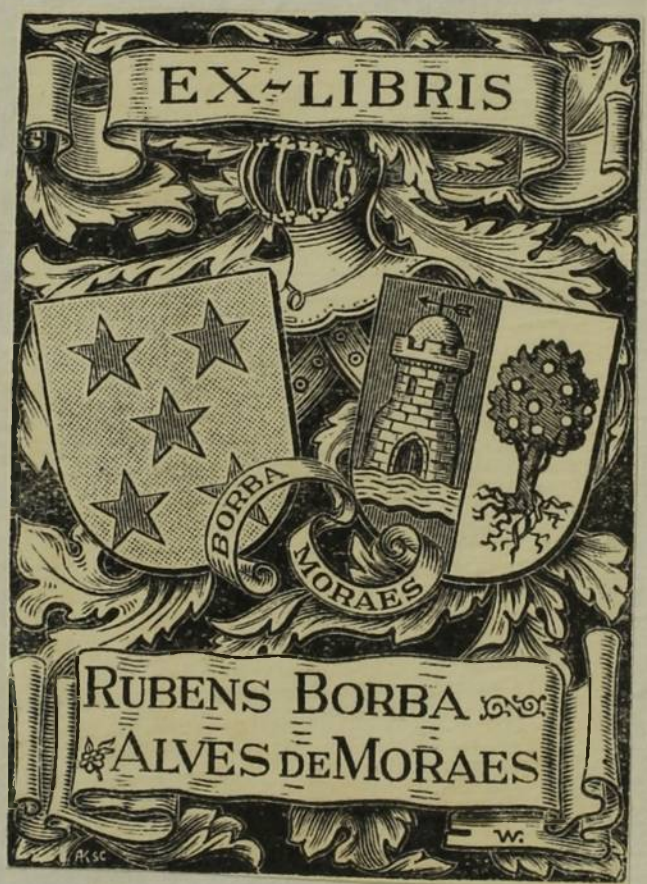
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

BRASILIA BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES

ANTIGOS E MODERNOS

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

III

PARIS. — TYP. DE S. RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

DE UM DISCURSO BIOGRAPHICO

E ACOMPANHADAS DE NOTAS

PELO Sr Dr JACY MONTEIRO

TERCEIRA EDIÇÃO

ACCRESCENTADA COM AS OBRAS INEDITAS,
E UM APPENDICE CONTENDO DISCURSOS, POESIAS E ARTIGOS FEITOS A OCCASIÃO
DA MORTE DO AUTOR.

TOMO TERCEIRO

OBRAS INEDITAS

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

Todos os direitos de propriedade reservados.

INTRODUCÇÃO

I

Alvares de Azevedo!

Eis ahi um nome — que deve de ser escrito em caracteres de ouro no marmore da Historia da litteratura; eis ahi um nome que deve de viver, viver muito, aquecendo a nós outros — mancebos que demandamos a estrada do progresso, caminheiros que tomamos por norte a palavra de Byron, o labarum da civilisação — *Away!*; — que procuramos tornar esta terra em que vimos a luz

ao primeiro descerrar dos olhos — envejada das nações mais cultas da velha e vaidosa Europa.

Alvares de Azevedo!

E no emtanto morrêo tão moço, tão moço, quando risonha lhe despontava a manhã, quando sentia á fronte escaldar-lhe o fogo santo do genio, quando tinha no vasto craneo em ebulição um milhão de idéas a crear e desenvolver ainda!

Morreo tão moço! flôr da primavera crestou-a o *simoun* do destino, que emmurchescêo-lhe as petalas côr de ouro, e sem viço e sem seiva tombou á beira do regato, que arrastou-a em sua correntesa.

E quão vasta que era aquella fronte, e quão fecunda que era aquella imaginação! Fadára-o Deus para destinos bem altos; mas, metéoro brilhante, cortou por um momento as nuvens e esvaecêo-se no nada da morte, no silencio da lousa.

E hoje prantêa-o uma familia, que vive de sua gloria; e hoje chora-o seu pae, seu pobre pae, de que era o orgulho bem legitimo; e hoje chorão-no as lettras de nossa terra, a que tanto e tão vivo impulso em tão pouco tempo dera.

Fado é das lettras entre nós! Junqueira Freire morrêo ao despontar-lhe a primavera da existencia; Alvares de Azevedo, tambem, como elle, foi arrastado no torvelinho da morte, que lhe cortou os vôos.

Resignemo-nos.

Prophetas da civilisação, apostolos da luz, lançarão a semente fecundante em seu perpassar na terra; pois bem, reguemo-la, nós outros, obreiros do progresso, com o suór de nosso rosto, e oxalá que arvores frondosas e fructos doces e viçozos — venhão abençoar nossas noites de insomnia, nossas decepções e amarguras.

Estrellas scintillantes a luzirem no céo — sejão elles nosso norte, e levantemos-lhes estatuas, e engrinaldemos-lhes as frontes nos traços vivos de nossos arroubos e inspirações.

II

A terra de Bueno e dos Andradas, e onde pela primeira vez soára a vóz vibrante do principe guerreiro — que nos déo fóros de livres — foi o berço de Alvares de Azevedo.

S. Paulo, a patria de tantos heroes que a Historia canta, illuminou com seu reflexo dourado a fronte infantil do mancebo poeta.

E a criança, que balbuciava apenas, crescêo e tornou-se o arbusto verdejante, que se foi cobrindo de folhas que o vento agita, de flôres que perfumão a brisa.

Rapidos forão seus progressos nos primeiros ramos dos conhecimentos humanos, o laurel de bacharel em lettras pelo imperial Collegio de Pedro II lhe ornou a fronte, infantil ainda e os primeiros lampejos do genio começarão a sahir d'aquelle cerebro inspirado.

E voltou a S. Paulo a conquistar a carta de bacharel em direito.

Foi ahi que lhe nascerão a maior parte d'essas composições admiraveis, d'esses rasgos estrepitosos do genio; foi ahi que illustrou o espirito e vio encendida a imaginação na leitura atturada, constante, reflectida e sizuda dos principaes classicos — poetas e prosadores da litteratura franceza, ingleza, allemã e italiana; foi ahi que se inspirou no incessante meditar da Biblia, de Ossian, de Lamartine, de Shakspeare, de Tasso, de Gœthe, de Uhland, de Chénier e sobretudo do Byron inimitavel, companheiro constante de suas noites de ardente insomnia, de seus dias passados no silencio do gabinete.

Foi n'esses poetas brilhantes ou sombrios, n'essas leituras fantasticas e tristes, no delirar do Dante e nos gritos de desespero de Gilbert, que adquirio Alvares de Azevedo essa eloquencia apaixonada, essa linguagem tão do coração, esse estylo melancholico, impregnado de doce suavidade, de arrebatamentos delirósos, que tanto impressionão a quem os lê.

Como tanto escrevêo e em tão pouco tempo, para nós

é mysterio ainda. Tres volumes de bellas producções ahi vão publicados e material bastante ainda tinha para mais.

E para escrever tanto e tão bem, e para ostentar essa profusão immensa de conhecimentos variados, essa erudição profunda da antiga e moderna litteratura, que a cada passo, a cada momento se depara em suas obras, que de tempo não era preciso, que gastar de horas, que consumir de dias!

E não era só n'isto que se empregava Alvares de Azevedo. Cultivando a litteratura amena e facil, intelligencia poetica, delirante, e inspirada, — culto tambem votava ás sciencias aridas que formão o objecto do curso que seguia. Primeiro entre os primeiros era elle nos bancos da Academia de S. Paulo e os compendios de que servia-se achão-se cheios de notas estensas, de reflexões tão bem cabidas e profundas, que farião honra aos mais abalisados e distinctos jurisconsultos. Conhecia perfeitamente o Direito Mercantil e a obra que folheou, como estudante, acha-se tão annotada, que só as reflexões ahi contidas fornecerião materia para um bom volume.

E apesar d'esse affegar constante de trabalho, d'esse estudar continuo, d'esse escrever sem interrupção e sem descanço — ainda restava-lhe tempo para desenvolver na esperançosa mocidade que o rodeava — o gosto pelas lettras, a aspirações da gloria.

Mas tanto affan, tanto lidar de noite e dia alquebrava-lhe o corpo delicado, e o jovem arbusto pendia a haste para a terra, ao sôpro violento do furação. Muita vez ao trabalho fatigante de um dia e dous e tres, sem trégoa, sem interrupção, vinha-lhe a prostração e o desalento; — e a pallidez das faces e o batter fraco e sumido do pulso indicavão o abattimento e a diminuição das forças.

E demais á prostração do corpo vinha juntar-se o desalento d'alma. O coração tem pressentimentos, cuja origem ignoramos, mas que nem por isto deixão de ser infalliveis — como as sentenças lavradas no livro mysterioso do destino.

Perseguia incessante ao jovem poeta — a idéa de que cêdo, muito cêdo seria arrancado da terra que pisava, indo dormir no silencio lugubre da campa o somno de finados.

E tão jovem morrer!... Morrer deixando lagrimas á sua pobre mãi, que amava-o tão de dentro d'alma; a seu pae, a seus irmãos, que lhe admiravão o genio e se orgulhavão d'elle!

E perseguia-o essa idéa dia e noite, no silencio do gabinete, á sós com suas reflexões, e no ruido das festas, na vertigem da valsa.

E de sua alma que assim padecia, e d'esse desalento terrivel da vida, que lhe comprimia o peito, tirava essas

notas dolentes e sentidas, ou esses gritos profundos, stridentes, que não podemos ler, sem que horrivel calafrio nos venha gelar o sangue.

E morrêo : o arbusto virente que se debruçava á beira do regato vio cahir uma per uma as folhas que lhe formavão a coma, as flôres que perfumavão a brisa, e deixando tambem pender a fronte foi arrebatado pelo impulso da correntesa.

« — Que fatalidade, meo pae! »

Foi o ultimo adeos do moribundo, a saudade legada a nós outros, seos companheiros, soldados de que era o chefe.

E morrêo!... E o sol da litteratura patria annuveou o semblante, e o anjo da gloria desdobrando as azas candidas lhe cobrio o semblante -- que desbotára a morte.

Que importa! Morrerá por ventura o genio que illumina a terra? Alvares de Azevedo pertence a essa raça de homens, que vivem sempre nas paginas immorredouras da historia.

« A sua perda, diz o Sr. Lopes de Mendonça, é d'aquellas que se devem deplorar, como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. Era um talento innovadôr, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horisontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela maduresa de seus estudos. »

« Ha vocações, que reprodusem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripodè, e deixam-se arrastrar pelo enthusiasmo de suas proprias palavras. O jovem poeta não cantava, somente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos; cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma ebria e palpitante, lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervôr dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança. »

III

Digamos algumas palavras a respeito do escritor, e deixando de parte tudo quanto se tem escrito n'este ponto, vamos emittir nossas proprias reflexões.

Não é um artigo de critica o que fasemos ahi; não vamos tão longe, que cançaremos no caminho; o que escrevemos são puramente nossas impressões e não nos peção mais do que isto.

Alvares de Azevedo pertence a essa escola romantica, em que avultão as figuras gigantescas de Shakspeare, e Byron e Lamartine.

Estudando-os a todos esses grandes mestres — seu estylo possue essa grandeza mascula de idéas, essa elevação de pensamentos, essa bellesa de frase, que causão arrebatamento e praser.

Lendo muito o Byron, demasiado talvez, vêmos n'elle, em seus pensamentos, em suas imagens, esse delirio febricitante, esse arroubo de idéas, esses rasgos apaixonados, freneticos e violentos, que caracterisão o author de Don Juan.

Como é bello esse estylo facil e natural que o caracterisa; e que grandesa nos pensamentos, que elevação na frase, que d'inspirações brilhantes de sensibilidade e d'imaginação! Ora semelha o gemido dolorido, a explosão da dôr nas profundidades do peito, e depois, prorompe em uma gargalhada stridente, frenetica, que coalha o sangue e eriça os cabellos.

O estylo de Alvares de Azevedo, na poesia alêm de original, é facil, natural, ameno, deslisando-se suave, sem affectação e sem exforço. Nem sempre escoimado de galicismos, elle o é porém d'esse purismo ridiculo de muitos que querendo á risca seguir os conselhos de Filinto Elysio cahem no excesso contrario. Não ha ahi esse estudo forçado de frase, esse estylo immensamente castigado e tão castigado e tão limado, que á força d'escovadelas perde aquelle brilho, aquelle colorido, aquelle aveludado brilhante, aquelle perfume balsamico, emfim, — como

tantos exemplos e de bem acreditados escritores poderiamos apresentar.

Defeitos tem-nos elle por certo, mas inteiramente provenientes da soffreguidão com que escrevia, do pouco tempo que teve para limar e pulir o que lhe sahira da fronte escaldada — n'essas noites de delirio e de vigilias. Ha sómente a natureza, sómente o lampejo fulgurante do genio; aquillo que a arte podia faser, o que competia á reflexão — não lhe dêo tempo a vóz do archanjo do exterminio.

Mas como bello é mesmo assim em seos defeitos! Como agrada aquelle deleixo, aquelle abandono, que ás vezes se lhe nota no estylo! Como cala aquella suprema poesia, que transpira de suas palavras, quando canta-ou a mulher que o inspira, ou as flores dos campos, o canto das aves, o vento do céo, o ciciar da brisa, o silencio da noite e a luz pallida e desmaiada da lua! Como sabia diser tão bem as affecções do peito, as emoções sentidas d'alma!

Cultivando com gosto e felicidade a musa joco-seria, ainda não pôde até agora ter muitos imitadores.

Muitos tem tentado semelhante tarefa, mas os resultados pallidos e frios de seus tentamens, tem-nos feito recuar desanimados. Aquelle bello espécimen, a que denominou de — *spleen e charutos* — tem attrahido a attenção de todos e os exforços de muitos, mas até agora

ninguem, que o saibamos, tem chegado á altura á que elle subio n'aquellas jocosas producções, em que a naturalidade resalta. Falta-lhes a inspiração e a espontaneidade, a idéa e a linguagem, o sentimento e o vigor, que possuia Alvares de Azevedo.

Na prosa é seo estylo pomposo, colorido, cheio de rasgos e de lampejos, como traços scintillantes de luz no meio do espaço e algumas de suas producções são verdadeiros poemas — não metrificados.

Imaginação de fogo era ás vezes demasiado arrojado em suas idéias e em suas opiniões. Para prova ahi estão algumas de suas poesias.

Cremos que si o poeta vivesse e tentasse dar-lhes a luz da publicidade, certo que lhes modificaria, não o estylo, que é bello e grandioso, mas o arrojo do pensamento, o arrojo das idéas.

IV

Temos terminado esta desalinhada introducção; mas, como dissemos, não foi nosso fim faser um artigo critico-litterario; escrevemos o que sentimos e nada mais.

Em nosso coração de moço, que não descrê do futuro d'esta terra tão bella, tão bem fadada, erguemos culto

santo á memoria de Alvares de Azevedo. Sentiamos necessidade de alguma cousa diser e escrevemos.

Que nos desculpem, pois, os criticos; quanto aos outros — cremos que nos comprehenderão.

Rio de Janeiro. 12 de março de 1861.

LYRA
DOS VINTE ANNOS

CONTINUAÇÃO

São os primeiros Cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras voses do sabiá não tem a doçura dos seus canticos de amor.

É uma lyra, mas sem cordas : uma primavera, mas sem flores, uma coroa de folhas, mas sem viço.

Tantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou, — como isso dou a lume essas harmonias.

São as paginas despedaçadas de um livro não lido.....

E agora que despi a minha musa saudoza dos véos do mysterio do meu amor e da minha solidão, agora que ella vai semi-núa e timida por entre vós, derramar em vossas

almas os ultimos perfumes de seu coração — O' meus amigos, recebei-a no peito, e amai-a como o consolo que foi de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dous raios luminosos do coração de Deos.

MEO DESEJO

Meo desejo? era ser a luva branca
Que essa tua gentil mãosinha aperta :
A camelia que murcha no teo seio
O anjo que por te ver do céo deserta....

Meo desejo? era ser o sapatinho
Que teo mimoso pé no baile encerra....
A esperança que sonhas no futuro,
As saudades que tens aqui na terra....

Meo desejo? era ser o cortinado
Que não conta os mysterios de teo leito;

Era de teo coslar de negra seda
Ser a cruz com que dormes sobre o peito.

Meo desejo? era ser o teo espelho
Que mais bella te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flôres
E mira-te amoroso as nuas graças!

Meo desejo? era ser d'esse teo leito
De cambraia o lençol, o travesseiro
Com que velas o seio, onde repousas,
Solto o cabello, o rosto feiticeiro....

Meo desejo? era ser a vóz da terra
Que da estrella do céo ouvisse amôr!
Ser o amante que sonhas, que desejas
Nas scismas encantadas de languor!

SONETO

Um mancebo no jogo se descóra,
Outro bebado passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavallo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia....
Quantos moços perdidos vejo agora!

Oh! não prohibão pois ao meo retiro

Do pensamento ao merencorio luto
A fumaça gentil por que suspiro.

N'uma fumaça o canto d'alma escuto....
Um aroma balsamico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meo charuto!

SONETO

Ao sol do meio dia eu vi dormindo
Na calçada da rua um marinheiro,
Roncava a todo o panno o tal bregeiro
Do vinho nos vapores se expandindo!

Alem um Hespanhol eu vi sorrindo
Saboreando um cigarro feiticeiro,
Enchia de fumaça o quarto inteiro.
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um 'pobretão caréca

De uma esquina lodosa no retiro
Enlevado tocando uma rabeca!

Venturosa indolencia! não deliro
Se morro de preguiça.... o mais é séca!
D'esta vida o que mais vale um suspiro?

POR QUE MENTIAS?

Por que mentias leviana e bella?
Si minha face pallida sentias
Queimada pela febre, e se minha vida
Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da illusão, a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro....
Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deos se te amei! sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe esse pobre coração que treme
Que a esperança perdeo por que mentias!

Vê minha pallidez — a febre lenta
Esse fogo das palpebras sombrias....
Pousa a mão no meo peito! Eu morro! eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

Poda aquella mulher tem a pureza
Que exhala o jasmineiro no perfume,
Lampeja seo olhar nos olhos negros
Como em noite d'escuro um vagalume....

Que suave moreno o de seu rosto!
A alma parece que seu corpo inflamma.
Illude até que sobre os labios d'ella
Na cor vermelha tem errante chamma....

E quem dirá, meo Deos! que a lyra d'alma

Ali não tem um som—nem de falsete!
E sob a imagem de apparente fogo
É frio o coração como um sorvete!

AMOR

Quand la mort est si belle,
Il est doux de mourir!

V. Hugo.

Amemos! quero de amor
Viver no teo coração!
Soffrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tua alma, em teos encantos
E na tua pallidez
E nos teos ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teos labios beber
Os teos amores do ceo,
Quero em teo seio morrer
No enlevo do seio teo!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa transa
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzella,
Minha alma, meo coração!
Que noite, que noite bella!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao molle frescor
Quero viver um momento,
Morrer comtigo de amor!

PHANTASIA

Quanti dolei pensier! quanto disio.

DANTE.

C'est alors que ma voix
Murmure un nom tout bas... c'est alors que je vois
M'apparaître à demi, jeune, voluptueuse,
Sur ma couche penchée une femme amoureuse!
. . . . . .
. . . . . .
Oh! toi que j'ai rêvée,
Femme à mes longs baisers si souvent enlevée,
Ne viendras-tu jamais? . . . . . .

CH. DOVALLE.

A noite sonhei comtigo,
E o sonho cruel maldigo
Que me deo tanta ventura.
Uma estrellinha que vaga
Em céo de inverno e se apaga
Faz a noite mais escura!

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
Nos meus beijos se afogar!
Que teu rosto descorava,
E teu seio palpitava,
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebrecendo
Desmaiava a pallidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos olhos na languidez!

E depois... dos meus abraços,
Tu cahiste abrindo os braços
Gelida — dos labios meus...
Tu parecias dormir,
Mas debalde eu quiz ouvir
O alento dos seios teus...

E uma voz, uma harmonia
No teu labio que dormia
Desconhecida acordou;
Fallava em tanta ventura,

Tantas notas de ternura
No meu peito derramou!

O soído harmonioso
Fallava em noites de goso
Como nunca eu as senti,
Tinha musicas suaves
Como no canto das aves
De manhã eu nunca ouvi!

Parecia que no peito
N'esse quebranto desfeito
Se esvaía o coração.
Que meu olhar se apagava,
Que minhas veias paravão,
E eu morria de paixão...

E depois... n'um sanctuario
Junto do altar solitario
Perto de ti me senti,
Dormias junto de mim...
E um anjo dice assim :
« Pobres amantes, dormí!...

Tu eras inda mais bella —
O teu leito de donzella

Era coberto de flores...
Tua fronte empallecida,
Frouxa a palpebra descida,
Meu Deus! que frio pallor!...

Dei-te um beijo — despertaste.
Teus cabellos afastaste
Fitando os olhos em mim...
Que doce olhar de ternura!
Eu só queria a ventura
De um olhar suave assim!

Eu dei-te um beijo, sorrindo
Tremeste os labios abrindo,
Repousaste ao peito meu...
E senti nuvens cheirosas,
Ouvi lyras suspirarem,
Rompeo-se a nevoa... era o ceo!...

Cahia chuva de flores
E luminosos vapores
Davão azulada luz...
E eu acordei... que delirio!
Eu sonho findo o martyrio
E acordo pregado á cruz!

LAGRIMAS DA VIDA

On pouvait à vingt ans le clouer dans la bière
— Cadavre sans illusions.....

THÉOPH. GAUTIER.

Je me suis assis en blasphémant sur le bord du chemin. Et je me suis dit : je n'irai pas plus loin. Mais je suis bien jeune encore pour mourir, n'est-ce pas, Jane?

GEORGE SAND, *Aldo*.

Si tu souberas que lembrança amarga,
Que pensamento desflorou meus dias,
Oh! tu não creras meu sorrir leviano
Nem minhas insensatas alegrias!

Quando junto de ti eu sinto ás vezes
Em doce enleio desvairar-me o siso,

Nos meus olhos incertos sinto lagrimas....
Mas da lagrima em troco eu temo um riso!

O meu peito era um templo — ergui nas aras
Tua imagem que a sombra perfumava....
Mas ah! emmurcheceste as minhas flores,
Apagaste a illusão que aviventava!

E por te amar, por teu desdem — perdi-me....
Tresnoitei-me nas orgias macilento,
Brindei blasphemo ao vicio e da minh'alma
Tentei-me suicidar no esquecimento!

Como um corsel abate-se na sombra
A minha crença agonisa e desespera....
O peito e lyra se estallárão juntos,
E morro sem ter tido primavera!

Como o perfume de uma flor aberta
Da manhã entre as nuvens se mistura,
A minh'alma podia em teus amores
Como um anjo de Deos sonhar ventura!

Não peço o teu amor.... eu quero apenas
A flor que beijas para a ter no seio,

E teus cabellos respirar medroso
E a teus joelhos suspirar d'enleio!

E quando eu durmo, e o coração ainda
Procura na illusão a tua lembrança,
Anjo da vida passa nos meus sonhos
E meus labios orvalha de esperança!

SONETO

Os quinze annos de uma alma transparente,
O cabello castanho, a face pura,
Uns olhos onde pinta-se a candura
De um coração que dorme, inda innocente.

Um seio que estremece de repente
Do mimoso vestido na brancura,
A linda mão na magica cintura,
E úma vóz que inebría docemente.

Um sorrir tão angelico! tão santo!

E nos olhos azues cheios de vida
Languido véo de involuntario pranto!

É esse o talisman, é essa a Armida
O condão de meus ultimos encantos,
A visão de minha alma distrahida!

LEMBRANCA DOS QUINZE ANNOS

Et pourtant sans plaisir je dépense la vie;
Et souvent quand, pour moi, les heures de la nuit
S'écoulent sans sommeil, sans songe, sans bruit,
Il passe dans mon cœur de brillantes pensées,
D'invincibles désirs, de fougues insensées!

CH. DOVALLE.

..... Heureux qui, dès les premiers ans,
A senti de son sang, dans ses veines stagnantes,
Couler d'un pas égal les ondes languissantes;
Dont les désirs jamais n'ont troublé la raison;
Pour qui les yeux n'ont point de suave poison.

ANDRÉ CHÉNIER.

Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Agora emfim meu padecer descança;
Minha alma emmudeceo — na noite d'ella
Adormeceo a pallida esperança!

Ja não sinto ambições, e se esvairão
As vagas formas, a visão confusa

De meus dias de amor — nem doces voltão
Os sons aerios da divina Musa!

Por ventura é melhor as brandas fibras
Embotadas sentir n'essa dormencia....
E viver esta vida.... e na modorra
Repousar-se na sombra da existencia!

E que noites de soffrego desejo!
Que pressentir de uma volupia ardente!
Que noites de esperança e desespero!
E que fogo no sangue incandescente!

Minha alma juvenil era uma lyra,
Que ao menor bafejar estremecia....
A triste decepção rompeo-lhe as cordas....
Só vibra n'um preludio d'agonia!

Quanto, quanto sonhei! como velava
Cheio de febre, ancioso de ternuras!
Como era virgem o meu labio ardente!
A alma tão santa — as emoções tão puras!

Como o peito sedento palpitava
Ao roçar de um vestido, á voz divina

De uma pallida virgem! — ao murmurio
De uns passos de mulher pela campina!

E como t'esperei, anjo dos sonhos,
Ideal de mulher que me sorrias,
E me beijando n'esta fronte pallida
A um mundo bello de illusões me erguias!

O meu peito era um echo de murmurios....
De delirio vivi como os insanos!
Nos meus quinze annos eu soffria tanto!
Ardi ao fogo dos primeiros annos!

Agora vivo no deserto d'alma.
Um mundo de saudade ahi dormita.
Não o quero acordar.... oh! não resurjão
Aquellas sombras na minh'alma afflicta!

Mas por que volves os teus olhos negros
Tão langues sobre mim? Ilná, suspiras?
Por que derramas tanto amor nos olhos?
Eu não posso te amar e tu deliras.

Tambem a aurora tem neblina e sombras,
E ha vozes que emmudece a desventura,

Ha flores em botão que se desfolhão,
E a alma tambem morre prematura.

Repousa no meu peito o meu passado,
Minh'alma adormeceo por um momento....
Sou a flor sem perfume em sol d'inverno....
Uma lousa que encerra?... o esquecimento!...

Não me falles de amor.... um teu suspiro
Tantos sonhos no peito me desperta!...
Sinto-me reviver, e como outr'ora
Beijo tremendo uma visão incerta....

Ah! quando as bellas esperanças murchão
E o genio dorme, e a vida desencanta,
D'almas estereis a ironia amarga
E a morte sobre os sonhos se levanta,

Embora fundo o somno do descrido
E o silencio do peito e seu retiro,
Inda pode inflammar muitos amores
O sussurro de um languido suspiro!

MEU SONHO

EU

Cavalleiro das armas escuras,
Onde vais pelas trevas impuras
Com a espada sanguenta na mão?
Por que brilhão teus olhos ardentes
E gemidos nos labios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavalleiro, quem és? o remorso?
Do corsel te debruças no dorso....

E galopas do valle a travez ...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te nos pés o phantasma?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavalleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas.... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavalleiro, quem és? — que mysterio,
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O PHANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha-de matar!...

O CONEGO FILIPPE

O conego Filippe! O' nome eterno!
Cinzas illustres que da terra escura
Faseis rir nos cyprestes as corujas!
Por que tão pobre lyra o ceo doou-me
Que não consinta meu inglorio genio
Em vasto e heroico poema decantar-te?

Voltemos ao assumpto. A minha musa
Como um fallado Imperador Romano
Distrahe-se ás vezes apanhando moscas.
Por estradas mais longas ando sempre.

Com o conego illustre me pareço,
Quando elle ja sentia vir o somno,
Para poupar. Caminho até a vela,
Sobre a vela atirava a carapuça.
Então no escuro, em camisola branca
Ja apalpando procurar na sala —
Para o queijo flamengo da queréca
Dos defluxos guardar — o negro saco.

Á ordem, Musa! Canta agora como
O poeta Ali-Moon no harem entrando
Como um poeta que enamora a lua,
Ou que beija uma estatua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amores...
Cantava no alaúde enamorado,
E como elle sahio-se do namoro.
Assumpto bem moral, digno de premio,
E interessante como um catecismo;
Que tem ares até de ladainha!

Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brisas,
Toda aquella suave naturesa
Que amorosa suspira e encanta os olhos?

Principio no harem. Não é tão novo.

Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas d'homem ao harem se voltão —
Ser um dia sultão quem não deseja?

Quem não quisera das sombrias folhas
Nas horas do calor, junto do lago
As odaliscas espreitar no banho
E mais bella a sultana entre as formosas?

Mas ah! o plagio nem perdão merece!
Digão — pega ladrão! — Confesso o crime,
Não é Ovidio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aqui não falle em nymphas,
Essa idéa é do conego Filippe!

TRINDADE

A *vida* é uma planta mysteriosa
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,
Onde só abrem duas flores puras
Poesia e amor...

E a *mulher*... é a nota suspirosa
Que treme d'alma a corda estremecida,
— É fada que nos leva alem da vida
Pallidos de languor!

A *poesia* é a luz da mocidade —
O amor é o poema dos sentidos,

A febre dos momentos não dormidos
E o sonhar da ventura...

Voltai, sonhos de amor e de saudade!
Quero ainda sentir arder-me o sangue,
Os olhos turvos, o meo peito langue
E morrer de ternura!

SONETO

Ja da morte o pallor me cobre o rosto
Nos labios meus o alento desfallece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meo ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o somno reter!... já esmorece
O corpo exhausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a magoa me tem posto!

O adeos, o teo adeos, minha saudade,

Fasem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveo quem ja não vive!

MINHA AMANTE

Coração de mulher qual Philomela
É todo amor e canto ao pé da noite.

João de Lemos.

Fulcite me floribus... quia amore langueo.

Cant. Canticorum.

Ah! volta inda uma vez! foi só comtigo
Que á noite, de ventura eu desmaiava,
E só nos labios teos eu me embebia
De volupias divinas!

Volta, minha ventura! eu tenho sêde
D'esses beijos ardentes que os suspiros

Offegando interrompem! Quantas noites
Fui ditoso comtigo!

E quantas vezes te emballei tremendo
Sobre os joelhos meus! Quanto amorosa
Unindo á minha tua face pallida
De amor e febre ardias!

Oh! volta ainda uma vez! ergue-se a lua
Formosa como d'antes, é bem noite,
Na minha solidão brilha de novo,
Estrella de minh'alma!

Desmaio-me de amor, descóro e tremo,
Morno suor me banha o peito langue,
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os labios sedentos!

Oh! quem pudera sempre em teus amores
Sobre teu seio perfumar seus dias,
Beijar a tua fronte, e em teus cabellos
Respirar ebrioso!

És a corôa de meos breves annos,
És a corda de amor de intima lyra,

O canto ignoto, que me enleva em sonhos
De saudosas ternuras!

E tu és como a lua : inda és mais bella
Quando a sombra nos valles se derrama,
Astro mysterioso á meia noite
Te revella a minh'alma.

Oh! minha lyra, ó viração nocturna,
Flores, sombras do valle, á minha amante
Disei-lhe que esta noite de desejo
E de ternuras morro!

EUTHANASIA

Ergue-te d'ahi, velho, — ergue essa fronte onde o passado afundou suas rugas como o vendaval no Oceano, onde a morte assombrou sua pallidez como na face do cadaver — onde o semun do tempo resicou os anneis louros do mancebo nas cãs alvacentas de ancião?

Por que tão livido, ó monge taciturno, debruças a cabeça macilenta no peito que é murcho, onde mal bate o coração sobre a cogula negra do asceta?

Escuta : A lúa ergueo-se hoje mais prateada nos céos côr-de-rosa do verão — as montanhas se azulão no crepuscular da tarde — e o mar scintilla seo manto azul palhetado de aljofares. A hora da tarde é bella — quem ahi na vida lhe não sagrou uma lagrima de saudade?

Tens os olhares turvos, luzem-te baços os olhos negros nas palpebras rôxas, e o beijo frio da doença te azulou nos labios a tinta do moribundo. — E por que te abysmas em phantasias profundas sentado á borda de um fosso aberto, sentado na pedra de um tumulo?

Por que pensal-a — a noite dos mortos, fria e trevosa como os ventos de inverno? Por que antes não banhas tua fronte nas viraçõe da infancia, nos sonhos de moço? Sôb essa estamenha não arfa um coração que palpitára outr'ora por uns olhos gázeos de mulher?

Sonha — sonha antes no passado — no passado bello e doirado em seu docel de escarlate, em seos mares azues, em suas luas limpidas, e suas estrellas romanticas.

O velho ergueo a cabeça. Era uma fronte larga e calva, umas faces contrahidas e amarellentas, uns labios seccos, gretados, em que sobreaguava amargo sorriso, uns olhares onde a febre tresnoitava suas insomnias...

E quem t'o dice — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra humida, a podridão e o lodo? Quem t'o dice — que a morte não era mais bella que as flores sem cheiro da infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem t'o dice — que a vida não é uma mentira — que a morte não é o leito das tremulas venturas?

. . . . . .

DESPEDIDAS Á ....

Se entrares, ó meo anjo, alguma vez
Na solidão onde eu sonhava em ti,
Ah! vota uma saudade aos bellos dias
Que a teos joelhos pallido vivi!

Adeos, minh'alma, adeos! eu vou chorando...
Sinto o peito doer na despedida...
Sem ti o mundo é um deserto escuro
E tu és minha vida...

So por teos olhos eu viver podia
E por teo coração amar e crer

Em teos braços minha alma unir á tua
E em teo seio morrer!

Mas se o fado me afasta da ventura,
Levo no coração a tua imagem...
De noite mandarei-te os meos suspiros
No murmurio da aragem!

Quando a noite vier saudoza e pura,
Contempla a estrella do pastor nos céos,
Quando a ella eu volver o olhar em prantos
Verei os olhos teos!

Mas antes de partir, antes que a vida
Se afogue n'uma lagrima de dor,
Consente que em teos labios n'um só beijo
Eu suspire de amor!

Sonhei muito! sonhei noites ardentes
Tua boca beijar eu o primeiro
A ventura negou-me... até mesmo
O beijo derradeiro!

Só comtigo eu podia ser ditoso
Em teos olhos sentir os labios meos!
Eu morro de ciume e de saudade;
Adeos, meo anjo, adeos!

TERZA RIMA

É bello de entre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro,
Sentir o fumo em nevoas recendendo,

Do cachimbo allemão no louro barro
Ver a chamma vermelha estremecendo
E até... perdoem... respirar-lhe o sarro!

Porem o que ha mais doce n'esta vida,
O que das magoas desvanece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

PANTHEISMO

MEDITAÇÃO

O dia descobre a terra: a noite descontinua os céos.
MARQUEZ DE MARICA.

Eu creio, amigo, que a existencia inteira
É um mysterio talvez; — mas n'alma sinto
De noite e dia respirando flores,
Sentindo as brisas, recordando aromas
E esses ais que ao silencio á sombra exhala
E enchem o coração de ignota pena
Como a intima voz de um ser amigo,
Que essas tardes e brisas, esse mundo
Que na fronte do moço entorna flores,

Que harmonias embebem-lhe no seio —
Tem uma alma tambem que vive e sente...

A naturesa bella e sempre virgem
Com suas galas gentís na fresca aurora,
Com suas magoas na tarde escura e fria,
E essa melancolia e morbidezza
Que nos effluvios do luar resumbra —
Não é apenas uma lyra muda
Onde as mãos do poeta acordão hymnos
E a alma do sonhador lembranças vibra...

Por essas fibras da natura viva
N'essas folhas e vagas, n'esses astros,
N'essa magica luz que me deslumbra
E enche de fantasia até meus sonhos —
Palpita por ventura um almo sopro,
Espirito do céo que as reanima,
E talvez lhes murmura em horas mortas
Estes sons de mysterio e de saudade,
Que lá no coração repercutidos
O genio acordão que enlanguece e canta!

Eu o creio, Luiz, tambem ás flores
Entre o perfume véla uma alma pura,
Tambem o sopro dos divinos anjos

Anima essas corollas setinosas,
No murmurio das aguas no deserto,
Na voz perdida, no dolente canto
Da ave de arribação das aguas verdes,
No gemido das folhas na floresta,
Nos echos da montanha, no arruido
Das folhas seccas que estremece o Outono,
Ha lamentos sentidos, como prantos
Que exhala a pena de subida magoa...

E Deos! — eu creio n'elle como a alma
Que pensa e ama n'essas almas todas,
Que as ergue para o céo, e que lhes verte,
Como orvalho nocturno em seus ardores,
O amor, sombra do céo, reflexo puro
Da aureola das virgens de seu peito!
Essa terra, esse mundo, o céo e as ondas,
Flores, donzellas, essas almas candidas
Beija-as o senhor Deos na fronte limpida,
Arroia-as de pureza e amor sem nodoa...
E á flor dá a ventura das auroras,
Os amores do vento que suspira,
Ao mar a viração, o céo ás aves,
Saudades á alcyon, sonhos á virgem,
E ao homem pensativo e taciturno
A creatura pallida que chora —

Essa flor que inda murcha tem perfumes,
Esse momento que suavisa os labios
Que eternisa na vida um céo de enleio...
O amor primeiro das donzellas tristes.

São idéas talvez... Embora rião
Homens sem alma, estereis creaturas:
Não posso desamar as utopias,
Ouvir e amar á noite entre as poleiras
Na varanda ao luar o som das vagas,
Beijar nos labios uma flor que murcha,
E crer em Deos como alma animadora
Que não creou somente a naturesa,
Mas que ainda a ralenta em seu bafejo,
Ainda influe-lhe no sequioso seio
De amor e vida a eternal scentelha!

Por isso, ó meu amigo, á meia noite
Eu deito-me na relva humedecida,
Contemplo o azul do céo, amo as estrellas,
Respiro aromas, e o arquejante peito
Parece remoçar em tanta vida,
Parece-me alentar-se em tanta magoa,
Tanta melancolia, e nos meus sonhos,
Filho de amor e Deos, eu amo e creio!

DESANIMO

Estou agora triste. Ha n'esta vida
Paginas torvas que se não apagão,
Nodoas que não se lavão.... se esquecel-as
De todo não é dado a quem padece,
Ao menos resta ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!

Oh! voltai uma vez! eu soffro tanto!
Meus sonhos consolai-me! distrahi-me!
Anjos das illusões, as azas brancas
As nevoas puras, que outro sol matiza,

Abrí ante meus olhos que abrazeião
E lagrimas não tem que a dor do peito
Transbordem um momento....

E tu, imagem,
Illusão de mulher, querido sonho,
Na hora derradeira, vem sentar-te,
Pensativa, saudosa, no meu leito!

O que soffres? que dor desconhecida
Inunda de pallor teu rosto virgem?
Por que tua alma dobra taciturna
Como um lyrio a um bafo d'infortunio?
Por que tão melancolica suspiras?

Illusão, idéal — á ti meus sonhos
Como os cantos a Deos se erguem gemendo!
Por ti meu pobre coração palpita.
Eu soffro tanto! meus exhaustos dias
Não sei por que logo ao nascer manchou-os
De negra prophecia um Deos irado.
Outros meu fado invejão.... Que loucura!
Que valem as ridiculas vaidades
De uma vida opulenta, os falsos mimos
De gente que não ama? Até o genio
Que Deos lançou-me á doentía fronte,

Qual semente perdida n'um rochedo,
Tudo isso que vale, se padeço!

N'essas horas talvez em mim não pensas —
Pousas sombria a desmaiada face
Na doce mão, e pendes-te sonhando
No teu mundo ideal da phantasia...
Se meu orgulho, que fraqueia agora,
Pudesse crer que ao pobre desditoso
Sagravas uma idéa, uma saudade —
Eu seria um instante venturoso!...

Mas não.... ali no baile fascinante,
Na alegria brutal da noite ardente,
No sorriso ebrioso e tresloucado
D'aquelles homens que p'ra rir um pouco
Encobrem sôb a mascara o semblante,
Tu não pensas em mim. Na tua idéa
Se minha imagem retratou-se um dia
Foi como a estrella peregrina e pallida
Sobre a face de um lago....

O LENCO D'ELLA

Quando a primeira vez, da minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto
A minha doce amante suspirando
Volvêo-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,
Mas a saudade amortecia o canto!
Lagrimas cuxugou nos olhos bellos....
E deo-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos annos comtudo ja passárão!

Não olvido porem amor tão santo!
Guardo ainda n'um cofre perfumado
O lenço d'ella que molhava o pranto....

Nunca mais a encontrei na minha vida,
Eu comtudo, meu Deos, amava tanto!
Oh! quando eu morra estendão no meu rosto
O lenço que eu banhei tambem de pranto!

RELOGIOS E BEIJOS

— TRADUZIDO DE HENRIQUE HEINE —

Quem os relogios inventou? De certo
Algum homem sombrio e friorento.
N'uma noite de inverno tristemente
Sentado na lareira elle seismava
Ouvindo os ratos a roer na alcova
E o palpitar monotono do pulso.

Quem o beijo inventou? Foi labio ardente,
Foi bocca venturosa, que vivia

Sem um cuidado mais que dar beijinhos.
Era no mez de maio. As flores candidas
A mil abrião sobre a terra verde.
O sol brilhou mais vivo em céo d'esmalte
E cantárão mais doce os passarinhos.

NAMORO A CAVALLO

Eu moro em Catumby. Mas a desgraça
Que rege minha vida malfadada
Poz lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéa namorada.

Alugo (trez mil réis) por uma tarde
Um cavallo de trote (que esparrella!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janella....

Todo o meu ordenado vai-se em flores
E em lindas folhas de papel bordado

Onde eu escrevo tremulo, amoroso
Algum verso bonito.... mas furtado

Morro pela menina, junto d'ella
Nem ouso suspirar de acanhamento....
Se ella quisesse eu acabava a historia
Como toda a Comedia — em casamento.

Hontem tinha chovido.... que desgraça!
Eu ia a trote inglez ardendo em chamma,
Mas la vae senão quando uma carroça
Minhas roupas tafúes encheo de lama....

Eu não desanimei. Se Don Quixote
No Rossinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais valente
Fui mesmo sujo ver a namorada....

Mas eis que no passar pelo sobrado
Onde habita nas lojas minha bella
Por ver-me tão lodoso ella irritada
Bateo-me sobre as ventas a janella....

O cavallo ignorante de namoros
Entre dentes tomou a bofetada,

Arripia-se, pula, e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sobre a calçada....

Dei ao diabo os namoros. Escovado
Meu chapéo que soffrera no pagode
Dei de pernas corrido e cabisbaixo
E berrando de raiva como um bode.

Circunstancia aggravante. A calça ingleza
Rasgou-se no cahir de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

PALLIDA IMAGEM

J'ai cru que j'oublierais; mais j'avais mal sondé
Les abîmes du cœur que remplit un seul rêve :
Le souvenir est là, le souvenir se lève!
Flot toujours renaissant et toujours débordé.

TURQUÉTY.

No delirio da ardente mocidade
Por tua imagem pallida vivi!
A flôr de coração do amor dos anjos
Orvalhei-a por ti!

O expirar de teu canto lamentoso
Sobre teus labios que o pallor cobria,

Minhas noites de lagrimas ardentes
E de sonhos enchia!

Foi por ti que eu pensei que a vida inteira
Não valia uma lagrima — si quer,
Senão n'um beijo tremulo de noite...
N'um olhar de mulher!

Mesmo nas horas de um amor insano,
Quando em meus braços outro seio ardia,
A tua imagem pallida passando
A minh'alma perdia.

Sempre e sempre teu rosto — as negras transas,
Tua alma nos teus olhos se expandindo!
E o collo de setim que pulsa e geme
E teus labios sorrindo!

Nas longas horas do sonhar da noite
No teu peito eu sonhava que dormia;
Pousa em meu coração a mão de neve...
Treme... como tremia.

Como palpita agora se affagando
Na morna languidez do teu olhar;

Assim viveu e morrerá sonhando
Em teus seios amar!

Si a vida é lyrio que a paixão desflora,
Meu lyrio virginal eu conservei;
Somente no passado eu tive sonhos
E outrora nunca amei!

Foi por ti que na ardente mocidade
Por uma imagem pallida vivi!
E a flor do coração do amor dos anjos
Orvalhei... só por ti!

SEIO DE VIRGEM

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir....

CLÉMENT MAROT.

O que eu sonho noite e dia,
O que me da poesia
E me torna a vida bella,
O que n'um brando roçar
Faz meu peito se agitar,
É o teu seio, donzella!

Oh! quem pintara o setim
D'esses limões de marfim,

Os leves ceruleos veios,
Na brancura deslumbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo, de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorriste do meu desejo?
Loucura! bastava um beijo
Para n'elles se morrer!

Minhas ternuras, donzella,
Voltei-as á forma bella
D'aquelles fructos de neve...
Aí duas candidas flores
Que o presentir dos amores
Faz palpitarem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que disem voluptuosos :
« Amai-nos, poetas, amai!
« Que mysteriosas venturas
« Dormem n'essas rosas puras
« E se acordarão n'um ai! »

Que lyrio, que nivea rosa,

Ou camelia setinosa
Tem uma brancura assim?
Que flor da terra ou do céo,
Que valha do seio teu
Esse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu candido vestido!
Sem ver teu seio, donzella,
Suas delicias revella
O poeta embevecido!

Donzella, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d'esposa fisér!
Que d'essa forma tão pura
Fisér com mais formosura
Seio de bella mulher!

Feliz de mim... porem não!...
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho eu no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

MINHA MUSA

Minha musa é a lembrança
Dos sonhos em que eu vivi,
É de uns labios a esperança
E a saudade que eu nutri!
É a crença que alentei,
As luas bellas que amei,
E os olhos por quem morri!

Os meus cantos de saudade
São amores que eu chorei :

São lyrios da mocidade
Que murchão por que te amei!
As minhas notas ardentes
São as lagrimas dementes
Que em teu seio derramei!

Do meu Outono os desfolhos,
Os astros do teu verão,
A languidez de teus olhos
Inspirão minha canção.
Sou poeta por que és bella,
Tenho em teus olhos, donzella,
A Musa do coração!

Se na lyra voluptuosa
Entre as fibras que estalei
Um dia atei uma rosa
Cujo aroma respirei,
Foi nas noites de ventura
Quando em tua formosura
Meus labios embriaguei!

E se tu queres, donzella,
Sentir minh'alma vibrar,
Solta essa transa tão bella,

Quero n'ella suspirar!
Descança-me no teu seio.
Ouvirás no devaneio
A minha lyra cantar!

MALVA-MACÃ

A P....

De teus seios tão mimosos
Quem gozasse o talisman!
Quem ali deitasse a fronte
Cheia de amoroso afan!
E quem n'elle respirasse
A tua malva-maçã!

Dá-me essa folha cheirosa
Que treme no seio teu!

Dá-me a folha... heide beijal-a
Sedenta no labio meu!
Não vês que o calor do seio
Tua malva emurcheceo...

A pobresinha em teu collo
Tantos amores gosou,
Viveo em tanto perfume
Que de enlevos expirou!
Quem pudesse no teu seio
Morrer como ella murchou!

Teu cabello me inebría,
Teu ardente olhar seduz;
A flor de teus olhos negros
De tua alma raia á luz,
E sinto nos labios teus
Fogo do céo que transluz!

O teu seio que estremece
Enlanguece-me de goso.
Ha um *que* de tão suave
No collo voluptuoso,
Que n'um tremulo deliquio
Faz-me sonhar venturoso!

Descançar n'esses teus braços
Fôra angelica ventura :
Fôra morrer — nos teus labios
Aspirar tua alma pura!
Fôra ser Deos dar-te um beijo
Na divina formosura!

Mas o que eu peço, donzella,
Meus amores, não é tanto!
Basta-me a flor do seio
Para que eu viva no encanto,
E em noites enamoradas
Eu verta amoroso pranto!

Oh! virgem dos meus amores,
Dá-me essa folha singela!
Quero sentir teu perfume
Nos doces aromas d'ella...
E n'essa malva-maçã
Sonhar teu seio, donzella!

Uma folha assim perdida
De um seio virgem no afan
Acorda ignotas doçuras
Com divino talisman!

Dá-me do seio esta folha
A tua malva-maçã!

Quero apertal-a a meu peito
E beijal-a com ternura...
Dormir com ella nos labios
D'esse aroma na frescura...
Beijando-a sonhar comtigo
E desmaiar de ventura!

A folha que tens no seio
De joelhos pedirei...
Se posso viver sem ella
Não o creio!... oh! eu não sei!...
Dá-m'a pelo amor de Deos,
Que sem ella morrerei!...

Pelas estrellas da noite,
Pelas brisas da manhã,
Por teus amores mais puros,
Pelo amor de tua irmã,
Dá-me essa folha cheirosa,
— A tua malva-maçã!

PENSAMENTOS D'ELLA

Talvez á noite quando a hora finda
Em que eu vivo de tua formosura
Vendo em teus olhos, n'essa face linda
A sombra de meu anjo da ventura,
Tu sorrias de mim por que não ouso
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura.

Eu sei. Entre minha alma e tua aurora
Murmura meu gelado coração.
Meu enredo morreo. Sou triste agora,

Estrella morta em noite de verão!
Prefiro amar-te bella no segredo!
Se foras minha tu verias cedo
Morrer tua illusão!

Eu não o ideal, alma celeste,
Vida pura de labios recendentes
Que teu imaginar de encantos veste
E sonhas nos teus seios innocentes.
Flor que vives de aromas e luar,
Oh! nunca possas ler do meu penar
As paginas ardentes!

Se em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte
É que — alma dormida — palpitando
No raio de teus olhos se illumina,
Em ti respira inspiração divina
E ella sonha cantando!

Não acordes comtudo. A vida n'ella
Como a ave no mar suspira e cái....
As vezes teu alento de donzella
Sobre teus labios o morrer de um ai,
Na magia de fada, n'um instante

Estremecem-na, embalão-na expirante
E lhe disem : « sonhai ! »

Mas quando o teu amante fosse esposo —
E tu, sequiosa e languida de amor,
O embalasses no seio voluptuoso
E o beijasses dos labios no calor,
Quando tremesses mais, não te doera
Sentir que n'esse peito que vivera
Murchou a vida em flôr?

POR MIM?

Teus negros olhos uma vez fitando
Senti que luz mais branda os acendia,
Pallida de languor, eu vi-te olhando —
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Esse amor que em teus olhos reflectia....
Talvez! — era por mim?

Pendeste, suspirando, a face pura,
Morreo nos labios teus um ai perdido. ..
Tão ebrio de paixão e de ventura!
Mulher de meu amor, meu seraphim,

Por quem era o suspiro amortecido?
Suspiravas por mim?

Mas.... eu sei!.... ai de mim? Eu vi na dança
Um olhar que em teus olhos se fitava....
Ouvi outro suspiro.... d'esperança!
Mulher do meu amor, meu seraphim,
Teu olhar, teu suspiro que matava....
Oh! não erão por mim!

LELIA

Passou talvez ao alvejar da lua,
Como incerta visão na face fria :
Mas o vento do mar não escutou-lhe
Uma voz a seu Deos!... ella não cria!

Uma noite aos murmurios do piano
Pallida misturou um canto aerio....
Parecia de amor tremer-lhe a vida
Revelando nos labios um mysterio!

Porem quando expirou a voz nos labios
Ergueo sem pranto a fronte descorada,

Pousou a fria mão no seio inmovel
Sentou-se no divan.... sempre gelada!

Passou talvez do cemiterio á sombra
Mas nunca n'uma cruz deixou seu ramo;
Ninguem se lembra de lhe ter ouvido
N'uma febre de amor diser: « eu amo! »

Não chora por ninguem.... e quando á noite
Lhe beija o somno as palpebras sombrias,
Não procura seu anjo á cabeceira
E não tem orações, mas ironias!

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou n'essa mulher um hymno d'alma
E uma flor para a fronte moribunda.

Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo:
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebria e que devora!

Descrê. Derrama fel em cada riso —
Alma esteril não sonha uma utopia....

Anjo maldito salpicou veneno
Nos labios que tressuão de ironia.

É formosa comtudo. Ha n'essa imagem
No silencio da estatua alabastrina
Como um anjo perdido que resumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Ha n'esse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixona
O genio de Satan que transverbera,
E o languor pensativo da Madona!

É formosa, meu Deos! Desde que a vi
Na minha alma suspira a sombra d'ella,
E sinto que podia n'essa vida
N'um seu languido olhar morrer por ella.

MORENA

O' Thereza, úm outro beijo! e abandona-me a meus sonhos e a meus suaves delirios.

JACOPO ORTIS.

É loucura, meu anjo, é loucura
Os amores por anjos.... eu sei!
Forão sonhos, foi louca ternura
Esse amôr que a teus pés derramei!

Quando a fronte requeima e delira,
Quando o labio desbota de amor,

Quando as cordas rebentão na lyra
Que palpita no seio ao cantor,

Quando a vida nas dores é morta
Ter amores nos sonhos é crime?
É loucura : eu o sei! mas que importa?
Ai! morena! és tão bella!... perdi-me!

Quando tudo, na insomnia do leito,
No delirio de amor devaneia
E no fundo do tremulo peito
Fogo lento no sangue se ateia;

Quando a vida nos prantos se escôa,
Não merece o amante perdão?
Ai! morena! és tão bella! perdoa!
Foi um sonho do meu coração!

Foi um sonho.... não córes de pejo!
Foi um sonho tão puro!... ai de mim!
Mal gosei-lhe as frescuras de um beijo!
Ai! não córes, não córes assim!

Não suspires! por que suspirar?
Quando o vento n'um lyrio soluça,

E desmaia no longo beijar,
E offegante de amôr se debruça,

Quando a vida lhe foge, lhe treme,
Pobre vida do seu coração,
Essa flor que o ouvira, que geme,
Não lhe dera no seio o perdão?

Mas não cores! se queres, afogo
No meu seio o fogoso anhelar!
Calarei meus suspiros de fogo
E esse amor que me hade matar!

Morrerei, ó morena, em segredo!
Um perdido na terra sou eu!
Ai! teu sonho não morra tão cedo
Como a vida em meu peito morrêo!

12 DE SETEMBRO

I

O sol oriental brilha nas nuvens,
Mais docemente a viração murmura
E mais doce no valle a primavera
Saudosa e juvenil e toda em rosa
Como os ramos sem folhas
Do pecegueiro um flor.

Ergue-te, minha noiva, ó naturesa!
Somos sós — eu e tu : — acorda e canta
No dia de meus annos!

II

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura —
Nem ultima illusão beija e conforta
Meu ardente dormir...

III

Tenho febre — meu cerebro transborda,
Eu morrerei mancebo — inda sonhando
Da esperança o fulgor.
Oh! cantemos inda: a ultima corda
Treme na lyra... morrerei cantando
O meu unico amor!

IV

Meu amor foi o sol que madrugava
O canto matinal da cotovia
E a roza predilecta...
Fui um louco, meu Deos, quando tentava
Descorado e febril nodoar na orgia
Os sonhos de poeta...

V

Meu amor foi a verde larangeira
Que ao luar orvalhoso entre abre as flores
Melhor que ao meio dia
As campinas — a lúa forasteira,
Que triste, como eu sou, sonhando amores
Se embebe de harmonia. —

VI

Meu amor foi a mão que me alentava,
Que viveo e esperou por minha vida,
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De roto bandolim...

VII

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei o meu anjo noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto...
Não poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

VIII

Passei como Dom Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flor das faces bellas
Sorvi o mel nas longas despedidas...
Meu Deos! ninguem me amou!

IX

Vivi na solidão — odeio o mundo
E no orgulho embucei meu rosto pallido
Como um astro na treva...
Senti a vida um lupanar immundo —
Se acorda o triste profanado, esqualido
— A morte fria o leva...

X

E quantos vivos não cahirão frios
Manchados de embriaguez na orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morrerão inda sombrios
Sem remorso dos loucos devancios...
— Sentindo o precipicio!

XI

Perdoa-lhes, meu Deos! o sol da vida
Nas arterias ateia o sangue em lava
E o cerebro varía...
O seculo na vaga enfurecida
Levou a geração que se acordava...
E nuta de agonia...

XII

São tristes d'este seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir —
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

XIII

Fora bello talvez em pé, de novo
Como Byron surgir, ou na tormenta
O heroe de Waterloo
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão nas nuvens que rebenta
E o raio derramou!

XIV

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Gœthe, e reunir na fibra
Byron, Homero e Dante;
Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação, e o som que vibra
A terra palpitante...

XV

Mas ah! o viajor nos cemiterios
N'essas nuas caveiras não escuta
Vossas almas errantes,
Do estandarte da sombra nos imperios
A morte — como a torpe prostituta —
Não distingue os amantes.

XVI

Eu pobre sonhador — em terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente
Comvosco dormirei,
E d'entre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

XVII

Oh! morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer--
Voltará amanhã — aziagas sinas
Da terra sobre a face macilenta
Esperar e soffrer?

XVIII

Meu Deos, antes — meu Deos — que uma outra vida
Com teu sopro eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila.:.
A estrella de verão no céo perdida
Tambem ás vezes teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

SOMBRA DE D. JUAN

A dream that was not at all a dream.
LORD BYRON, *Darkness*.

I

Cerraste emfim as palpebras sombrias
E a fronte esverdeou da morte á sombra
Como lampada exhausta!
E agora no silencio do sepulchro
Sonhas o amor — os seios de alabastro
Das languidas amantes?

E Haidéa virgem pela praia errando
Aos murmurios do mar que lhe suspira
Como incognito desejo —
Te sussurra delicias vaporosas,
E o formoso estrangeiro adormecido
Entrebeija tremendo?

Ou a pallida fronte libertina
Relembra a tez, o talhe voluptuoso
Da Oriental semi-núa?
Ou o vento da noite em teus cabellos
Susurra, lembra do passado as nodoas
No tumulo sem letras?

Ergue-te, libertino! eu não te acordo
Por que nas orgias te avermelha a face
Que morte amarellou...
Nem pelo jogo, e noites délirantes,
Nem do ouro a febre, e da perdida os labios
E a convulsão nocturna!

Não, bello Hespanhol! Venho sentar-me
Á borda do teu leito, por que febre
Minha insomnia devora;
Por que não durmo quando o sonho passa

E do passado o manto profanado
Me roça pela face!

Quero na sombra conversar comtigo,
Quero me digas tuas noites breves :
As febres e as donzellas
Que ao fogo do viver murchaste ao peito!
Ergue-te um pouco da mortalha branca,
Acorda-te, Don Juan!

Comtigo velarei : do teu sudario
Nas dobras negras deporei a fronte,
Como um collo de mãi :
E como leviano peregrino
Da vida as aguas saudarei sorrindo
Na estrema do infinito!

E quando a ironia regelar-se
E a morte me azular os labios frios
E o peito emudecer,
No vinho queimador, no golo extremo
N'um riso — á vida brindarei zombando
E dormirei comtigo!

II

Mas não: não veio na mortalha envolto
Don Juan semi-nú com rir descrido
Zombando do passado —
Só além — onde as folhas alvejavão,
Ao luar que banhava o cemiterio
Vi um vulto na sombra.

Cantava: ao peito o bandolim saudoso
Apertava: qual nú e perfumado
A Madona seu filho;
E a vóz do bandolim se repassava,
Mais languidez bebia resoando
No cavernoso peito.

Do *sombrero* despio a fronte pallida,
Ergueo á lúa a pallidez do rosto
Que lagrimas enchião...
Cantava: eu o escutei... amei-lhe o canto,
Com elle suspirei, chorei com elle —
— O vulto era Don Juan!...

III

A CANÇÃO DE DON JUAN

« O' faces morenas! ó labios de flor,
Ouvi-me a guitarra que trina louçan,
Eu trago meu peito, meus beijos de amor,
O' labios de flor,
Eu sou Don Juan!

« Nas brisas da noite, no frouxo luar,
Nos beijos do vento, na fresca manhã,
Dizei-me : não viste n'um sonho passar,
No frouxo luar
Febril — Don Juan?

« Acordem, acordem, ó minhas donzellas!
A brisa nas aguas lateja de afan!
Meus labios tem fogo, e as noites são bellas,
O' minhas donzellas,
Eu sou Don Juan!

« Ai! nunca sentistes o amor d'Hespanhol!
Nos labios mimosos de flor de romã
Os beijos que queimão no fogo do sol!
Eu sou o Hespanhol:
Eu sou Don Juan!

« Que amor, que sonhos no febril passado!
Que tantas illusões no amor ardente!
E que pallidas faces de donzella
Que por mim desmaiarão docemente!

« Eu era o vendaval que ás flores puras
Do amor nas manhãs o labio abria!
Se murchei-as depois — é que espedaça
As flores da montanha a ventania!

« E tão bellas, meu Deos! e as niveas perolas
Mergulhei-as no lado uma per uma,
De meus sonhos de amor nada me resta!
Em negras ondas só vermelha escuma!

« Anjos que desflorei! que desmaiados
Na torrente lancei do lupanar!
Crianças que dormião no meu peito
E acordarão da magoa ao soluçar!

« E não tremem as folhas no susurro,
E as almas não palpitão-se de afan!
Quando entre a chuva rebuçado passa
Saciado de beijos Don Juan? »

IV

Como virgem que sente esmorecer
N'um halito de amor a vida bella,
Que desmaia, que treme :
Como virgem nas lentas agonias
Os seus olhos azues aos ceos erguendo
Co'as mãos niveas no seio...

Presentindo que o sangue lhe resfria
E que nas faces pallidas a beija
O anjo da agonia...
Exhala ainda o canto harmonioso...
Casualina pendida onde sussurra
O anoitecer da vida!

Assim nos labios e nas cordas meigas
Do palpitante bandolim a magoa

Gemia como o vento,
Como o cysne que boia, que se perde
Na lagoa da morte geme ainda
O cantico saudoso!

Mas depois no silencio uma risada
Convulsiva arquejou... rompeo as cordas
Das ternas assonias,
Rompêo-as e sem dó... e n'outras fibras
Corria os dedos descuidozo e frio
Salpicando-as d'escarneo...

V

« Os homens semelhão as modas de um dia,
É velha e passada
A roupa manchada :
Porém quem diria
Que é moda de um dia,
Que é velho Don Juan?!

« Os annos que passem nos negros cabellos :
Branquêem de neve

As c'roas que teve!
Disei, anjos bellos
De negros cabellos
Se é velho Don Juan!

« E quando no seio das tremulas bellas
De noite suspira
E nuta e delira —
Que digão pois ellas
As tremulas bellas
Se é velho Don Juan!

« Que o diga a Sultana, a violenta Hespanhola
A loira Allemã —
E a grega louçã!
Que o diga a Hespanhola
Que a noite consola,
Se é velho Don Juan!

« . . . . . .
. . . . . »

VI

Era longa a canção... Cantou, e o vento
Nos cyprestes com elle escorrecia!
Pendeo a fronte — os labios
Emmudecerão como cala o vento
Do tropico na podre calmaria...
Scismava Don Juan.

NA VARZEA

Como é bella a manhã! Como entre a nevoa
A cidade sombria ao sol clareia
E o manto dos pinheiros se avelluda!
E o orvalho gotteja dos coqueiros
E dos valles o aroma acorda o passaro,
E o fogoso corsel no campo aberto
Sorve d'alva o frescor, sacode as clinas,
Respira na amplidão, no orvalho rola,
Cobre em leito de folhas novo alento
E galopa nitrindo!

Agora que a manhã é fresca e branca

E o campo solitario e o val se arreia.
O' meu amigo, passeemos juntos
Na varzea que do rio as aguas negras
Humedecem fecundas :

O campo é só — na chacara florida
Dorme o homem do valle, e no convento
Scintilla á medo a lampada da virgem,
Que pallidas vestaes no altar acendem!

Tudo acorda, meu Deus! N'essas campinas!
Os cantos do senhor erguem-se em nuvens
Como o perfume que envapora o leito
Do lyrio virginal!

Acorda-te, ó amigo — quando brilha
Em toda a naturesa tanto encanto,
Tanta magía pelo céo fluctua
E chovem sobre os valles harmonias —
É descrer do Senhor dormir no tedio,
É renegar das santas maravilhas
O ardente coração não expandir-se,
E alma não jubilar dentro do peito!

La onde mais suave entre os coqueiros
O vento da manhã nas casualinas

Cicia mais ardente suspirando,
Como de noite no pinhal sombrio
Aerio canto de não vista sombra,
Que enche o ar de tristeza e amor transpira,
La onde o rio mollemente chora
Nas campinas em flor e rola triste —
Alveja á sombra habitação ditosa,
Corôa os frisos da janella verde,
A trepadeira em flor do jasmineiro
E pelo muro se avermelha a rosa.
Ali quando a manhã acorda a bella —
A bella que eu sonhei nos meus amores,
Ao primeiro calor do sol d'aurora
Entorna-se da flor o doce aroma,
Inda mais doce em matutino orvalho,
— Nas transas negras da donzella pallida,
Mais bella que o diamante se avelluda
Camelia fresca, inda em botão, tingida
De neve e de coral — no seio d'ella
Não reluz o collar — em negro fio
A cruz da infancia melhor guarda o seio
Que o amor virginal beija tremendo
E os ais do coração melhor perfuma...

Vém comigo, mancebo — aqui sentemo-nos :
Ella dorme : a janella inda cerrada

Se encheo de rosas e jasmins á noite,
E as flores virgens com o aberto seio
Um beijo da donzella ainda implorão.
. . . . . .

Mais doce o canto foge de mistura
Co' as doces notas do violão divino,
Anjo da vida te verteo nos labios
O mel dos seraphins que a voz serena
Que a transborda de encanto e de harmonia
E faz ao echo sem pulsar meu peito!

Suspire o violão : nos seus lamentos
Murmura essa canção dos meus amores,
Que este peito sangrento lhe votára,
Quando a seos pés ardente a phantasía
Em doce engano derramei minh'alma!

Quando a brisa seus ais melhor afina,
Quando a frauta no mar branda suspira
Com mais encanto as folhas do salgueiro
Debrução-se nas aguas solitarias,
E deixão gota a gota no argenteo orvalho
Como prantos nas folhas deslizar-se.

Quando a voz de cantor perder-se á noite

Na margem da torrente ou nas campinas,
Ou no umbroso jardim que flores cobrem —
Mais doce a noite pelo céo vaguêa,
Melhor florescem as nocturnas flores,
E o seio da mulher, que a noite emballa
Pulsa quente e febril com mais ternura!

Se o anjo de meus timidos amores
Podesse ouvir-te os candidos suspiros
Que a minha dor de amante lhe revelão!
Se ella acordasse, nos cabellos soltos
Inda o semblante somnolento e pallido
E o seio semi-nú e os hombros niveos
E as tremulas mãos cobrindo o seio...
Se esta janella n'um instante abrisse
A fada da ventura — embora apenas
Um instante... um só... Meus pobres sonhos
Como saudosos vos murchais sedentos!
Flores do mar que um triste vagabundo
Arrancou de seu leito humedecido,
E grosseiro apertou nas mãos ardentes...
Eu morro de saudade e só me nutro
Inda nas tristes, desbotadas veias
O sangue do passado e da esperança!

O EDITOR

— A poesia transcripta é de Torquato,
Désse pobre poeta enamorado
Pelos encantos de Leonora esquiva,
Copiei-a do proprio manuscripto
E para prova da verdade pura
D'este prologo meu, basta que eu diga
Que a letra era um garrancho indecifravel,
Mistura de borrões e linhas tortas,
Trouxe-me do Archivo lá da lúa
E decifrou-m'a familiar demonio.

Demais — infelizmente é bem verdade
Que Tasso lastimou-se da penuria
De não ter um ceitil para candeia.

Provo com isso que do mundo todo
O sol é este Deos indefinivel,
Ouro, prata, papel, ou mesmo cobre,
Mais santo do que os Papas — o dinheiro!

Byron no seu *Don Juan* votou-lhe cantos,
Filyntho Elysio e Tolentino o sonhão,
Foi o Deos de Bocage e d'Aretino,
Aretino, essa incrivel creatura
Livida e tenebrosa, impura e bella,
Sublime... e sem pudor, onda de lodo,
Em que do genio profanou-se a perola,
Vaso d'ouro que um oxydo terrivel
Envenenou de morte, alma poeta
Que tudo profanou com as mãos immundas,
E latio como um cão mordendo um seculo...

. . . . . .

Quem não ama o dinheiro? Não me engano
Se creio que Satan á noite veio

Aos ouvidos de Adão adormecido
Na sua hora primeira, murmurar-lhe
Essa palavra magica da vida,
Que vibra musical em todo o mundo.

Se houvesse o Deos vintém no Paraiso
Eva não se tentava pelas fructas,
Pela rubra maça não se perdera;
Preferira de certo o louro amante
Que tine tão suave e é tão macio!

Se não faltasse o tempo a meus trabalhos
Eu mostraria quanto o povo mente
Quando diz — que a poesia engeita, odeia
As moedinhas doiradas. — É mentira!

Desde Homero (que até pedia cobre),
Virgilio, Horacio, Calderon, Racine,
Boileau e o fabuleiro Lafontaine
E tantos que melhor de certo fora
Dos poetas copiar algum catalogo,
Todos a mil e mil por elle vivem,
E alguns chegarão a morrer por elle!
Eu só peço licença de fazer-vos
Uma simples pergunta. Na gaveta

Se Camões visse o brilho do dinheiro —
Malfilatre, Gilbert, o altivo Chatterton
Se o tivessem nas rotas algibeiras
Acaso blasphemando morrerião?

OH! NÃO MALDIGÃO!

Oh! não maldigão o mancebo exhausto
Que nas orgias gastou o peito insano,
Que foi ao lupanar pedir um leito
Onde a sêde febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pedio ao vicio os beijos de veneno :
E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Miserrimo! não creu!... Não o maldigão,
Se uma sina fatal o arrebatava:
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nos solidões do crime.

Oh! não maldigão o mancebo exhausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos
Que lhes manchou as perfumadas transas
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se elle poeta nodoou seus labios
É que fervia um coração de fogo,
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emudecia!

E quando p'la manhã da longa insomnia
Do leito profanado elle se erguia
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios;

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina,
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavão;

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra,
E a alma que chorava a infamia d'elle
Seccava o pranto e suspirava ainda!

DINHEIRO

Oh! argent! Avec toi on est beau, jeune, adoré; on a considération, honneur, qualités, vertus. Quand on n'a point d'argent, on est dans la dépendance de toutes choses et de tout le monde.

CHATEAUBRIAND.

Sem elle não ha cova — quem enterra
Assim gratis a Deo? O baptisado
Tambem custa dinheiro. Quem namora
Sem pagar as pratinhas ao Mercurio?
Demais as Danáes tambem o adorão.
Quem imprime seus versos, quem passeia,
Quem sobe a Deputado, até Ministro,

Quem é mesmo Eleitor, embora sabio,
Embora genio, talentosa fronte,
Alma Romana, se não tem dinheiro?
Fora a canalha de vasios bolços!
O mundo é para todos.... Certamente,
Assim o dice Deus — mas esse texto
Explica-se melhor e d'outro modo.
Houve um erro de imprensa no Evangelho :
O mundo é um festim — concordo n'esso,
Mas não entra ninguem sem ter as louras.

ADEOS, MEUS SONHOS!

Adeos, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existencia uma saudade!
E a tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Miserrimo! votei meus pobres dias
Á sina douda de um amor sem fructo,
A minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.

Que me resta, meu Deus? morra comigo
A estrella de meus candidos amores
Ja que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!

MINHA DESGRACA

Minha desgraça, não, não é ser poeta,
Nem na terra de amor não ter um echo,
E meu anjo de Deos, o meu planeta
Tratar-me como trata-se um boneco....

Não é andar de cotovellos rotos,
Ter duro como pedra o travesseiro....
Eu sei.... O mundo é um lodaçal perdido
Cujo sol (quem m'o dera!) é o dinheiro....

Minha desgraça, ó candida donzella,
O que faz que o meu peito assim blasphema,
É ter para escrever todo um poema,
E não ter um vintem para uma vela.

PAGINA ROTA

Et pourtant que le parfum d'un pur amour est suave!

GEORGE SAND.

Meu pobre coração que estremecias,
Suspira a desmaiar no peito meu :
Para enchêl-o de amor, tu bem sabias
Bastava um beijo teu!

Como o valle nas brisas se acalenta,
O triste coração no amor dormia;

Na saudade, na lua macilenta
Sequioso ar bebia!

Se nos sonhos da noite se emballava
Sem um gemido, sem um ai se quer,
É que o leite da vida elle sonhava
N'um seio de mulher!

Se abrio tremendo os intimos refolhos,
Se junto de teu seio elle tremia,
É que lia a ventura nos teus olhos,
E que d'elles vivia!

Via o futuro em magicos espelhos,
Tua bella visão o enfeitiçava,
Sonhava adormecer nos teus joelhos
Tanto enlevo sonhava!

Vinha nos sonhos d'elle a tua imagem
Que de beijos de amor o recendia:
E de noite nos hálitos da aragem
Teu alento sentia!

O' pallida mulher! se negra sina
Meu berço abandonado me emballou,

Não te rias da sede peregrina
D'essa alma que te amou.

Que sonhava em teus labios de ternura
Das noites do passado se esquecer ;
Ter um leito suave de ventura....
E amor.... onde morrer!

CARTA

ESCRIPTA DE S. PAULO EM 1851

12 de agosto.

Minha irmã,

No dia de teus annos que queres que eu te diga?

Que os annos da virgem são como as manhãs das flores? E que na aurora da vida flores e donzellas, scintillantes do orvalho de Deos, tem mais pureza e perfume?

Não. Dir-te-hei somente uma cousa. É que lá no Rio vale talvez a pena fazer annos. N'uma tarde de primavera, e d'esperança, vivendo e sentindo-se viver, é doce por ventura sentir que mais um anno passou como um sonho, mais um anno de saudade e felicidade.

Aqui não accontece assim. O céo tem nevoas, a terra não tem verdura, as tardes não tem perfume. É uma miseria! É para desgostar um homem toda a sua vida de ver ruinas! Tudo aqui parece velho e centenario... até as moças! São insipidas como a mesma velhice!

O dia 12 de Setembro está para chegar. Estou quasi não fasendo annos d'esta vez.

Adeos, minha irmã. A pagina nova da vida que se abrio hoje seja tão feliz como a que se fechou hontem. O dia seja bello como a aurora, — o futuro tão suave como a saudade é doce. Adeos!

É a palavra que de entre as taipas em ruinas da *nossa terra* te envia

teu irmão do C.

Azevedo.

LUCANO

Roma é o Protheo mythico, na historia. A fascinação das formas mais altivas e mais bellas, tudo isso ella soube.

Roma a bandida, poviléo de homens perdidos, foi a Roma de Fabricio e Cincinato, de Fabio e Catão-Censor, foi o lábarum de heroismos de toda uma epoca.

A Roma guerreira e severa, dos indomados brios, foi tambem a Roma prostituta d'essa epoca que resvallou de Cesar — o *mæchum calvum* — como a soldadesca o chamava, o *muliebrum omnium uxor, hominumque omnium mulier* — como elle se disia — polas saturnaes regias dos

Cesares. Athenco, Salviano, Luciano, Ammiano Marcellino — e entre todos esses, a voz sublime de maldição de Tacito, substituem ahi aquelle Tito Livio onde Niebuhr sentira o transverberar de uma epopéa.

A terceira phase é mais singular. Sobre as lupanares romanas, na pocilga da cidade voluptuósa, passou o lustral do christianismo. Roma foi a Cidade Santa.

Depois, a Cidade Eterna foi outra vez a rainha da devassidão. Nos salões do Vaticano pernoitarão trepidantes as orgias com mulheres perdidas. Alexandre VI o papa nos braços incestuosos de Lucrecia Borgia, eis um typo da epoca... A Papisa Joanna (verdade ou mentira, que importa?) assignalou a era infame da Ponocracia.

A plebe christã de Roma de então bastardeou seos avoengos do christianismo, como o poviléo Romano dos Cesares renegou as suas lendas do passado. Rienzi foi um meteóro que só servio para mostrar as trevas de um povo morto de ebriedade, cahido de pocema em pocema, maldito e reprobo ainda no seo fanatismo — assim como Garibaldi em nossos dias (aquelle palpitar de uma nação inda titubante do somno de infamia e servilismo) só servio para apontar ao mundo inteiro mais um typo da raça espuria que degenerava da sua historia republicana, e o anachronismo do poder absoluto representado na terra das antigas franquesas pelo herdeiro do pescador de Ga-

liléa — por aquelle que devia ser o gonfaloneiro da liberdade e da igualdade.

Lucano é uma pagina dos fastos d'essa Roma Caracter brilhante — a luz que aureolava aquella fronte de poeta só servio para mostrar a escuridão de um povo inteiro labutando nas trevas do paganismo, nas saturnaes de um culto absurdo e maldito no torpe de seos mythos.

Ha homens que resumem na altivez da fronte uma epoca inteira. Guerreiros — tornão-se a expressão materialisada das tendencias instinctivas, ou o braço das aspirações espirituaes; poetas — fazem-se a synthese de um volver atropellado de idéas, o fóco concentrativo de mil lumieiros, de mil alvos individuaes que se aúnão, se harmonisão n'uma unidade ainda em seu ser vario, com suas crenças e philosophia, com sua poesia e o arreigar intimo da fé embebida de religiões.

Homero, Tasso e Camões forão homens assim. Na antiguidade o painel mais soberbo e mais verdadeiro d'aquellas eras, onde a intelligencia como em todas as infancias populares se avultava no plastico de formas estatuarias, quando ou a raça Adamita era mais accesa de vida nos musculos inda jovens, ou o athletismo tinha mais azo e desenvolvimento nos pugilatos do circo e na educação robusta d'aquelles tempos viris — é o livro de Homero. A grandesa d'aquellas paixões dos héroas a meio perdidos no confuso dos mythos — o orgulho d'a-

quellas raças herculeas agitavão o atropellar igneo das entranhas do homem — o amor ahi elevado como nos protagonistas da scena de Eschylo nos cothurnos, nas longas chlamydes, e nas mascaras de labios metallicos — não é só a fervura de um sangue máo, como diz o Iago Shakspeariano, — é o vibrar agourento como o ramalhar Dodonêo. O ciume não se cala ahi ao abafamento como no Othelo. São as multidões guerreiras da Grecia semi-barbara, que rugem tigrinas ás muralhas Troyanas por uma mulher que adormece acalentada nos beijos perfumados de Páris, no voluptuoso das lyras amorosas.

A epopéa do Tasso é a vibração d'aquella grande harpa Européa, é o christianismo no fanatismo, o instincto guerreiro dos povos que entrevêem na igualdade de sangue do campo da lide, na igualdade da valentia, a igualdade do porvir — o instincto guerreiro dos reis, que querem mostrar aos povos quanto lhes vai de realesa no brio assim como na fronte diademada. Entre a tendencia egoista e centralisadora dos reis e a tendencia de liberdade do poviléo, ha ahi a aspiração cavalleiresca — de pairar com as aguias montezas sobre o vôo das aves da planura sobre aquellas cabeças de plebe valente. Era um duello de brio entre a fidalguia e a plebe,— era um duello de brio e de alta politica entre o rei e o demais do povo — e o feudalismo.

Os Lusiadas não se assemelhão ao Tasso — por que ahi a imaginação epica teve outro bebedouro d'inspiração. É a geração dos campeadòres do christianismo nas terras Portuguesas que leva seo valor á sombra de suas quinas até as terras Indiaticas e Americanas.

Eis ahi pois. A epopéa, isto é, o sublime da historia clama por seo evocador — como a amante por seo poeta. A epopéa a não ser um anachronismo seria um absurdo n'um tempo de marasmo.

Virgilio parece uma excepção. Elle não era d'aquelles que como Homero ou o Buonarotti o pintor lavrão sua croação selvagem ás vezes, mas grandiosa desde que o genio derramou-se-lhe ahi por luz. O cantor macio das Eclogas, o suavissimo sonhador d'aquelle Pausilippo onde no azul-loio das vagas salpicadas d'oiro da tarde, no ròseo vaporento dos verões Parthenopêos, exhalão-se perfumadas auras como vibrações de poesia — o placido poeta das Georgicas não tinha aquelle largo craneo homerico onde os raios de luz como de fronte Olympica — não tinha o mystico do olhar profundo de Dante ou Miguel Angelo — a cuja evocação como o annel de Giges erguem-se os phantasmas do passado. Em Virgilio o que reluz é o transverberar pela fronte marmorea, inda á sombra dos louros, do genio Helleno — e ainda ahi, inda entre o naufragio com todos os seos horrores, na peleja das vagabundas reliquias de Ilion nas praias da Italia —

inda ante á convulsão de morte de Turno banhado de sangue, passão visões bellas como Dido a suicida, e Lavinia.

Lucano é sim um poeta ao geito de Meonio. O tempo d'elle era uma epoca singular. A vóz fatidica do deos Pan clamára nas tênebras do mar Siculo « os deoses morrerão! » — e a geração descrida dos velhos pagãos se mergulhava nas ondas lethargicas da saturnal bacchante.

Em meio d'aquella era onde o ar abafava, e as nuvens gemebundas de procellarias se abatião negras nas gaveas da náo Romana — na metaphora Horaciana — como ante o aproximar dos bafos da tormenta, havia um ardor de volcão preste a romper-se, um vapor vertiginoso de crepusculo de verão que travava do espirito. Lucano, em sua alma afervorada de um enthusiasmo antigo, n'aquella imaginação de poeta cuja carreira de sonhos gigantescos ia terminar no fado do complice dos Pisões — aquelle soberbo vulto de moço que assombro das eras de loucura ourada em lenocinios de hyena, n'aquelle queimar deliroso que accendera no coração de Nero todas ancias de um tigre que sacia-se em vingança no seo canto sombrio de alegrias freneticas ante Roma lavrada de chammas — aquella fronte inda altaneira no livor do suicidio — morto pela liberdade como Catão — a não poder morrer pela gloria como Junio Bruto!

O Pantheon desabava no mar sanguento das proscrip-

ções nas ruas inda vermelhas. Era uma tendencia de ha muito n'aquella embriaguez famelenta de mortuarias á identificação d'aquellas turbas ardentes na fronte laureada de um homem. Foi uma das reacções que se notão em todas as febres de phrenesí turbido de humanidade — uma d'aquellas que alção os Cromwells e os Bonapartes ao solio deslumbrador da omnipotencia monarchica. Era entre o muito instincto de morticinio, n'aquella cabeça turva da moribunda cidade-rainha, uma tendencia á escravidão. Mario, Sylla, Catilina, o havião comprehendido — e legarão a herdança de ambição ao rival de Pompeo — *Julio Cesar*.

Ahi no decahido das estatuas marmoreas do paganismo de Hesiodo o vate, e de Phidias o esculptor do Parthenon, a humanidade crescia mais altiva. A soberbia olympica do Deos tonante, o denodo do Alcmenêo destimido, não se reverberão n'aquelle busto de Romano, mais altaneiro á desbotada luz do relampago, clamando ao barqueiro livido — *Cæsarem vehis* —?

Julio Cesar era certo o heroe da epoca. Com os vicios e a infamia licenciosa do povo Romano de então — a rigidez de vontade, as lettras e a eloquencia enthusiastica e forte dos seculos mais bellos da Grecia — unidos á dissimulação mais funda que lhe prestava todos os recursos a tempo — tudo isso fasia de Cesar o Alcida que tinha de deitar-se aos pés da caprichosa Omphale republicana.

A epopéa de Pharsalia não podia nem devia deslumbrar aos relampagos do Olympo. Perdendo o mytho, desnebrinando-se da fabula helenica ganhava em verdade, por ventura em *unidade de acção* o que não sei se perdia em grandesa — por que a verdade o é tambem : — não sei o que haja mais sublime que o sublime historico.

E tambem, depois da poesia helleno-latina era impossivel acordar aquelles colossos do paganismo com brilhantismo homerico — não só por que Homero viera primeiro, e por que fôra o genio maior da antiguidade; mas tambem por que Homero cria, e Lucano, á decadencia descrida de Roma, não cria — e a poesia da religião é a fé.

Assim pois, não ha julgar a epopéa de Lucano pela Poetica Aristotelica. A Poetica, com todas as leis, deve variar com as suas condições de existencia, com suas mudanças de relações. Leis irrevogaveis — eis uma utopia muito maior ainda na arte — um de cujos fins é o bello e o aperfeiçoamento do bello — do que na legislação — cujo fim é o justo e a realisação do justo.

Comparando Virgilio e Lucano, não irei negar a superioridade d'aquelle. Profana ousadia minha fôra o romper-lhe alguma das bagas da laurea. Com tudo, no parallelo tem-se dado como um defeito a Lucano o methodo do seu poema. Quizeram-lhe o resaibo do céo grego para coroar sua melopéa como o côro nas producções an-

tigas. Quanto a nós, por mais bello que seja o typo da copia, desde que a producção não tenha em si a luz da originalidade, acharemos n'ella talvez doçura, arte — mas a grandesa do genio?... Não sei.

Virgilio não estudou só Homero, — coseo muitos dos broslados de purpura d'aquelle manto oriental na sua tunica Romana. Ás vezes não é só um imitadòr — é um plagiario. Que isso se desse para com Ennio — embora: era, como disia o Mantuano, o *aurum de stercore*. Mas Homero...

Se em Lucano se revê o modelo, se no molde d'aquella estatua de dictator, sente-se-lhe passarem sombras — como bandos de grous no cantar gemido de suas magoas — na expressão do Dante, vislumbres do passado grego, — sente-se-lhe com tudo entre o borbotoar fervoroso das idéas volcanicas, n'aquelle embater de imagens que borbotoão fecundas em torrente dos labios homericos do vate — um *que* de novo, como uma litteratura que aponta mais livre nas ruinas de uma litteratura avelhentada.

A Pharsalia é uma chronica em verso, dicerão-no, e crerão-no doesto. «Um chronicon-poema não podia ser sublime» — scismárão talvez os criticos na sua aridez de cerebro sem vida e sem criação. Pobres criticos! E os Annaes de Tacito? Que ha ahi mais sublime que o stylo do velho chronista, escrevendo no seu sacerdocio de vin-

gança ao pedestal do porvir as suas linhas, onde cada pagina assignala um crime, e cada crime uma maldição do severo Romano!

Pobres criticos! — E com tudo nem o *Tiberio* de J. M. Chénier, nem sequer o *Britannico* de Racine — nada d'isso vale o pergaminho do annalista Romano. Pobres criticos! Rião — do seu rir frio e amargo — de uma chronica que fosse ao mesmo tempo um poema! E onde mais bella a quiserão — a poesia — que nos *Girondinos* de Lamartine — ou n'aquelle tombo de sanguentas recordações, no livro de diagnostico da febre da carnagem revolucionaria, o *Monitor* — ou n'aquelle poema continuativo do drama da *Montanha*, a historia escripta á ponta d'espada por mil campos de batalha européos e funebre como um côro de morte, cerrada no rochedo nu e candente da Africa — a epopea sublime do homem do seculo a quem todas as grandes imaginações da epoca derão seu quinhão de poesia — de W. Scott e Byron a V. Hugo e Lamartine, do cancioneiro de Béranger á epopéa lyrica de Edgar Quinet?

SONETO

Oh! paginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doudo que eu fui! como eu pensava
Em mãi, amor de irmã! em socegado
Adormecer na vida acalentado
Pelos labios que eu timido beijava!

Embora — é meo destino. Em treva densa

Dentro do peito a existencia finda ..
Presinto a morte na fatal doença!...

A mim a solidão da noite infinda!
Possa dormir o trovador sem crença...
Perdoa, minha mãi — eu te amo ainda!

CARTA

SOBRE

A ACTUALIDADE DO THEATRO ENTRE NÓS

O que eu lhe vou diser é triste, é lastimoso para quem o diz : tanto mais que elle o faz com a plena convicção de que falla ao indifferentismo.

É uma miseria o estado do nosso theatro : é uma miseria ver que só temos o João Caetano e a Ludovina. A representação de uma boa concepção dramatica se torna difficil. Quando só ha dois actores de força sujeitamo-nos ainda a ter só dramas coxos, sem força e sem vida, ou a ver estropiar as obras do genio.

Os melhores dramas de Schiller, de Gœthe, de Dumas

não se realisão como devem O « Sardanapalo » de Byron, tradusido por uma penna talentosa, foi julgado impossivel de levar-se á scena. No caso do *Sardanapalo* estão os dramas de Shakspeare que, modificados por uma intelligencia fecunda deverião produzir muito effeito. Se o povo sabe o que é o *Hamlet*, *Othelo*, — deve-o ao reflexo gelado de Ducis. Com tudo, seria facil apresentar-se no theatro de S. Pedro alguma cousa de melhor do que isso. Com o simples trabalho da traducção se poderião popularisar os trabalhos de Emile Deschamps, Auguste Barbier, Leon de Wailly e Alfredo de Vigny, que tradusirão *Romeo e Julieta*, *Macbeth*, *Julio Cesar*, *Hamlet* e *Othelo*.

Quando o theatro se faz uma especie de taberna de vendelhão, va que se especule com a ignorancia do povo. Mas quando a Companhia do theatro está debaixo de inspecção immediata do Governo, deverá continuar esse systema verdadeiramente immundo?

Não : o theatro não deve ser escola de depravação e de máo gosto. O theatro tem um fim moralisador e litterario : é um verdadeiro apostolado do bello. D'ahi devem sahir as inspirações para as massas. Não basta que o drama sanguinolento seja capaz de faser agitarem-se as fibras em peitos de homens-cadaveres. Não basta isto : é necessario que o sonho do poeta deixe impressões ao coração, e agite n'alma sentimentos de homem.

Para isso é preciso gosto na escolha dos espectaculos, na escolha dos actores, nos ensaios, nas decorações. É d'esse todo de figuras grupadas com arte, do effeito das scenas, que depende o interesse. Talma o sabia. João Caetano, por uma verdadeira adivinhação de genio, lembra-se d'isto.

Alem, essas composições sem alma que servem apenas para amesquinhar a platéa, esses quadros de terror e de abuso de mortualha que servem apenas para atufar de tedio o coração do homem que sente, mas que pensa, — e reflecte no que sente e no que pensa.

Mas o que é uma desgraça, o que é a miseria das miserias é o abandono em que está entre nós a Comedia.

Entre nós parece que acabarão os bellos tempos da Comedia. Verdadeiros *blasés* parece que só amamos as impressões fortes : que preferimos estremecer, chorar, do que rir d'aquellas boas risadas de outr'ora.

Em lugar da musa de Menandro e Terencio, temos hòje uma musa asquerosa que apparece nas taboas do palco á meia noite, como uma bruxa, que revolve-se immunda com a bocca cheia de chufas obscenas, em chão de lodo : hedionda creatura, bastarda da boa filha de Molière, adiante da qual o pudor, digo mal, até o impudor tem de corar.

O estrangeiro que assiste áquellas saturnaes vergonhosas da scena crê assistir a um *sabath* de feiticeiras; e

como o Faust de Gœthe no Brocken sente-se tomado de asco invencivel por aquellas feialdades nuas. O sócco romano-grego tornou-se o tamanco immundo da vagabunda desbocada!

É triste pensal-o, — mas se é verdade que o theatro é o espelho da sociedade, que negra existencia deve ser a da gente que applaude frenetica aquella torrente de lodo que salpica as faces dos espectadores!

A farça embotou o gosto e matou a Comedia. O palhaço enforcou o homem de espirito. Arlequim fez achar insipido o Tartufo.

E com tudo, nós que nos fisemos homem no tempo em que João Caetano se não envergonhava de representar Casanova, nós que o vimos, não ha muito, vestir o disfarce de Robin, embuçar-se no manto rôto de Don Cesar de Bazan, que soltamos boas gargalhadas ante o *Auto de Gil Vicente*, e Robert Macaire, não podemos deixar de lamentar que elle desdenhe a mascara da Comedia.

E com tudo Molière — um genio — era comico. Shakspeare preferia a galhofa das alegres mulheres de Windsor — *What you will*, *A tempestade*, etc., aos monologos de Henrique III, ao desespero do rei Lear, á duvida de Hamlet. Kean despia o albornoz e o turbante do Mouro de Veneza para tomar o abdomen protuberante, e o andar vertiginoso, as faces ardentes de embriaguez do *bon vivant* cavalleiro da noite, amante da lúa, sir Jack Falstaff!

Haja algum impulso da parte d'onde deve vir, e esperamos que haja entre nós theatro, drama e comedia.

A nossa mocidade laboriosa se animará, emprehenderá trabalhos dramaticos. Começaráõ por traducções, estudaráõ o theatro hespanhol de Calderon e Lope da Vega, o theatro comico inglez de Shakspeare até Sheridan, o theatro francez de Molière, Regnard, Beaumarchais — e mais modernamente enriquecido pelo repertorio de Scribe e pelos proverbios de Leclercq e de Alfredo de Musset. Os que tiverem mais genio, os que tiverem estudado o theatro grego, o theatro francez, o theatro inglez e o theatro allemão, depois d'esse estudo attento e conscienciioso, poderáõ talvez nos dar noites mais litterarias, mais cheias de emoções do que aquellas em que assistimos : aos melodramas caricaticos, ás paixões falsas, a todas aquellas concepções que movem-se e fallão como um homem, mas que quando se lhes bate no coração dão um som cavernoso e metalico como o peito òco de uma estatua de bronze!

O POEMA DO FRADE

DON JUAN.

Ce que je crois?

SGANARELLE.

Oui.

DON JUAN.

crois que deux et deux sont quatre,
Sganarelle, et que quatre et quatre sont huit.

MOLIÈRE.

CANTO PRIMEIRO

Mon being reasonable must get drunk
The best of life is intoxication... .

Don Juan.

I

Eia! acorde-se a gloria aos meos lamentos
Com as faces de sangue salpicadas!
Tremão nos cantos meos da lide aos ventos
As gottejantes lucidas espadas!
Revolvão-se raivando macilentos
Os cavalleiros das nações passadas!

Brilhem as multidões ao sol ardente
Com as nuvens douradas do poente!

II

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!
Além canções cheirosas como o nardo
Que nos festins da noite o vinho inspira!
Não vêdes que da guerra aos sonhos ardo?
Não vêdes que meo cerebro delira
E arqueja em fôgo o coração do bardo,
E como um rei trocara o meo laurel,
Meu reino — por um ferro e um corsel? [1]

III

Como das grutas de Fingal na bruma
Do norte a ventania se derrama;
Como róda o tufão no mar que espuma;
Como a cratéra do volcão se inflamma,
Como a nuvem de fôgo no ar se apruma
Assim no peito meu o estro em chamma
Agita-me, afoguêa o peito langue
E como as aguias, só anhela sangue!

[1] Shakspeare, *Henry IV* : « My kingdom for a horse! »

IV

Mas em que mar cavado eu me perdia!
De errante pescadôr leve canôa,
Que rajada nas agoas te impellia
Por entre essa tormenta que rebôa?
Minha alma é um balão : na calmaria
Boia placido no ar, gentil se escôa
Embala-se voando mollemente
Mas teme a trovoada que o rebente!

V

O' lá soffrêa-te, corsel selvagem!
Por que banhas-te em sangue entre a peleja
E nos espinhos roças da folhagem?
Não vês o tressuar que te poreja
No abafado calôr d'essa bafagem?
Não sentes que a peituga te lateja?
E a onda louca da sanguenta raiva
As tuas crinas candidas enlaiva?

VI

Além! além! e tu, lyra mimosa,
— Que do lago nas selvas esquecida

Eu votei a uma fada vaporosa
Que nas folhas estende-se dormida, —
Vém, minha lyra, canta-me saudoza
Alguma nenia pallida, sentida
Algum sonho que as fôlhas balouçando
Te gemesse nas cordas expirando!

VII

Ou em quanto meo calice transborda
Corallino licôr, e um puro Havanna
Sonhos da vida no vapôr me acorda,
Venha o rosto gentil da Sevilhana,
Ou d' harpa aeria tenteando a corda...
Ao luar a lasciva Italiana,
Co' as roupas de velludo desatadas
E a madeixa em torrentes perfumadas.

VIII

Quero a orgia que á noite desvaria
Quando fresco o luar no céo fluctúa
E a vaga se pratêa de ardentia!
Perfumes, flores, a vertigem sua
Vertendo no festim que me inebria!
Lasciva a dansa voluptuosa e nua

Nas rosas que desfolha trepidando!
Pagens louros ás traças coroando!

IX

E as roupas onde o seio transparece
As formas cristallinas desenhando
Collos onde o suor limpido desce
Nos seios como perolas rolando,
E as tremulas madeixas ondeando,
E a valsa que se agita e que resvala
E entre perfumes lubricos se embala.

X

Trovas cheias de amôr, que afogão beijos
E o afan a ondular os niveos seios,
O collar que na alvura se palleja;
E o olhar que enlanguéce nos enleios;
Vestes soltas ao fôgo dos desejos
E respirando os labios devaneios;
Amantes e o Xerez em taças bellas
E a embriaguez mais louca em meio d'ellas!

XI

E apoz ebrio de amor no frouxo leito

Entre os aromas de esfolhadas flôres
Quero dormir co' a loura peito a peito,
No labio o labio d'ella — as vivas côres
Quero as ver desmaiar n'um ai desfeito!
Amal-a no luar, viver de amores!
O' noite! da illusão que a vida esquece
Que mais doce tremôr nos enlanguece?

XII

Amo nas tardes de verão correndo
A viração dos laranjaes em flôr,
Na praia solitaria, a sós gemendo
A pensativa languida o pallôr
Entre as mãos melindrosas escondendo!
Amo no baile a incendida côr
Da donzella na dansa estremecida
Como uma borboleta á luz da vida!

XIII

Mas eu amo inda mais sentir no seio
A alma cheia de febre e de esperanças,
E a timida donzella de receio
Pender a fronte nas cheirosas tranças;
Amo inda mais no labio ardente e cheio

De amor que passa e aroma-lhe as lembranças,
— E quando o olhar afoga-se em desejo —
Implorar illusões, pedir um beijo!

XIV

Escutai-me, leitôr, a minha historia,
É phantasia sim, porem amei-a.
Sonhei-a em sua pallidez marmorea
Como a nympha que volve-se na areia
Co' os lindos seios nús... Não sonho gloria;
Escrevi por que a alma tinha cheia
— N'uma insomnia que o spleen entristecia —
De vibrações convulsas de ironia!

XV

Mas não vos pedirei perdão comtudo:
Se d'esta canção negra não gostais[1]
Não penseis que me enterre em longo estudo
Por vossa alma fartar de outra harmonia!
Se varío no verso e idéas mudo
É que assim me desliza a phantasia...

[1] O author escrevera tambem:

Si não gostais d'esta canção sombria.

(*N. do Editor.*)

Mas a critica, não... eu rio della...
Prefiro a inspiração de noite bella!

XVI

A critica é uma bella desgraçada
Que nada cria, nem jamais criara;
Tem entranhas de areia regelada:
É a esposa de Abrão, a pobre Sara
Que nunca foi por Anjo fecundada:
Qual a mãe que por ella assassinára
Por sua inveja e vil desesperança
Dos mais santos amores a criança!

XVII

O meu imaginar é um navio
Que entre as brisas da noite se perfuma,
Que á placida monção do morno estio
Resvala pelo mar á flor da escuma!
E da noite no fresco e no arrepio
Das vagas a gemer uma per uma
Sobre a quilha que languida se escôa
Os marinheiros vão dormir na prôa.

XVIII

E dorme o capitão: e dorme e sonha

Aos fumos do charuto recindente,
E do rhum nos vapores vem risonha
Nas scismas lhe dansar alegremente,
Esquecer-lhe a viagem enfadonha
A Andaluza gentil de labio ardente :
E embala-se em monotono descante
Sonhando os seios da morena amante!

XIX

O marujo a dormir no chão immundo
Sonha o riso da nedia taverneira,
Da terra a folga, o vinho rubicundo
E nas mezas da tasca a bebedeira!
Ai! coitados de nós! todo esse mundo
Não vale do sonhar a huri faceira!
— Diz-lo o nauta no mar, o rei no throno :
Da vida tudo o mais não val o somno!

XX

E que durmão! se a languida ventura
No regaço cheiroso os adormece!
E que durmão! se é muito fresca e pura
A noite de sonhar que a vida esquece!
E se quando se dorme nodoa impura

Nem os lyrios do amor amarellecc,
E a estrella não mergulha-se na treva....
Assim meu pensamento — um sonho o leva!

XXI

Quando a lagrima sinto que tressúa
N'uma palpebra rôxa e desbotada,
Então minha alma tem na lyra sua
Uma corda por ella perfumada!
E quando eu amo ao clarão da lua
N'um olhar de morena desmaiada
E o labio em sede férvida me inflamma,
O meu peito canções de amor derrama!

XXII

Quando gelou-se moribundo o peito
Que um amor insensato consumia
No deserto lodaçal, em frio leito,
Houve por elle o ai de uma harmonia:
N'um coração ás lagrimas affeito,
Um adeos á flor que se perdia,
Um adeos á lembrança do passado!
Uma saudade em chão abandonado!

XXIII

Trouxo o verso talvez, pallida a rima
Por estes meus delirios cambateia,
Porem odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim é o fogo quem anima
De uma estancia o calor : quando formei-a
Se a estatua não sahio como pretendo :
Quebro-a — mas nunca seu metal emendo.

XXIV

Meu heroe é um moço preguiçoso
Que viveo e bebia por ventura
Como vós, meu leitor.... se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara com labio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura.
Era pallido sim.... mas não d'estudo :
No mais.... era um devasso e dice tudo!

XXV

Diser que era poeta — é cousa velha :
No seculo da luz assim é todo

O que heroe de novellas assemelha.
Vemos agora a poesia á rôdo!
Nem ha nos botequins face vermelha,
Amarello caixeiro, alma de lodo,
Nem Bocage d'esquina, vate immundo,
Que não se creia um Dante vagabundo!

XXVI

O meu não era assim : não se imprimia,
Nem versos no theatro declamava!
Só quando o fogo do licor corria
Da fronte no pallôr que avermelhava,
Com as convulsas mãos a taça enchia.
Então a inspiração lhe afervorava
E do vinho no effluvio e nos resabios
Vinha o fogo de genio á flor dos labios!

XXVII

Se era nobre ou plebeo, ou rico ou pobre
Não direi-vos tambem : que importa o manto
Se é bello o cavalleiro que elle cobre?
E que importa o passado, um nome santo
De putridos avós? plebeo ou nobre
Somente a raiva lhe acordava o pranto.

Embuçada no orgulho a fronte erguia
E do povo e dos reis escarnecia!

XXVIII

Não se lançara nas plebéas lutas,
Nem nas phalanges de passado herdeiras,
No turbilhão das multidões hirsutas,
Não se enlaivou da patria nas sangueiras,
Nem da praça no pó das vis desputas!
Sonhava sim em tradições guerreiras,
Nos canticos de bardo sublimado....
Mas nas epicas sombras do passado.

XXIX

O presente julgava um mar de lama
Onde vis ambições se debatião.
Ruina immunda que lambera a chamma :
Cadaver que aves fetidas roião!
Tudo sentio venal! e ingrata a fama!
Como torrentes trepidas corrião
As glorias, tradições, coroas soltas
De um mar de infamias ás marés revoltas!

XXX

Não quisera mirar a face bella
N'esse espelho de lodo ensanguentado!
A embriaguez preferia : em meio d'ella
Não virião cuspir-lhe o seu passado!
Como em nevoento mar perdida vela
Nos vapores do vinho assombreádo
Preferia das noites na demencia
Boiar (como um cadaver!) na existencia!

XXXI

Uma vez o escutei : todos dormião —
Junto á meza deserta e quasi escura :
Lembranças do passado lhe volvião;
Não podia dormir! Na festa impura
Fora afogar escarneos que doião....
Não o pôde : dos labios na amargura
Ouvi-lhe um murmurar.... Erão sentidas
Agonias das noites consumidas!

XXXII

Olvidei a canção : só lembro d'ella
Que d'alma a languidez a estremecia :

Como um anjo n'um sonho de donzella
Sobre o peito a guitarra lhe gemia!
E quando á frouxa lua, da janella,
Cheia a face de lagrimas erguia,
Como as brisas do amor lhe palpitavão
Os labios no pallor que bafejavão!

XXXIII

Amar, beber, dormir, eis o que amava:
Perfumava de amor a vida inteira,
Como o cantor de Don Juan pensava
Que é da vida o melhor a bebedeira....
E a sua philosophia executava....
Como Alfredo Musset, a tanta asneira
Acrescento porem.... juro o que digo!
Não se parece Jonathas commigo.

XXXIV

Prometti um poema, e n'esse dia
Em que a tanto obriguei a minha idéa
Não prometti por certo a biographia
Do sublime cantor d'esta Epopéa.
Consagro a outro fim minha harmonia....
Por favor cantarei n'esta Odysséa

De Jonathas a gloria não sabida....
Mas não quero contar a minha vida.

XXXV

Basta! foi longo o prologo! confesso!
Mas é preciso á casa uma fachada,
Á fronte da mulher um adereço,
No muro um lampião á torta escada!
E agora d'esse canto me despeço
Com a face de lagrimas banhada,
Qual o moço Don Juan no enjôo rolla
Chorando sobre a carta da Hespanhola[1].

[1] *Don Juan*, canto II.

CANTO SEGUNDO

And her head droop'd as when the lily lies
O'er charged with rain.

Don Juan.

I

Dorme! ao collo do amor, pallido amante,
Repouza, sonhadôr, nos labios d'ella!
Qual em seio de mãe, febril infante!
No olhar, nos labios da infantil donzella
Inebría teu seio palpitante!
O murmurio do amor em forma bella

Tem doçuras que esmaião no desejo
Dos sonhos ao vapor, na onda de um beijo!

II

Que importa a perdição manchasse um dia
A aloura virginal das roupas santas
E o mundo a esse corpo que tremia
Rompesse o véo que timido alevantas?
E á noite lhe pousasse a fronte fria
N'esse leito em que tremulo te encantas
E ao bafejo venal murchasse flores,
Flores que abrião a infantis amores?

III

Que importa? se o amor teu rosto beija,
Se a beijas nua e sobre o peito d'ella
Teu peito juvenil ama e lateja!
Se tua langue pallidez revela
Que tua alma febril sonha e deseja
Desmaiar-lhe de amor, gemer com ella,
Ebrio de vida, a soluçar d'enleio,
Pallido sonhador morrer-lhe ao seio!

IV

Que importa o mundo além? teu mundo é esse
Onde na vida o coração te alegra!
Teu mundo é o seraphim que ás noites desce
E que lava no amor a mancha negra.
É a nevoa de luz onde não lê-se
Escripta á porta vil a infame regra
Que assignala o bordel á mão polluta
E diz nas letras fundas — prostituta!

V

A essa pobre mulher na fronte bella
Anathema escreveo a turba fria!
Banhe o remorso o travesseiro d'ella,
Corrão-lhe a mil da palpebra sombria
Prantos do coração, não ha erguel-a
A eterna maldição. E quem diria
A solitaria dor, da noite ao manto
Que lavra o seio á cortezã em pranto?

VI

Ah! Magdalenas miseras! ardentes
Quantos olhos azues se não inundão

Nos transes do praser em prantos quentes
Quando os seios febris em ais abundão,
Que o amante nos osculos trementes
Crê sonhos que do amor no mar se afundão!
Que suspiros no beijo que delira
Que são lagrimas só! que são mentira!

VII

E quantas vezes na cheirosa seda
Da longa transa desatada, solta,
Onde o moço de gosos embebeda
A fronte á febre juvenil revolta;
Quando a vida, o frescor, a imagem leda
De esp'rança que morreo ao leito volta;
As lagrimas na dor ferventes correm...
Como em céo de verão estrellas morrem?

VIII

Ah! não chores! que valem perfumadas
Do Oriente as manhãs e céos e lua
E a naturesa a vir entre alvoradas
E a laurea do porvir que sangue súa,
O val deserto, as noites estrelladas
Quando languida a vida em ais fluctua!

Quando um suspiro as lagrimas apaga
E o labio treme, e em beijos se embriaga?

IX

Amar uma perdida! que loucura!
Mas tão bella! que seio de Madona!
Nunca amara tão nivea creatura
Como aquella mulher que ali resonna!

. . . . . .

A lampada no leito que murmura
Sobre amante que núa se abandona,
Envolta nos seus lucidos cabellos
Semelha um cherubim, pallido ao vel-os!

. . . . . .

X

Era alta noite. Jonathas sahira —
Precisava frescor — enfebrescida
A fronte na descrença succumbira.
Maldisia no tedio a negra vida,
Até as illusões que elle sentira!
Curvava a testa morbida, abattida,
Sempre sedento, sempre libertino,
Blasphemando do amor e do destino!

XI

Elle vio — não foi sonho — era sentada
Á sombra no balcão de uma janella
Angelica mulher: luz embaçada
De um estrellado ceo nas faces d'ella
Branqueava-lhe a face descorada
E os seios niveos que o setim revela...
Alem imagens vãs! a oitava finda:
Só posso vos diser, que ella era linda.

XII

Nem tão aeria Jocelyn passando
Vira Laurence pallida, abatida.
Nem tão bella a sentira suspirando
Abafando a saudade emmurchecida!
Com a face na mão — muda, scismando
Tão branca era a gentil desconhecida!
Nos cabellos a noite recendia!
Era tão bella assim... e ella dormia!

XIII

Esperavão alguem? A porta aberta
Bem essa idea despertar podia.

Entrou. Do lampeão a luz incerta
Entre as sombras alentos exhauria...
Elle subio — a sala era deserta.
Passando p'la cabeça a mão — sentia
Não sei que atropellar de mil ideias,
Que frio ignoto a comprimir-lhe as veias.

XIV

E que scisma! que insano devaneio
Na mente exhausta repassar-lhe vinha!
Do vicio e do bordel tinha receio?
Volvia á fé que desbotado tinha?
Doia-lhe ao coração de um torpe enleio
— Como no lodo as azas a andorinha —
Do leito profanado ás sombras densas
Uma per uma ter manchado as crenças?

XV

Não! revoava-lhe um outro pensamento,
Mais duro e positivo e verdadeiro :
A idea do devasso macilento
Lhe doía no cerebro altaneiro...
Pensava que amanhã o seu sustento
Findaria por mingua de dinheiro...

Poucas moedas vio na bolsa finda...
Porem bastantes para amar ainda!

XVI

Amar! amar e sempre! eternamente!
Como da infancia os tremulos desejos!
Amar, por que a alma se alimente
Na seiba de prazer que manão beijos!
Amar! como aos crepusculos do Oriente
A sultana das noites aos bafejos!
Amar! por que das convulsões do peito
A hora mais divinal se esvai no leito!

XVII

Amar! por que esta vida se desfolha
Entre aromas no labio que desmaia!
E seu orvalho o coração nos molha
Como a escuma do mar a fria praia!
E treme-se ao prazer, qual treme a folha
Quando influxo vital o amor espraia!
Quando o extase ao espasmo preludía
E o peito arqueja e a bocca balbucía!

XVIII

Amaria esta noite : e quando exhausto
Accordasse amanhã — como um mendigo
Levara a vida, peregrino infausto,
Dos ralentos da noite ao desabrigo...
— Ai! do ardente prazer quando holocausto
Nas aras tremeleou o fogo amigo,
E só restão as cinzas da fogueira,
Que importa a cinza fria, a vil poeira?

XIX

Miserrimos de nós! nossa existencia
O *hoje* abrange só, vermes de um dia!
Hontem foi de um anhelo a impaciencia
Um desejo fogoso que incendia!
E que importa amanhã seja a inclemencia
Á intemperie do ar, á noite fria?
Peregrinos! no barco adormeçamos!
Em mar desconhecido navegamos!

XX

O mancebo passou um reposteiro
De purpureo veludo arregaçando,

Passou, bem como passa o caminheiro
Da floresta os folhedos afastando...
Entrou lento na sala o estrangeiro...
Tinha um riso nos labios deslisando...
Na sacada onde o vento se expandia
Candida e bella mulher ahi dormia!

XXI

Elle chegou-lhe ao pé : era tão pura,
Que de leve osculou-lhe a fronte nua!
Era uma estatua de marmorea alvura!
Melancolica e bella como a lúa :
E tão bella a mandeixa a sombra escura
Derramando-lhe ao collo que fluctua!
Leve passou a mão no seu cabello
E ternamente murmurou — Consuelo! —

XXII

Consuelo despertou (era o seu nome)
E tão doce volveo os olhos santos,
Que elle sentio que a febre que consome
Humano imaginar em sonhos tantos,
Que delira corôas e renome,
Desmaia da mulher ante os encantos,

Quando entre abre-se o peito ao ar da vida
— Como ao sol do verão romã partida!

. . . . . .
. . . . . .

XXIII

Do mais eu nada sei. Senti somente
A noite duas almas suspirando :
Ouvi na brisa um halito fremente,
Qual de um seio em prazer se dilatando :
Ouvi a jura ephemera, demente
Passar como um suspiro desmaiando,
Vi a lua celeste e vagarosa
N'um leito derramar a luz saudosa!

XXIV

Depois o véo do leito estremecendo
Vi duas creaturas soerguidas
Como dois anjos, pallidas gemendo!
Invocavão as virgens consummidas
Em desejos de amor, a Deos se erguendo :
As folhas que se beijão recendidas,

Que palpitão á luz, e em fogo lento
Murchão de gozo ao halito do vento!

XXV

Mystico beijo se escoou sentido
Como de pombos candidos que adejão
O susurro do vôo estremecido!
E sobre os peitos que febris latejão
Suffocava-se o tumido gemido
Como as donzellas que de amor se beijão!
Almas cheias de vida! parecião
Que as vidas n'uma vida confundião!

XXVI

D'aurora a doce luz, as brisas calmas
A lhes passar nos humidos cabellos
Era o sopro de Deos! As duas almas
De suave hymeneo nos doces élos
Tremião como no deserto as palmas
Quando á noite nos cachos amarellos,
Entre os florões a vento perfumado
Do pollen lhes derrama o pó doirado!

. . . . . .

XXVII

Si quereis, meu leitôr, saber agora
O que a isto seguio-se — eu não o digo,
Por que senão minha leitôra córa :
E obro n'isto por certo qual amigo :
E tambem por que a musa me descóra
Quando n'estas visões a ideia sigo.
Demais findou-se de licôr meu copo,
E a secco poetar jamais eu tópo!

XXVIII

Importa-vos porem saber que a scena
Que descrevi primeiro n'este Canto
Veio d'esta ao depois. — A Magdalena
Por quem ali eu desatei em pranto
Foi a presente creatura amena,
Que, certo, é digna que eu fizesse tanto!
E pois que a meus heroes Morpheo namora
Tambem cançado vou dormir agora!

CANTO TERCEIRO

O' gracioso primor de natureza
Attractiva, donosa variedade!
Que tudo quanto tocas formosêas!

PHIL. ELYSIO.

I

De certo o Creador na tal semana
Em que o mundo surgio da escuridade
E sobre o mundo a luz e a raça humana,
Por lei estab'leceo a variedade
Teve muita razão : com todo o sizo
Attesto que mostrou muito juizo.

II

Bofé! que se uma atroz monotonia
De um elemento a vida compusera,
O homem até morrer bocejaria,
E em morna estupidez se embrutecera.
Quanto a mim, eu adoro a variedade
E amo até no verão a tempestade!

III

Por gostar das galhofas da comedia
Da alegria folgaz de Molière,
Nem por isso me esqueço da tragedia
E desamo o sombrio Miserere!
Quando Hamleto findou sua agonia
Do Falstaff bon-vivant vinha a folia!

IV

Acho bello o Oceano quando vôo
Pelo seu verde-mar n'um barco á vela,
Porem odeio as afflicções do enjôo
E o vento do alto mar que me regela...
Amo a lua no mar e o mar sem lúa,
Astarte vaporosa e Lolah nua.

V

Como varia o vento — o céo — o dia,
Como estrellas e nuvens e mulheres
Pela regra geral de todos seres,
Minha lyra tambem seus tons varia,
E sem fazer exforço ou maravilha
Troca as rimas da oitava p'la sextilha.

VI

E agora tem lugar duas palavras
Que o author mostrem nú d'este poema :
Quem o arado levou por essas lavras...
O marujo que n'esse bote rema...
Fallemos sem rodeia e com verdade :
Esse livro escreveo um pobre frade.

VII

Um frade! no convento envelheci-me,
Do mundo ao lôdo fui viver bem longe,
Nem minha fronte rebucei no crime!
Mas apesar das orações do monge,
Gosto assaz do prazer, gosto do vinho,
Na ceia faço inveja a um barbadinho.

VIII

Lancei-me ao desviver : gastei inteira
Na insania das paixões a minha vida.
Qual da escuma o fervor na cachoeira
Quebrei os sonhos meus n'alma descrida.
E do meio do mundo prostituto
Só amores guardei ao meu charuto!

IX

E que viva o fumar que preludía
As visões da cabeça perfumada!
E que viva o charuto regalia!
Viva a tremula nuvem azulada,
Onde s'embala a virgem vaporosa!
Viva a fumaça languida e cheirosa!

X

Cante o bardo febril e macilento
Hymnos de sangue ao poviléo corrupto,
Embriague-se na dor do passamento,
Cubra a fronte de pó e traje luto :
Que eu minha harpa votei ao esquecimento :
Só peço inspirações ao meu charuto!

XI

Oh! meu Deos! como é bello entre a fumaça
No delicioso véo que os annuvia
Ver as formas lascivas da donzella
Entre o véo transparente que esvoaça,
Nadando n'esse vaporoso dia
Bailando nua, voluptuosa e bella!

XII

E como é bello no perfume aerio
Sentir morno suor do abatimento
Pelas languidas faces orvalhar!
Como é doce nas scismas do mysterio
Sentir como um alcyon á flôr do mar
As lembranças boziar no esquecimento!

XIII

E quando os labios o charuto finda
E a languida visão n'um beijo passa,
E o perfume os cabellos nos repassa,
Como é bello no azul da nuvem linda
Entre vapores madornar, e ainda
Á vida renascer n'outra fumaça!

XIV

É bello ao fresco da relvosa espalda
Os serenos beber á flôr pendente.
Do Rheno o vinho em taças d'esmeralda
E sobre o campo adormecer contente!
É bella a noite que a volupia escalda
E acorda aos seios um suspiro ardente!

XV

É bello o escumar da catadupa,
A margem verde que a torrente occupa,
Beijar na sombra o collo palpitante
Que offega e bate á descorada amante...
E de um corsel á tremula garupa
Correr a mão ao pello gottejante!

XVI

Mas nem o Johannisberg, humidas flores,
A relva fôfa da campina verde,
E a noite que vem quente de amores
E a torrente do val que alem se perde,
Nem o seio que nuta e que se inflamma
Desmaia o tedio meu que o spleen derrama!

XVII

E o amor muita vez aos labios mente :
Tem cores de maçã — e dentro infecta,
E cinza aos labios deixa-nos somente!
Além o seio, o coração corrupto
Que desmentem os sonhos do poeta!
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

XVIII

So tu és sempre bello como a lua
E sempre virginal e perfumado,
És o lyrio do céo nunca murchado!
Como a virgem de amor, candida e nua,
Evapóras no aroma essa alma tua
E tens um labio nunca profanado!

XIX

Só tu não mentes, não! e tu somente
Na taça da illusão não deixas lia!
E quando a mesma realidade mente
Quando a virgem, a fé, de noite e dia
Veremos amanhã que hontem mentia,
Inda comtigo dormirei contente!

XX

Por que n'essa illusão que a amar convida
Revelas a morena adormecida
A quem banha pallor os doces traços,
Tremulo o seio, a palpebra abatida!
E sinto em teú vapor anjos da vida
Entre as nuvens tremendo os roseos braços!

XXI

Meu charuto cahio, eil-o se esfria :
Além nas ondas vi-o mergulhar,
Como o sol no crepusculo do dia,
Como um cadaver arrojado ao mar!
Miserrimo! só resta cinza fria!
No céo da vida estrella a desmaiar!

XXII

Tua vida apagou-se e eu perdi-te!
Vai, conta ás nymphas o meu mal tamanho!
Nos labios de Neptuno ou de Amphitrite
Descreve minha dôr, minha agonia,
Meu intimo soffrer quando eu te via —
Como Sapho — morrer tomando um banho.

XXIII

E vós bardos nutridos de amargura
Que de prantos banhais a lyra santa,
Se ainda o peito não traseis corrupto,
Vinde chorar a minha desventura
Que no frio pavor de magoa tanta
Veio até apagar o meu charuto!

. . . . . .

XXIV

Eu não rio-me, não! a voz do peito
Nos versos meus inânida se exhala!
E quantas vezes quando em ai desfeito,
Como uma fibra que no peito estala,
A mente de tristezas nos repassa...
Não desvanece tudo uma fumaça?

XXV

E quantas vezes no scismar perdido
No seio o cancro dóe de uma saudade,
E alento das internas agonias
Nas cordas de alaúde enternecido

Não anceia, não arfa de anciedade
Que esvai-se em teu vapor em melodias?

XXVI

E então qual geme a rola de mistura
O arroio mollemente, co' as areias,
E qual se ercôa pelas mornas veias
Os halitos vernáes da formosura,
— Como nas cordas de harmonia cheias
A medo uma infantil canção murmura!

XXVII

E nos labios derrama-se a lembrança,
Do passado o sorrir nos prantos d'hoje!
Cobre-me o coração a vaga mansa
De uma saudade que suspira e foge!
E lembro ás vezes o pallor da vida
Do gelido cadaver do suicida!.

XXVIII

É o canto dos languidos amores
Perdido como o céo na escuridade:
Do intimo seio peregrinas flores
Abertas ao sereno da saudade.

Mas triste — como a dor em rosto insano...
Como a noite nos ermos do Oceano!

XXIX

Ah! quando emfim a lampada apagou-se
Do leito sepulchral na pedra fria,
Quando a palmeira ao florescer murchou-se
E a ave d'ouro que do sol vivia
Cahio morta na relva recendida,
Gottejante das lagrimas da vida!

XXX

E tudo se acabou! e terra escura
Cobrio-te a face roxa desbotada,
E tu foste da cal na sepultura
Suffocar-te nas tenebras do nada,
Agora sim virei — e solitario —
Na solidão chorar o teu fadario!

XXXI

Virei tecer de moribundas flores
A pallida corôa do finado,
Lembral-os, reviver os teus ardores
E as puras illusões do teu passado!

Quero chorar meu desgraçado amigo,
Na lousa túa inda sonhar comtigo!

XXXII

Ah! quando as noites n'um viver perdido
Ião-me longas anhelando amores,
Do teu peito no sonho recendido,
Como cysne a boiar entre vapores,
Vinha sorrir-te loura e perfumada
A angelica visão de tua amada!

XXXIII

Poeta! eras feliz — a mão divina
Quando passa na fronte sublimada
Os seus languidos olhos illumina,
E ante uma sombra de mulher amada
Revela os hymnos, que murmura o vento,
E susurra á donzella o sentimento!

XXXIV

E no Oceano do amor entre harmonia
Da tarde a languidez embala os sonhos
E perfuma o pallor ao roseo dia
Entre as canções dos seraphins risonhos!

Ao poeta orvalhos das cecêns mais puras!
A elle — a taça das mysticas venturas!

XXXV

Senhor! foi bello o sonho da esperança!
E quem sentio-as, impressões, tamanhas,
Tantas lagrimas deo a uma lembrança?
Noites e luas, brisas das montanhas,
E vos, flores do val, pallidas flores,
Não lembrais a canção de seus amores?

XXXVI

Não ouviais do labio as melodias
Que vibrava a paixão? não as ouvieis?
No murmurar das molles assonias
Amorosos effluvios não sorvieis?
Não arfaveis tambem, pallidas flores,
Á tremula canção dos seus amores?

XXXVII

E que sonhos de amor que amou na vida!
Perguntai-o á estrella que divaga,
Ao vento na lagoa adormecida,
Ao cirio que no tumulo se apaga,

Perguntai-o da insomnia aos arrepios,
De Werther o suicida aos labios frios!

XXXVIII

Era só ella seu pensar — por ella
Do porvir esquecerão-lhe victorias,
E pelo amor da candida donzella
Rira descarneo ao laurel das glorias!
Como uma taça onde o fervor transborda
Tinha na harpa do genio uma só corda.

XXXIX

Era um seio de neve... o brilho langue
De uns olhos onde o azul se humedecia:
Da face no rubor tepido o sangue...
Onde o labio sonhava e se embebia
N'um extase de amor — no ebrio desejo
De vida e alma lhe votar n'um beijo!

XL

E o anjo? não o amou? quando elle em fogo
Ardente a fronte pallida pendia,
E como um ai de solitario afôgo
O peito suffocado lhe gemia,

Não bateo-lhe jamais qual n'uma lyra
Esse vento de amor que nos delira?

XLI

Era uma estatua — sim : um deos a erguera
N'um rir d'escarneo e dó — de lôdo cheia,
Nem sol de amor o peito lhe acendera,
O morto coração era de areia!
Como o céo, nos crepusculos do dia,
No vapor da vaidade ella dormia!

XLII

Por que tanto sonhar? tão bellas flores
No esmero lhe sagrar dentro do peito?
Anathema! ella rio-se dos amores :
Que mulher! não sentio em ai desfeito
Esse alento de boca enfebrecida
De um beijo no calor perdendo a vida!

XLIII

Desgraçado! a insomnia do martyrio
O cerebro lavoso delirou-te!
E o vortice das aguas do delirio
Das insomnias da febre ao sol queimou-te!

Foste afogar as illusões da vida
Na taça de mysterio do suicida!

XLIV

« Quando a morte nos dentes nos rompera
« As taças do viver, quem descremina
« Do sabio ou do insensato qual a sina?
« Se quem toda a bebeo qual Deos a enchera,
« Ou quem a regeitou — enfebrecida
« Da morte aos sonhos immolando a vida!? »

XLV

Tens razão, Jocelyn! e ao Deus perfeito
Por ventura dirão esses perdidos
Que vão da morte se esconder no leito :
Por que as aspirações, os ais sentidos,
E alma em fogo ao céo um sonho erguia
E o sonho a enlevou.... se elle mentia?...

XLVI

Não te maldigão pois! Ignora o mundo
O que doe esse verme da desgraça :

E da irrasão maldita o corvo immundo
Que no escarneo do fel nos despedaça!
Não sabem não — de Prometheo no leito
O sangue e dor que volão-nos do peito!

XLVII

Mas eu sei : que senti o amor ardente
Convulsivo bater n'um peito exhausto!
Sei : que senti a lagrima tremente
Como na insana pallidez o Fausto[1]!
Quando o somno fugia ás noites minhas
Como ás nuvens do inverno as andorinhas.

XLVIII

Bebi-a essa tristesa, essa doença
Que nos escalda lagrimas sombrias,
Que nos revolve sós na vaga immensa
Do Oceano das internas agonias!
Que empallidece a face e morte lenta
Nos estampa na fronte macilenta.

[1] Gœthe, *Faust*.

XLIX

Ah! virgem das canções, entre vapores
És pura e bella sim, porem teus labios
Me fazem delirar como licores
Que afervorão-nos tepidos resabios!
Quando em teu collo vou deitar-me agora
Teu palpitar as faces me descora!

L

E cedo morrerei : sinto-o, nas veias
O meu sangue se escôa vagaroso
Como um rio que secca nas areias,
Como donzella, que desmaia em gozo!
Teus labios, fada minha, me queimavão,
E as languidas arterias me esgotarão!

LI

Mas que importa nas sombras da existencia
Se mentio-me o sonhar quando eu sentia
Um dos pallidos anjos de innocencia
Pousar-me a face ao peito que gemia,
Se n'um sonho de amor, em noite bella
Nos suspiros do mar amei com ella!

LII

Era uma lúa pallida e sombria
Que seu leito nas ondas embalava :
Na mão de neve a face lhe pendia,
E nos sonhos a virgem se enlevava!
E, que estrellas no céo! e que ardentia!
Que perfume seu véo estremecia!

LIII

E que sonhos, meu Deos! e que ventura!
E que vento de amores palpitava
Na escuma do batel a vaga pura
E lascivos suspiros lhe arrulhava!...
E em torno mar e céo — a noite bella,
Nos meus braços a inânida donzella!

LIV

Ah! virgem das canções, aos brancos lyrios
Por que tão cedo me chover na infancia
O magico sereno dos delirios
Que adormece, embalsama na fragrancia?
E do amor entre os languidos conselhos
Minha fronte embalar nos teos joelhos?

LV

Por que tão cedo o vinho da harmonia
Nos beiços infantis corrêo-me aos sonhos,
Entornou-me essa nuvem que inebría,
Que gela o riso aos labios meus risonhos?
Tão quedo o somno meu, por que turval-o,
E de illusões esplendidas povoal-o?

LVI

E tão cedo! porque encher meu leito
D'estas sombras suaves, delirantes?
E na harpa adormecida de meu peito
Suspirarem-me sons tão offegantes?
E por que não deixar o meu sentir
Da infancia d'oiro nos frouxeis dormir?

LVII

E assim eu morrerei : co' a sede ainda
Amargosa no labio resicado!
Cançando os olhos na extensão infinda,
Perguntando se a crença do passado
Tambem verei no lodo revolvida....
E como tu suffocarei a vida!...

LVIII

E quem sabe? é a duvida do Hamleto
E o — ser e o não ser — que toma o passo:
O mundo é lodaçal, é leito infecto,
E a turba é sempre a que se rio do Tasso!
Mas o que é o morrer? e a sepultura
Que mysterios contém na noite escura?

LIX

Ah! mysterios! não rias, scepticismo,
Do agoureiro terror que a morte fria
Do banho do cadaver no baptismo
Os regelados nervos arripía!
Somno de chumbo, thalamo de terra,
Que nodoa negra teu sudario encerra?

LX

E tu dormes, suicida?... E á noite infinda
Que sonhos roção-te o livor sombrio?
A magica visão te passa ainda
Com a urna d'esse amor que te mentio?
Inda sorves nas avidas lembranças
O perfume de amor das loiras transas?

LXI

E o pai, não sonhas n'elle?... e as cãs tão puras
D'aquella que embalou teu berço infausto,
E na magoa das suas desventuras
Nem te pôde beijar o corpo exhausto?
Miserrima anciã! que só vivia
Por ti — e por ti desce á noite fria!

LXII

E o filho? essa criança que palpita
Nos seios que um insano amor consome,
Que profanado amor gerou maldita,
Que virá amanhã pedir seu nome!
E que não saberá que sepultura
Guarda o pae e o segredo em terra impura!

LXIII

E a patria que entre as lagrimas d'escrava
Có a face bella gelida, pendida,
Salpicada de lôdo em ti sonhava
Como o sol da manhã de uma outra vida?
A patria! que a infamia prostituta
Tenta vender no lupanar polluta!

LXIV

E não erguem-te ahi os gritos d'ella?
Não vês que a forçâo, que seus labios tapão?
E, desgrenhada, rompem-lhe á donzella
Os vestidos que as frias mãos se escapão?
Não ouves o tinir de vil dinheiro
E a lubrica risada do estrangeiro?

LXV

Dorme pois, desgraçado! no futuro
Alem — no meu viver — quando a minh'alma
Candida se despir do manto impuro :
E quando a noite que o soffrer acalma
Nas palpebras pesar-me o somno amigo
Do — nada — ao leito irei dormir comtigo!

LXVI

Onde vou? onde vou? Oh! quão diversos
Do meu trilho meus passos desvarião!
Onde correias, meus desgraçados versos!
A tempo os açaimei! onde corrião!
No phantastico pó que elles pisavão
Entre nuvens ardentes galopavão!

LXVII

Alem, minhas canções! alem as flores
Que essa nenia saudosa n'alma abria!
Quero scismar o canto dos amores
E do amor a confusa melodia!
Ouvi! quero sonhar! quero sentil-as
Visões do céo nas illusões tranquillas!

LXVIII

Harmonias de amor!... é tarde! é tarde!
Vejo a morte n'um peito que se engoia....
Da saudade o chorar, que os olhos arde....
E alem um corpo que nas aguas boia!
Um cadaver! um resto corrompido
Que até fôra da mãe desconhecido!

LXIX

O cadaver na praia se estendia
Engeitado p'lo mar : — as roupas humidas
— O cabello a correr de areia fria —
As faces rôxas, — mãos geladas, tumidas —
Mais alvo ainda que Don Juan dormido,
De fome, sêde e frio embranquecido!

LXX

Porém não vinha Oriental donzella
Envolto o collo em perolas, correndo
Nos hombros niveos a madeixa bella,
Que o mimoso Hespanhol na praia vendo
E ao vel-o nú e pallido, ao ralento,
Beijou a face ao bello macilento!

LXXI

Com o seio a bater em seda incerta
Não veio Haydéa, não, ao naufragado.
Ninguem passou : a praia era deserta,
E o mar adormecia socegado,
Só a maré que as ondas tremulava
A nenia á podridão lhe rouquejava!

LXXII

« Oh! quando os hymnos virginaes da lyra,
E as delicias do amor, que a noite ouvia,
E as harpas do porvir que nos sorrira
E a esperança e os anjos da harmonia,
E o esplendido sol — se esvaecerem....
E as convulsões do peito arrefecerem....

LXXIII

« E o cadaver lançado em chão d'areia
Não ter o bello abraço derradeiro,
Nem amante a chorar, que a magoa anceia,
Nem o *adeos!* do poento caminheiro!
E ninguem lhe escutar essa tristeza
Que do tumulo exhala a natureza[1].... »

LXXIV

Deve n'alma doer, deve ser duro
Esse abandono ao pobre malfadado!...
E nem sentir no seu lençol impuro
A lagrima a cahir de um rosto amado,
E sobre elle da noite á monodia,
A amante confundir sua agonia....

LXXV

E quem sabe? nos labios amarellos
Do morto não deslirão-se lembranças?
E o verme nos seus humidos cabellos
Não ri — mortas com elle — ás esperanças?

[1] Ugo Foscolo, *Tumulos.*

E ao peito n'essa nevoa do dormir,
Pode inteiro calar-se-lhe o sentir?

LXXVI

E quem sabe? é dormir.... e tão somente?
— É o somno que as palpebras lhe chumba?
E elle não sente a lagrima demente
Que orvalha de saudade a fria tumba?
E se alma foge á podridão impura,
Nunca lhe vem gemer na sepultura?

LXXVII

Nunca chora no pó que ella acordara,
Onde ella derramou a luz etherea,
O craneo que incendeo, que afervorara
Que lavara do lodo na materia —
O corpo que a seu halito tremia
Que a essencia de Deos n'ella bebia?

LXXVIII

Alta noite porem : eu não sonhava....
Achegava-se a luz de uma lanterna,
E candida mulher se debruçava....
E nos labios a voz chorava terna

Em dorida canção, cortada e rouca
Disia á treva o padecer da louca!

LXXIX

A louca!... ao vel-o ahi enlouquecera
Junto ao amante a misera Consuelo :
Das flores da restinga entretecera
A corôa da fronte no cabello.
Ria, ria porém com dor tamanha!
Como a onda do mar que os pés lhe banha....

LXXX

Poz ao collo o cadaver : repassou-lhe
Por sobre a fronte a mão que estremecia,
E nos cançados braços embalou-lhe
A cabeça qu'inda hontem lhe fervia....
E cantava beijando os labios d'elle....
Coitada! adormeceo pensando n'elle!

LXXXI

Por que era morto ahi o libertino
Jonathas o cantor da vida impura,
Não o posso explicar ao peregrino.
Creio a morte porem caverna escura,

Mais fria que o deserto cemiterio —
Onde o corpo resvala no mysterio.

LXXXII

Sobre o tumulo pois os braços cruso
E dobro tiritando os meus joelhos!
Não sacudo á mortalha o pó escuro
E nem leio da campa nos espelhos....
Da morte no fatal despenhadeiro
Desfolho apenas uma flor sem cheiro!

CANTO QUARTO

EMILIA.

Dead! dead!

. . . . . .

OTHELLO.

She turned to folly and she was a whore.

Othello.

FALSTAFF.

'S blood! I am as melancoly as a gib cat, or a lugged bear.

PRINCE HENRY.

Or an old lion, or a lover's lute.

First part of Henry IV.

I come no more to make you laugh.....

. . . . . .

. . . . Those that can pity here
May if they think it well let fall a tear,
The subject will deserve it.

SHAKSPEARE, *King Henry VIII; prol.*

I

Por que és tão bella, ó pallida Consuelo?
Por que és tão bella assim nas noites minhas,
E as ondas do teu languido cabello

M'embriagão de perfume — e as puras linhas
Das faces, do teu collo voluptuoso
O coração affogão-me de gozo?

II

Forão sonhos, mulher! porem na sombra
Eu te via febril e delirante,
Como dormida dos harens na alfombra
Dos amores do Oriente a bella amante!
Como em sonhos eu senti a vida
Na lousa de minh'alma resurgida!

III

Que amores insensatos! que delirios,
Me acenderão as fontes consumidas!
Era no somno o perfumar dos lyrios,
Era o vinho das orgias desabridas!
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...
— Como nas rochas bate o mar fremente!

IV

Mulher! e quem te não sonhara um dia
No morbido pallor das faces tuas,
Dos olhos n'esse fogo que inebría,

As formas alvas, transparentes, nuas,
E esse teu collo em palpitar desfeito,
Os véos macios a tremer do leito?

V

E quem te não sonhou? d'esses perdidos
Que o genio a suspirar beijou em fogo;
Poetas que de amor enfebrescidos
Se volvem das paixões no desafogo?
Em cujas noites se perfuma o vento
Das lagrimas do amor no sentimento?

VI

Mulher! e quem és tu? que mão divina
O teu somno quebrou de um céo de amores?
Que fada loura; que suave ondina
Deu-te o olhar de languidos fulgores?
Que flor do mar se abrio morna d'enleio
Para assim te alvejar no terno seio?

VII

Fora a vida viver em sonho — incerta —
— Como embebida a mente nos alouras
No effluvio fresco de magnolia aberta —

Amar-te de joelho! as formas puras,
Beijar-te as alvas mãos, o collo bello,
Beijar-te a face, ó pallida Consuelo!

VIII

Fôra viver, como em um sonho, a vida
Ao sentir-te a nuez do niveo seio,
Ao apertar-te languida, abatida,
Com esses labios a queimar de enleio!
N'um beijo teu os sonhos esquecer,
Em teus labios inânidos morrer!

IX

Ès muito bella sim! anjo agoureiro
Como estatua de amor ergueo-te um dia!
Talvez sonhou comtigo esse estrangeiro —
O bardo altivo de canção sombria!
E por ti viverei... que me revela
Porvir de gozos tua imagem bella!

X

Vem, rainha da noite! quero amar-te
Com os labios molhados nos licores,
No teu seio de fogo derramar-te

A mystica illusão dos meus amores!
Ah! vem, repousa, embala-te em meus braços,
Quero viver, morrer nos teus abraços!

. . . . . .

XI

Ella dormia : a rosa desmaiada,
Que a noite serenou, nem é tão pura,
Nos molles véos da nevoa mergulhada!
Dos sonhos no frescor, na santa alvura
Era mais bella que de luz divina
A pallidez em nuvem peregrina.

XII

E tão pallida e bella! semi-nua —
As palpebras do somno em véo sombrio,
Languida como vagarosa lúa
Quando voga no mar de um céo d'estio,
E o seio palpitante como a vaga
Que a praia da soidão de noite alaga!

XIII

Do cabello nas ondas a donzella
—Inda mais alva a face — adormecia :

Que fria morbidez nas faces d'ella!
Rosa que as folhas candidas despia
Dos amores do vento nos delirios,
No frio orvalho de prateados lyrios!

XIV

Oh! sonhava talvez! vi-as tremendo,
— Qual de collar em seio voluptuoso,
Perolas soltas — lagrimas correndo!
E nos seus labios como som mimoso
De arroio d'agua limpida ao bafejo
Os ais tremião ao scismar de um beijo! —

XV

Era o vento da noite que passava
Da magnolia a pender no molle seio?
Creatura de amôr que ao somno em meio
Vaporosos suspiros emanava?
Era a lua que inânida gemia
Quando entre nuvens pallidas se erguia?

XVI

Que pensamento, que desejo incerto,
Que saudades e amor a palpitavão?

Flores ou anjos, nuvens do deserto
Entre a nevoa dos sonhos que a roçavão?
Ou da Julietta pallido, risonho
Por seu bello Romeo ardia em sonho?

XVII

Ella dorme. Silencio! ó noite bella!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabellos da languida donzella!
E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sobre as areias!

XVIII

Mas ah! minhas visões! n'um céo escuro,
Nas trevas minha nuvem dissipou-se :
A capella viçosa do futuro
No outomno da desgraça amarellou-se.
Solitario fiquei nos sonhos meus...
Ás illusões só resta-me um — adeos! —

XIX

Adeos! — é o prantear do marinheiro
Á patria que desmaia em mar doirado!

Aos ais do peito gottejar primeiro
Da lagrima nas faces do soldado,
Aos abraços da mãe que geme e chora
E aos gemidos da amante que o demora!

XX

Suspiros de Romeo na despedida,
A sua Julieta desmaiada!
Blasphemias do Rei Lear, beijo sem vida
Nos labios de Cordelia inanimada!
É a magoa da dor que afoga, opprime
E na agonia faz sonhar no crime!

XXI

Sonhar-te, Consuelo, em minha noute,
Em teus prantos, o peito suspiroso,
E sentir que nos seios estalou-te
Essa fibra gentil que acende o gozo,
Que falla aos olhos, no halito suspira,
E nos transes do amor n'um beijo expira,

XXII

Esse raio do Eden, de flor divina
Emanação balsamica e celeste,

Reflexo de uma alampada argentina
Que esse lodo mortal de luz reveste,
Que em nós vive, em nós ama e sonha e sente,
E que chama-se a alma do vivente!

XXIII

Sentir-te no morrer volver sombria
— Tateando o negro chão — os olhos baços,
Os olhos que a paixão de pranto enchia!
Ver-te depois, convulsa erguendo os braços,
Anciando no estertor, na praia fria
Arquejar e torcer-te de agonia!

XXIV

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . e par che dorma!

Tasso.

XXV

Nunca a viste na lubrica nueza
A brisa enlouquecendo de belleza,

Solto o cabello, o roseo véo desfeito,
Tremula como do hymeneo no peito
Noiva cheia de amor, de *morbidezza*
Aos longos beijos no convulso leito?

XXVI

Tarde! quem não te amou, minha sultana?
Quem tão arido eivou a mente insana
Em claustro que os alentos assassina,
Que não te amasse em nuvem purpurina,
Como ardente de amor a Americana
Que pallida, entre flôres se reclina?

XXVII

E sempre virginal e vaporosa
Pensativa de amor, voluptuosa!
Sorrindo ás viraçõe que te bafejão,
A claridão das nuvens que lampejão,
A lua, á pomba, á selva suspirosa,
As flores que na morte se entrebeijão!

XXVIII

Que te importa que as raças d'este mundo
Blasphemando as canções que a Deos erguerão

Vaguem no tedio, em lodaçal immundo,
Onde as brisas de Deos se corromperão,
Onde amor crepuscúla moribundo,
E os anjos d'esperança se perderão?

XXIX

Como és fresca no céo, entre fulgores
Na tunica de rosa transparente,
Mystica rosa abrindo ao sol de amores
Que anjo te embala a fronte recendente,
Quando a estrella da noite vem ardente
Doirar o teu palacio de vapores?

XXX

Ai dorme! o sonho na cheirosa vida
Para ti é bromelia humedecida,
Sempre cheia de chuva e de frescores!
Para nós... é a gaivota que escoaça,
Vagabundo batel que ao longe passa...
Irreflectido beijo entre amargores!

XXXI

Tu és a fada que os verões tempera,
Raio de luz da eterna primavera!

És o sonho da flor, o amar da brisa,
És o nectar que a taça purpurisa
Do triste sonhador que ainda espera
E nos vapores do viver desliza!

XXXII

Acorda-te, ó poeta macilento!
Acorda-te, meu peito, ao sentimento,
Revive as esperanças que nutrias,
Refresca a medo as palpebras sombrias,
Bebe seiba de vida n'esse vento,
E dorme como o sol entre harmonias!

XXXIII

Acorda-te, meu peito moribundo,
Ás visões juvenis de um outro mundo!
Sonha! mas não blasphemes do destino
Quando amanhã topar o peregrino
Teu craneo livido, amarello, immundo...
Teu cadaver no lodo resupino!

XXXIV

Se o nada não engole a creatura,
Se inda sente o *não ser* da sepultura,

Se alem arqueja o desespero errante,
Se ha uma eternidade delirante,
E dóe sentir morder na carne impura
O verme da saudade devorante!

XXXV

Tarde! quando eu morrer, e despresado
Ao corvo dêm meu corpo desbotado,
Derrama sobre mim teus mornos éstos!
Talvez reviva o fogo do passado
Nas fibras rotas, nos infaustos restos
Do cadaver no campo abandonado!

. . . . . .

CANTO QUINTO

I

Era uma tarde — mas a chuva fria
Dos humidos cyprestes gottejava,
Alem no céo escuro o sol morria
Como rola na terra a rubra lava,
E o vento alem no farfalhar funéreo
Gemia no hervaçal do cemiterio!

II

Era o campo onde brota a herva inculta
Sobre o corpo do ancião e da donzella,
Aonde o verme a forma nivea insulta
E o marmore dos seios amarella!
E aonde ao apagar de uma esperança
Dos amigos enterra-se a lembrança!

III

É o campo da morte — ahi gemidos
Não busques, solitario: foge o mundo,
Os miasmas da campa, os ais sentidos
Vai antes suffocar n'um peito immundo!
Filho da dor! para esquecer a vida
Bastão os seios da mulher perdida!

IV

Ninguem que vá chorar! ninguem! a campa
É solitaria e muda. — O apodrecido
Se volve no mysterio.. Só se estampa
A lua no seu tumulo esquecido!
E nem filhos — nem mãe!... Da dor no cumulo
O homem no lupanar esquece o tumulo!

V

Por entre as sombras uma luz espanca
A treva que no chão o véo repassa ..
Roça nas folhas uma forma branca...
No sombrio hervaçal um vulto passa.
Como de ave agoureira o longo pio
Escutou-se um gemer no campo frio.

VI

Quem geme? errante cão que a lousa escarva
Para cevar em podridão a fome?
Ou sob a cova se debruça a larva,
A sombra que uma eterna dor consome?
Era um morto no tumulo acordando,
Ou corvo negro no dormir grasnando?

VII

Era um canto sombrio — era coveiro
Que nas urzes, cantando, um fosso abria :
E no labio o sarcasmo zombeteiro
Na cantiga fatal estremecia!
Cantava e ria — e contracção nervosa
Agitava-lhe a boca tremulosa.

VIII

Os monotonos sons da cantilena
Corrião doces como essencia pura :
Era o canto de amor — a voz serena.
Mas ahi, junto ao lar da sepultura,
D'essa boca nervosa na ironia,
D'alma nos seios a canção doía!

IX

E cantava — tambem o marinheiro
Canta e sonha Albion se a vaga uiva :
Se lhe escuma no rosto sobranceiro
E molha em flocos a melena ruiva!
Tambem dos brancos seios que desbotão,
Da virgem que morreo, violetas brotão!

X

Era moço : mas ja envelhecido
No avesado calcar na terra solta
Do cadaver o ventre entumecido,
Sem pela fronte livida e revolta
Sentir a fria mão do passamento
Fria, tocar-lhe o rosto macilento!

XI

Era um fosso que abria — eterno leito
A um cadaver de mais. Quando o sentio
Profundo e longo — do caixão estreito
No sudario tomou um corpo frio...
Ia lançal-o... As nuvens se entre abrirão,
Frouxos os raios do luar sorrirão...

XII

Deo no corpo o luar. Era alva imagem
Reflexo branco de mulher divina!
As transas negras á nocturna aragem
Tremião como um lyrio que se inclina!
Tão bella! parecia adormecida!...
Era o somno... porem não o da vida!

XIII

Assim a noiva de Romeo dormia —
A pallida Julieta regelada —
Quando nos labios, n'essa face fria
Elle sonhava os beijos d'alvorada,
Das noites breves o celeste encanto,
O ai da ventura, o amoroso pranto!

XIV

Era tão bella! a pallidez sorria!
E a forma feminil tão alvacenta
No diaphano véo transparecia!
Pendeo o homem da morte macilenta
A cabeça no peito — em vil desejo
Longo, mui longo profanou-lhe um beijo!

XV

« Tão formosa e morrer! » e murmurando
O coveiro deitou-a na jasida :
Encobrio-a de cal... e susurrando
Da noite á sombra uma canção descrida,
Erguendo na mão pallida a lanterna
Foi da morte olvidar-se na taverna!

. . . . . .
. . . . . .

XVI

É sombrio, confesso-vos, meu canto :
E obscuro demais, o que é defeito!
Mas é um sonho apenas que reconto,

Que em noite longa me gelou no leito —
Sonho de febre, insano pesadello
Que á fronte me deixou pallido sello!

XVII

Não teve o Dante magoa mais profunda
Quando na sombra ergueo o condemnado [1],
De um craneo carcomido a boca immunda
E enxugou-a em cabello ensanguentado :
E contou sua livida vingança
Na mansão da eternal desesperança!

XVIII

Nem mais estremeceo quando o passado
Do tumulo na sanie revivia...
Quando o velho rugindo suffocado
De fome e raiva ainda se torcia...
Como quando as crianças se mordião,
E ardentes, moribundas, pão! pedião!

XIX

Quando contou as noites regeladas

[1] *Inferno*, canto XXXIII.

E o ar da podridão... e a fome impura
Saciando nas carnes desnervadas
De seus filhos... de sua creatura!
Como a panthera emmagrecida come
Os filhos morte p'ra cevar a fome!

XX

Acordei ao tremer de calafrios
Com o peito de magoas transbordando;
Enxuguei com a mão suores frios
Que sentia na face porejando!
E um dia o pesadello que eu sentira
Mesclou-se aos molles sons de minha lyra.

XXI

Mesclou-se como ao vinho um dithyrambo,
Ao farfalhar de Pança [1] um velho adagio,
Ás alvas flores se mistura o jambo
E um osculo de amôr em um naufragio.
— Creio que vou diser alguma asneira... —
Como o nome de Deos á bebedeira!

[1] Sancho Pança.

XXII

Escrevi o meu sonho. Nas estancias
Ha lagrimas e beijos e ironias,
Como de noite muda nas fragrancias
Perde-se um ai de ignotas agonias!
Tudo é assim — no sonho o pesadello,
— Em almas de Madona quanto gelo!

XXIII

É assim o viver. Por noite bella
Não durmas ao relento na janella
Contemplando o luar e o mar dormente.
Poderá apanhar-te de repente
Fria constipação, febre amarella,
Ou alguma prosaica dor n'um dente!

XXIV

Vai, co'a mão sobre o peito macilento
Curvado como um velho peregrino,
Vai, tu que soffres, implorar — sedento
Um remedio de amor a teu destino!...
Um doutor sanará o teu tormento
Com trez chicaras d'oleo de ricino!

XXV

Eu vi, eu vi um typo de Madona
Que os ares perfumava de belleza :
Que suave mulher! ah! não resomna
Uma virgem de Deos com tal pureza!
Era um lago a dormir... na flor sereno!
Porém sua agua azul tinha veneno!

XXVI

E agora — boa noite! eu me despeço
D'esta vez para sempre do poema :
Como soberbo sou, perdões não peço.
Mas como sou chorão, deixai que gema,
Que dê largas a est'alma entumecida
Na dôr de tão solemne despedida!

XXVII

Que prantos! que suspiros suffocados!
Se eu gostasse dos versos eloquentes,
Como eu descreveria bem rimados
Do meu peito os anhelitos frementes!
Porém nos seios eu suffoco tudo,
Por que da magoa o seraphim é mudo.

XXVIII

Silencio, coração que a dor inflamma!
Alem do escarneo, sons! quero o meu leito
Das lagrimas banhar que a dor derrama!
Quero chorar! quero chorar! meu peito!
Dizer adeos ao sonho que eu sentira,
Sem profanar as illusões na lyra!

XXIX

Eu não as profanei! guardo-as sentidas
Nas longas noites do scismar aereo,
Guardo-as na esperança, nas doridas
Horas que amor perfuma de mysterio!
Sem remorso, nem dor, aos sonhos meus
Eu posso ainda murmurar — adeus!

XXX

Ah! que na lyra se arrebente a corda
Quando profana mão os sons lhe acorda!
E o pobre sonhador a phantasia
O sonho que ama e beija noite e dia
Não saiba traduzir, quando transborda
Seu peito dos alentos da harmonia!

XXXI

Que não possa gemer a voz saudosa
Como o sopro dos ventos avendiços,
Como a noite que exhala-se amorosa!
Como o gemer dos ramos dobradiços!
Para exprimir os pensamentos meus
Nos cantos melancolicos do adeus!

XXXII

Adeus!... é renunciar n'uma agonia
A esperança que ainda nos palpita;
Sentir que os olhos cegão-se, que esfria
O coração na lagrima maldita!
Que inteirição as mãos, e a alma afflicta
Como Agar no deserto ora sombria!

XXXIII

Sentir que tudo em nós se gela e chora,
E o coração de lagrimas se véla!
E a naturesa alem revive agora,
E a existencia por viver, mais bella
Novas delicias, novo amor revela
Do lusente porvir na rôxa aurora!

XXXIV

Sentir que se era poeta... á brisa errante
Bebendo effluvios que ninguem respira,
Pressentindo á donzella palpitante
Os enlevos, os ais, e o sonho amante
Que nos brisa no berço susurrante,
E o perfume que a musica transpira!

XXXV

Adeos! é uma gota de mysterio
Que Deos nos orvalhou como sereno!
É a dor voluptuosa — o bafo aerio
Que derrama perfumes e veneno!
É a scisma que rola, que resvala
Que os pensamentos no desejo embala!

XXXVI

Saibo do céo que aviva na lembrança
Que é um filho de Deos o moribundo
A quem se fana a timida esperança!
Que é dos anjos irmão e que é no fundo
Do Oceano do viver, que o vagabundo
A perola do amor talvez alcança.

XXXVII

É as crenças sentir uma per uma
Que se adormecem... e o batel da vida
No Oceano escuro cobre-se d'escuma
E se afunda no mar... e dolorida
A alma do marinheiro empallecida
Ao arrebol da morte se perfuma!

XXXVIII

Adeos! tudo que amei! o vento frio
Sobre as ondas revoltas me arrebata,
Alem a terra perde-se... o navio
Trilha nos mares sobre um chão de prata!
Adeos! tudo que amei, que me retrata
Inda a saudade ao terno desvario!

XXXIX

Meu céo! minhas montanhas verdejantes!
Setim azul da languida bahia!
Manhãs cheias de brisas susurrantes,
Noites cheias de estrellas e ardentia!
Oh! noites de luar! oh! melodias
Que nas folhas gemeis, ventos errantes!

XL

Valles cheirosos onde a infancia minha
Virgem peregrinou entre mil sonhos!
Noites, luas, estrellas da noitinha
Que os labios entreabristes-me risonhos,
E orvalhaveis de morno sentimento
A aberta flor do coração sedento!

XLI

Silencio que eu amei, que eu procurava
Na varanda romantica e sombria,
Sorvendo dentro em mim ar que sentia
Na fresca viração que se acordava!
Suspirando a scismar nessa atonia
Que de amor minhas palpebras banhava!

XLII

Sobre as columnas o luar batendo
E nas palmeiras humidas tremendo
Filtrava-me socego, e o molle engano
Em que se abysma o pensamento insano,
Que empallece da noite os sons bebendo
E harmonias escuta no Oceano!

XLIII

E vós, aguas do mar, que me embalava
Ao som dos remos da gentil falua!
Onde a fronte de escumas se banhava,
E á morta luz da vagabunda lua
Scismava como a nuvem que fluctua
Do escravo á nenia estranha que soava!

XLIV

Oh! minha terra! oh! tarde recendente
Que embalsamando vens com teus cabellos
Derramados á luz! O' sol ardente
Como os labios do amor! luares bellos
Como das flores de laranja o cheiro
Que perfumão da noiva o travesseiro!

XLV

E adeos, vós que eu amei, que inda sentidas
As illusões me acordão na tristeza!
Que inda choro nas minhas despedidas!
Bellas dos sonhos! anjos de belleza!
Morenas a quem banha a morbidezza!
Como as rosas da noiva empallecidas!

XLVI

Ai todos vos sonhei! candidos seios
Onde amor pranteára delirante!
Onde gemera em derretido enleio
Como em seios de mãi sedento infante!
Aguas mysticas aonde estrellas santas
Deixarão trilhos das argenteas plantas!

XLVII

Como o triste Alcyon vaguêa errante
Nas frias primaveras do Oceano
E ama as alvas, a noite susurrante,
Tardes, ondas e sol e leviano
Na leviana affeição embriaga insano
A existencia nos seios o inconstante :

XLVIII

Eu todos vos amei! cri no mysterio
Que o libertino Don Juan levava,
Nas noites profanadas do adulterio,
Quando a alma sedenta evaporava!
E a vida como um alaude aerio
A todos os alentos entregava!

XLIX

Terra do amor! ó minha mãe! na vida
Se o fado me levar em magoa lenta —
Sempre n'esta saudade esmorecida
Que de tristes lembranças se alimenta! —
Na morte a minha fronte macilenta,
Inda a ti volverei qual flôr á vida!

L

Vivirei do que foi — dos sonhos meus! —
Da seiba do passado heide essa flor
Regar das quentes lagrimas do amor!
E quando a luz apague-se nos céos
E o frio coração á dor succumba
Inda murmurarei — adeos! — da tumba!

FIM

APPENDICE

DISCURSOS

PRONUNCIADOS

por occasião de dar-se á sepultura, no cemiterio de Pedro II,

O ESTUDANTE

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO,

A 26 DE ABRIL DE 1852.

Senhores,

Duas palavras ao pé desta cova onde vamos lançar um simples estudante.

Não venho aqui prantear a sorte de uma familia; Deos se amerceará della e lhe dará o preciso conforto; venho render homenagem á virtude e ao talento, prantear a sorte da patria.

Sabeis quem era elle? Um genio a que só faltou o tempo. Sabeis quem elle era? Um poeta com as lavas de

Hugo e de Byron e a uncção de Lamartine. Sabeis o que o futuro nelle via? Um Kant e um Cousin; um Pereira e um Merlin. Ninguem que o conheceu achará que exagero.

Sabia conceber e meditar, exprimir-se em linguagem a mais corrente e sublime. A litteratura allemãa, a ingleza, a italiana e a franceza, nada bello apresentão que lhe fosse desconhecido. Suas poesias são verdadeiras glorias, e as notas com que sellou os seus compendios lhes dão valor inestimavel; consulta-las ha de seu pai advogado de nome, consulta-las hão de juizes e advogados de estudo e consciencia. Esse direito — o romano, — fonte de todos os direitos, mas entre nós tão desprezado, o estudou elle e sabia. Publicado ainda hontem, o nosso codigo do commercio já lhe era familiar; elle o havia já analysado, e confrontado com os codigos estranhos! Ao simples estudante confiei eu causas importantes, e as decisões dos tribunaes lhe coroárão os trabalhos.

Dizer-vos que era elle filho exemplar, mancebo que sublimava suas altas qualidades com a modestia com que as mostrava, seria repetir o que sabeis todos, o que todos sentis.

Escutai-o, e vereis patente o seu espirito religioso :

« A idéa de progresso e civilisação, escrevia elle em S. Paulo, está ligada áquelles que seguirão o Homem Deos do Deserto ao Calvario, que baptisárão as frontes na chuva de sangue e n'agua suarenta escoada de um cadaver pelo cedro de uma cruz. »

Escutai-o ainda, e vereis seu amor patrio :

« Tudo está profanado; a propria imprensa tambem

despio seu manto auri-azul de rainha, enlaivou-se de torpeza no lupanar da calumnia, e enfurdou-se no lôdo até as joelhos, que nem poderá dobra-los para orar a Deos.

« Que todos aquelles em quem arde chamma de talento e amor patrio se reunão, porque das reuniões, quer litterarias quer politicas, das vozes das praças publicas, deve correr grande luz sobre o *problema*, deve tambem provir a solução delle ainda mais directa que da parte dos parlamentos, porque a chaga do povo é funda. A lei só olha a superficie; e só a luz da religião e da sciencia póde baixar como o mergulhador do Oriente ao fundo daquelles mares.

. . . . . .

« Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional, como quereis uma nação? A cópia livida do que vai pelo mar-além poderá ser o sangue de uma nação? O parasitismo scientifico poderá ser condição de vida para a intelligencia de um povo?

. . . . . .

« Os palpites de brazileirismo no coração dos nossos governantes póde ser que acordem á voz da mocidade, ao reclamo de toda uma geração nova que se vá dos pés do altar das letras a perguntar-lhes no leito do adormecimento : o que é de tanta jura de patriotismo leal, de liberalismo profundo?

. . . . . .

« E quando um dia nosso corpo adormecer no nada, e os homens da terra esquecerem aquillo que foi nossa intelligencia, restará de nós pelo mar turbido das peregrinações do progresso a trilha assignalada pelo rasto de

ardentias que deixa a náo sumida no horizonte dos mares, pelas noites dos tropicos. »

Escutai agora sua caridade christãa.... Mas não, senhores, não devo aqui relatar o que este cadaver calou sempre. A sua caridade foi exercida nas trevas; basta que a conheça Deos.

Eu o vi expirar como um santo; vi-o expirar, chorei-o; mas choro ainda mais a patria que o perdeu.

Abençoai vós e respeitai a cova do estudante.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA.

Acaba de apagar-se uma vida bem preciosa : e neste dia funesto não é só uma familia desolada que se debate nos abysmos da dôr; tambem a patria lamenta a perda de um filho prestimoso. O senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven das mais bellas esperanças : entrado apenas no vigesimo primeiro anno de sua idade chegava já ao termo de seus estudos de direito na academia de S. Paulo, onde só lhe faltava cursar o ultimo anno; talentoso e applicado frequentára sempre com brilhante aproveitamento todas as suas aulas : juizes competentes admiravão já seus notaveis conhecimentos em diversos ramos das sciencias juridicas, e como se poucos fossem ainda tão ricos dotes, Deos tinha acendido na alma do mancebo aquelle fogo sagrado da poesia que eleva o homem acima da terra, e faz correr de seus labios em

cantos sonóros a linguagem do inspirado : elle era poeta; e a par desse espirito elevado seu coração era cheio de virtude, religioso, filho amante e devotado, bom amigo, modesto e agradavel, ninguem jamais o tratou que o não ficasse estimando.

Tudo pois parecia vaticinar-lhe o mais lisongeiro futuro : ainda um anno, e o talentoso joven viria ornado com um titulo honorifico estrear sua fructuosa carreira; o coração de seus pais palpitava de enthusiasmo adivinhando os louros que coroarião a fronte do filho amado; seus parentes e amigos já de antemão se ufanavão de seus triumphos; a patria como que se sorria gostosa prevendo a gloria do distincto mancebo; mas de repente fatal enfermidade vem arroja-lo sobre um leito que lhe deveria ser de morte; quarenta e seis dias são passados entre dubias esperanças e sinistros temores; finalmente a morte inexoravel triumpha dos amorosos cuidados da extremosa familia e da solicitude de habilissimos medicos.... a agonia se approxima.... e o joven poeta, que resignado recebêra todos os soccorros da religião, o joven poeta contricto e animado, com a alma de azas abertas para voar ao céo, com o pensamento embebido em Deos, mas ainda com o coração voltado para a terra, onde tinha de deixar tantos amores e tantas esperanças, fita os olhos em seu pai e tristemente balbucia : « Meu pai! que fatalidade! »

Emfim elle está morto; deixou-nos como provas do muito que poderia fazer pelas nossas letras alguns bellos discursos e grande numero de excellentes poesias; o Brazil perdeu neste mancebo um cidadão dedicado e pres-

timoso, seus pais um filho que fazia a sua gloria e que honraria o seu nome, e todos nós perdemos um excellente amigo.

Nós o vimos ainda ha pouco tempo cheio de vida e radiante de alegria; no entretanto o poeta parecia prever o seu proximo fim; alguns dias antes de adoecer confiounos uma poesia em que a sua morte parece prophetisada.

Senhores, permitti que eu conclua lendo-vos esses sentidos versos: escutai; é o canto do cysne[1].

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

E a ti que sentias como poeta, a quem talvez o genio matou n'um beijo de fogo, a quem Deos daria na existencia a corôa mystica dos amores, a gloria suas visões, a noite seus perfumes, a lua suas lampadas de ouro... Boa noite!

M. A. Alvares de Azevedo, *á morte de F. Coelho Duarte.*

Amigo!... Irmão!... Não ouves? Porque emmudeces? Porque me não falla tua alma aquellas fallas doces e inspiradoras que jorravão desses labios sempre abertos ao sentimento, qual de fonte do céo jorrão immensidades de luz? Porque não derramas ainda sobre nós um pouco do teu esplendor, ó raio do sol, tão cedo roubado á terra?... Como se dilatavão diante de ti os rutilos horizontes!

[1] Segue-se a poesia: « Se eu morresse ámanhã, » que se acha no primeiro volume a pag. 345.

Quanta vida nessas veias, e quanta mocidade extincta! Quanto genio.... ai de nós! mas o genio não é da terra — almeja o céo, sonha com os astros, procura Deos, e se diverte com seus anjos.... E tu, esperançoso e pensador, buscaste o céo; tu, poeta, foste ver realisados os teus sonhos dos astros: tu, crente, foste ter com Deos, divertir-te com seus anjos!...

Oh! bem o previas!... Sentias em derredor de ti esvoaçar uma ave de morte — ouvias o tetrico susurrar de suas azas repercutir no imo de tua alma, como um mysterio entre tua alma e Deos....

E não te valeu de escudo tanta amizade, tanto amor immenso! Deixaste rebentar o collar de perolas da esperança que rojárão pelo chão de teu leito, e não as ajuntaste.... e deixaste-las rolar uma por uma até perder-se no infinito!

Onde essa mente que tanto ao longe expendia suas doçuras, suas harmonias? Porque te não posso eu erguer dessa tumba? Porque não póde meu sangue dar-te vida? E porque te foste d'entre tantos braços que te cingião, como para obstar a esse desenho fatal?... Não vês os nossos prantos?... Não ouves os nossos soluços? Volta, volta ainda esses olhos para os que te procurão, te desejão, te chamão, humedecendo-te as faces luridas, e chegando-te o calor de sua vida á rija frieza de teu corpo!...

Mas não! tu descansas.... para que perturbar-te?... Tu dormes — fatigarão-te os trabalhos da existencia e precisaste repousar.... Dorme pois, embalado pelos archanjos, um somno do céo.... Hão de rociar-te o leito

as lagrimas ardentes dos teus — hão de perfumar-t'e as flôres do coração dos pais, dos irmãos, dos amigos — fallar-te ha nelle Deos — acompanhar-te-hão os sentimentos.... Vai cumprir teus sonhos e sonha comnosco!

Adeos! Ainda nos fallaremos mais vezes, — lá na presença do Eterno tu ouvirás minhas palavras e me responderás : lá tambem conversaremos conversas ardentes de um fogo celeste, cheias de suavidade e dos aromas dos anjos, cercados pelas flôres de Deos.... Lá nos encontraremos.... Adeos! Deixa dizer comtigo mesmo, deixa beber nos teus labios a minha ultima palavra diante do teu leito — Boa noite! Amigo!... Irmão! Boa noite!...

Domingos Jacy Monteiro.

SAUDADE

Junto ao logar da morte

DO BACHAREL

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

NO SEXTO DIA DO SEU PASSAMENTO.

Sonho ou deliro? A luz me falta ou vivo?
Descri dos ceos, do mundo, da ventura?
Ai! pobre coração! soluça, soffre
— O sentimento no soffrer se apura...

Ser de virtude! porque em meus ouvidos
Inda não côas lavas de poeta?
Porque mais me não dizes do futuro,
Que tu sonhavas, infinita meta?

Porque aos braços do amigo já não corres
A contar-lhe extremados sentimentos?
Porque o canto não ergues, desvendando
Ao mundo os teus divinos pensamentos?...

Tudo é silencio! — Cala-se a bafagem
Que os cabellos de joven te beijava,
E queria apartar da fronte excelsa
A nuvem que os ardores assombrava...

Mas inda ouço-te a voz de sala em sala
Entre o luto que cobre e extingue a luz:
— É o écho brando d'essa voz sentida
Que um Anjo aos lares célicos conduz!...

Ouço inda os passos que dizião vida,
E ora perdem-se em lethal mudez!...
Gemem as vagas na arenosa praia;
— Fallão de ti, gemendo, inda uma vez!...

E eu te vi... Quanta gloria n'essa fronte!
— Inda crêr parecias no porvir...
N'esses olhos que fogo! — Inda abrazou-me
Os seios d'alma em lobrego sentir!...

Junto do teu meu coração batera,

Minha mão estreitára a tua mão :
Fil-o ainda — e a mão nem mais moveo-se
Nem bateo uma vez o coração...

Então chorei... o meu ardente pranto
Caio-te sobre o peito e te accordou...
— Ouvi-te segredar no meu ouvido,
Sentí pulsar o peito que esfriou...

Moveste os cilios negros ; resignado
E meigo olhar lançaste sobre mim ;
Fallaste de teus paes... a voz baixinha
Perdeo-se na minha alma e em céos sem fim...

. . . . . .

Foi um momento só ! — Delirio ou sonho?
— Sonho ! insania da vida ! atra visão !
Vi a campa cerrar toda esperança :
Fatalidade ! é bronzea tua mão !...

De lagrimas reguei a fria terra ;
Muda os prantos comtigo sepultou...
O' duvida ! ó engano ! crensas ! vida !
Morrer ! morrer ! — A mente tresvariou !

Creatura celeste ! uma vez inda

Recebe d'alma o extremo intimo adeus!
E deixa-me sonhar, e nos meus sonhos
Vem — Poeta! — trazer-me o ardor dos céos!

Domingos Jacy Monteiro.

Rio de Janeiro, rua do Infante.
1° de maio de 1852.

SESSÃO FUNEBRE

DO

ENSAIO PHILOSOPHICO PAULISTANO

CELEBRADA

POR OCCASIÃO DA MORTE DO SOCIO BENEMERITO E FUNDADOR

O BACHAREL

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO,

NO DIA 23 DE MAIO DE 1852, EM S. PAULO.

Pelas 11 horas da manhã, depois de officiar-se na igreja de S. Francisco pelo descanço do finado consocio benemerito e fundador — o bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, — passou o Ensaio Philosophico Paulistano a celebrar em a salla de seus trabalhos a sessão funebre commemorativa de tão infausto acontecimento. Ahi, no meio de um concurso numeroso das pessoas mais

gradas desta cidade, ás quaes o Ensaio é tão agradecido, pelo interesse que tomão, já nos seus prazeres e gloria, já nas suas dores e saudade, fizerão ouvir os mais tocantes discursos, e as mais ternas poesias grande numero de associados : orou como orgão da Associação o Senhor bacharel A. Ferreira Vianna, e presidio a sessão o Illm. Sr. Dr. M. J. do Amaral Gurgel, que pronunciou a seguinte allocução :

« Senhores !

« Não vos parece ouvir resoar ainda neste recinto os échos lugubres da sessão funebre com que o *Ensaio Philosophico Paulistano* commemorou o passamento d'um seu illustre socio? E já temos de lamentar a perda de outro igualmente talentoso, igualmente digno de saudade?!! Ai! como é verdade que o homem neste mundo phenomenal é apenas um meio ser, um ente estropeado posto entre o nada e a morte! É, na phrase do livro de Job, semelhante á flor, que n'um momento desabroxa e séca : foge como a sombra, e nunca permanece no mesmo estado. Assim passou o nosso consocio da aurora da vida ao occaso do tumulo : elle, que se havia levantado como um gigante para correr a estrada das sciencias, desappareceu com a rapidez do relampago ; mas deixou após si traços luminosos, que serão indeleveis na memoria da posteridade. — Vamos pois, senhores, derramar uma lagrima de saudade sobre o seu sepulcro : vamos cumprir este dever sagrado. »

Está aberta a sessão.

DISCURSOS E POESIAS

RECITADOS

NA SESSÃO FUNEBRE

Senhores!

A mão mirrada, e certeira da morte, desfechando medonho golpe sobre uma das mais lisongeiras esperanças de nossa Sociedade, e da patria, nos obriga á chorar neste recinto de luto e de tristeza o passamento do nosso mui caro patricio e consocio Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Nascido em S. Paulo, provincia cheia de recordações as mais sublimes, e de caracteres os mais distinctos e altaneiros, mostrou o nosso collega, desde a mais tenra infancia, que em seu cerebro descançava uma descommunal intelligencia, e em seu coração arrebentavão viçosos sentimentos heroicos: por felicidade sua a natureza lhe tinha dado um pai illustrado, que sondando as forças do filho vaticinou nelle um poderoso arrimo á sua ve-

lhice, um monumento para a patria, e um herdeiro de nossas glorias obumbradas pela insidiosa inveja.

Carregado de despojos, exornado de louros virentes que tinha alcançado na luta porfiada da intelligencia na acquisição da verdade, considerado na opinião de todas as illustrações que o tinhão dirigido no mar tempestuoso da vida litteraria, e que nelle descobrirão uma razão libada, sentimentos nobres, e alma grande para conjurar os azares da fortuna, constituia o orgulho de si proprio, e as delicias de sua familia.

Accessivel aos encantos da poesia acompanhava os vates em seus arroubados vôos, apaixonava-se pelo bello, impressionava-se pelo sublime — tinha escandecido seu craneo nas magestosas labaredas de Dante, amoldado seu coração ás ternuras de Petrarca, apurado seu gosto nas bellezas de Victor Hugo e Lamartine, e embebido seu pincel de artista nas vivissimas tintas de Byron.

Á seu nome está ligado não pequeno numero de producções, que arrancando-o do olvido das mediocridades attestão seus estudos, e seu delicado gosto.

Bacharel em bellas lettras, e cercado de prestigio e reputação, elle frequentou os quatro primeiros annos da Academia com singular momento, e tendo recebido no anno de 1851 a remuneração de seu afanoso lidar elle recolheu-se ao seio de sua familia que anciosa o esperava para estreitando-o em seus braços imprimir-lhe o osculo da gratidão, e da saudade. — Mas ah! seu destino estava lavrado! Tombou em leito de morte accommettido por uma violenta enfermidade que o ameaçava fatalmente. — Sentado á borda do tumulo, alcançando com vistas

profundas o immenso da immortalidade, e o nada da vida deste mundo de miserias e vexames, e percebendo avisinhar-se o momento d'agonia com resignação do justo; pedio a sua carinhosa mãi o crucifixo do Redemptor da humanidade, e recolhendo em seu seio de réo o inexoravel Juiz que em breve tinha de julgal-o, e com os olhos fitos em sua cara mãi, cercado de seu pai e de extremosos irmãos — expirou! bom christão, e bom filho, como o tinha sido em toda a sua vida! — não mais oscilla em seu peito a pendula da existencia, e a gelida morte lhe avassalla todo o corpo — é um cadaver que vai ser abandonado aos vermes da terra!

Quando, senhores, vemos reduzido á completa materia o homem que durante sua existencia no mundo das contingencias viveo sob o peso dos estudos, nos monologos do gabinete, e na difficultosa indagação da verdade, quando vemos que os resultados de tantos, e tão afadigosos trabalhos é fruir por instantes inapreciaveis o gozo desproporcional dos conhecimentos adquiridos, quando em fim vemos seu corpo arrojado ao tumulo de envolto com o lodo da terra, esquecido, extincta assim a magestade de sua intelligencia, o brilho de sua razão, e a grandeza de sua alma, uma idéa por de mais sublime nos acode, e recolhendo nosso espirito faz-nos reflectir nas vaidades da terra, e conceber que esta vida é uma provação ou antes um combate renhido entre o bem, e o mal, a virtude e o ocio, a obediencia, e a colera. Se o homem não obstante as delicias rapidas do crime, e os gozos passageiros da improbidade e da infamia, despreza tudo para com aspecto denodado praticar a virtude, e só

a virtude, oh! então Deos, ser harmonico e justo, sem duvida não consentirá que aquelle que assim procede vá gozar da immortalidade á par do homem prostituido pelos vicios, embotado pelo constante exercicio do mal, abatido pelas exprobações do justo, carregado de maldições do pobre á quem perseguia na terra, envolvido no habito do avarento, e ligando á si a historia de um malvado.

E quem será mais virtuoso e digno de seu auctor aquelle que sempre viveo na ignorancia primitiva, ou o que estuda o ser Supremo, os deveres que tem contrahido a Creatura com o Creador, que gasta toda uma vida em busca da verdade?

Deos é a verdade, e toda a verdade, e tanto mais proximo e digno delle é o que possue maior somma de conhecimentos.

O sabio pois será salvo — gozará da Eternidade.

Sim, senhores, enxugai vossas lagrimas, não vos torturem as acerbas dores. O Senhor Deos disse: — aquelle que fôr constante na pratica da virtude, soccorrer os indigentes, alliviar as mágoas do afflicto, será digno de mim; aquelle porem que no navegar da existencia mundana abalroar alguma vez nos escolhos do vicio, esse não naufragará, nem perderá meu reino se o arrependimento sanctificar sua alma. E quantas vezes não vistes o nosso fallecido consocio sarar as feridas do desgraçado, consolar os afflictos com sua generosidade, reprehender o vicio com sua eloquente palavra. O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo goza da felicidade eterna. Sirva essa persuasão para abrandar as dores que torturão o coração de seu pai, de sua mãi, e irmãos, para consolar

seus collegas que sempre forão zelosos apreciadores de seu subito merito, que com elle trocarão suas amizades e dedicações; — sirva emfim para a tranquillidade do *Ensaio Philosophico Paulistano* que inconsolavelmente chora sua perda.

Goza do Céo, alma candida, do cantico doce e harmonioso desprendido das harpas sonorosas dos Anjos, respira a aura do justo, e brilha como lucida estrella no firmamento dos escolhidos; o teu Creador conhece tuas virtudes, e te prepara louros merecidos — elle ouvio teu arrependimento ungido de palavras evangelicas :

> Se no passado errei, se te esquecia,
> Se a blasfemia corrêo nos labios frios,
> Perdão, Senhor meu Deos! que a febre insana
> A minha alma perdeu nos desvarios.

Antonio Ferreira Vianna.

> E tua alma ainda juvenil subio ao seio de Deus nas azas negras da morte, como o orvalho da terra se alevanta ao ceu n'um raio do sol.
>
> Alvares de Azevedo, *Necr. a Baptista Pereira.*

Senhores!

Ha dores, tão pungentes e tão intimas, que o coração se parte no delirio do desespero; tão agudas, que elle lá

se vae a derreter em lagrimas na cruz do ataúde onde o filho do *nada* se prosterna para beijar uma campa!

Ha momentos na vida, em que o homem gasto de amarguras, tomba esmorecido no horto do soffrimento, olha a Providencia como uma sombra vaga que rarêa nas trevas e eu seus labios de athêo — christão de outr'ora — desenha-se a blasfemia da incredulidade n'um sorriso d'escarneo : — é quando a Providencia fere cega — como a fatalidade!

Ha cizuras na alma, tão fundas que os balsamos não fechão, e nem a poeira do olvido coada pelo tempo póde seccar : — é o passamento do genio!

Não daquelle que viveu da embriaguez dos triumphos, que teve um leito de louros — por tumba, as hosannas e gemidos de um povo — por hymnos de morte.

Não d'esse, porque cumprio sua missão e passou. Não de Cesar symbolisando um povo, de Gœthe se moldando no Fausto, de Raphael revivendo n'um quadro! Mas do genio em botão que as ventanias de gelo penderão da hastea, porque é uma lyra sem cordas, uma flor sem aroma, um firmamento sem luz! Do genio que encosta a cabeça macilenta em travesseiro de pó, joven de vinte annos! De vinte annos — quando as illusões entre sorrisos desabotoão da fronte e vão-se evaporando aos poucos, como os echos de uma lyra dedilhada no ermo! De vinte annos — quando a seiva da vida é pura e ardente como sonhos de infante e reçuma do coração em harmonia e perfumes de embriaguez e vertigens! De vinte annos — quando o fogo da inspiração lhe desce n'um raio de primavera e vae derramar seus reverberos em cordas de ouro!

É então que o genio se pranteia.

É então que os goivos ressequidos pedem lagrimas intimas, que a cruz pede saudades! E pois, lagrimas e saudades vamos nós — os vivos de hoje, entornar sobre a lousa de um irmão, que nos cobrirá tambem a nós — os mortos de manhã. Seu nome? A dor o cinzelou nos corações e quantas vezes e entre soluços não terá elle atravessado vossos labios, imprecando a negra sina que desbotou a mais embalsamada flor de nossa grinalda academica!

Era um genio! Não vergado pela caducidade sobre o pó do passado que lhe borrifa o sudario, mas altaneiro e gentil como a palmeira d'Abyssinia; viçoso e frondente como um cedro novo do Libano, recostado aos velhos troncos desses atalaias dos seculos; um genio embalado pelas nossas brisas, rico de inspirações como esta natureza virgem que lhe tecera um berço, fulgente como o seu céo de crysolitos.

Não foi mister ir assentar-se nos marmores desabados de Parthenon ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*, a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade de Solon; não foi como o cantor de *Jocelyn* remoçar o alaúde ao murmurio das ondas do Bosphoro, que vão oscular Stamboul em suas muralhas eternas. Não! Na terra abençoada de seus pais, sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio, no ultimo raio do sol a broxulear nas vagas, qual pallida lampada no sacrario do templo. Erão as notas de sua harpa — tristes ás vezes, como as lagrimas do Tasso nas

pedras da masmorra, ou como as recordações de Chenier na vespera do supplicio; outras vezes — altivas e sombrias como os vapores de Byron, cujos cantos no dizer do poeta, semelhão: — o adeus do cysne na hora do passamento. Childe Harold foi-lhe o poeta do coração.

Um dia, correndo as cortinas de seu leito elle se alevantou cantando a aurora que lhe sorria fagueira como um labio de noiva, mas seu canto era lugubre como o pio do mocho que presagia o morrer; — tão triste, como o gemido extremo de extremo soluçar. O sol foi-se encravar em chão de negro e a morte baixando em nuvens pretas quebrou sua lyra no angulo dos mausoléos; destemperou suas cordas com fetido bafo que exhalou das tumbas e sua voz descahio... e morreu... Que importa! Seu canto perpassado de melodiosa angustia, eterno echoará nas fibras d'alma, como a prece do peregrino nas abobadas sombrias das catacumbas de Roma!

É uma lapida que o Brasil deve aquecer de pranto! Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio n'um leito de cal — foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias, — um astro de menos no céo de seu porvir, — uma cabeça que lhe sonharia um monumento e uma penna que o gravaria em marmore, — foi um cysne implume que se alou nas azas do anjo, deixando louros da terra, para perfumar-se dos risos de Deus!

E que saudades tão tristes nos deixou!...

E o peito de um pae que rala angustias, que segredava um futuro tão de encantos e luzimento, nessa fronte en-

grinaldada pelo talento, abrilhantada pelo genio, aformoseada pela esperança de amanhã?...

E a desolada mãe, que crava beijos de fogo em labios frios, que estreita um cadaver em angustiado transe, pedindo vida a uma palpebra chumbada, fallando em balde e sempre a um corpo exanime... enregelado... e quedo?...

Pobres! — Não ha conforto aqui na terra que serene esse volcão de suspiros, que seque a fonte de lagrimas e gemidos que uma agonia veio cavar fundo em vosso amor! Chorai — chorai um sol que se apagou, — um lyrio murcho, — um presente sem vida, — uma vida sem futuro! Chorai — pregados á cruz de vossa afflicção e desespero, como Magdalena abraçada no Golgotha, e olhai para Deus até que elle vos diga : — basta!

Felix Xavier da Cunha.

I.

Escuta, é cedo ainda, porque fóges?
Não tem o dia a aurora, a noite estrellas,
Os campos flores, e a folhagem brisas
A murmurarem tépidas?

E as ondas que mansas se espreguição
Á noite, quando o sol descamba palido,
Não tem arcanos que sedusem a alma,
Não tem primores?

Não tens os peitos dos fieis amigos,
P'ra nelles derramar as magoas tuas?
Não tens a irman c'o riso seductor
E a mãi tão cára,

Que a fronte te acalore esmorecida?
Escuta, é cedo ainda, por que foges?

II

Soldado da tua idéa
Caminhaste fronte altiva,
Não pungiu-te — a d'esperança
Por que tinhas a fé viva;
E quando alguem te apontava
O futuro que enganava
Os teus almejos de poéta
Mostravas co'a fronte erguida,
A carreira percorrida
No horisonte pela sétta.

Pendida a face pr'a o seio
Meditaste teu viver,

E quando chegou a hora
Que te forçou a morrer,
Lavaste a mão de guerreiro
No sangue do almo cordeiro
Do rebanho do Senhor :
Alma rigida, sem ira
Abraçaste tua lyra
No ultimo abraço de amor.

E ella a pobre coitada
Vacillou estremeceu,
E suas cordas vibrarão
Como um cantico do céo;
Por entre o pranto sumida
Era uma queixa sentida,
Era uma infinda vontade
Que real não poude ser,
Era um continuo diser
As magoas de uma saudade.

E alem murmurava o canto extremo
Do cysne que nas trevas se atufou;
E na órla do horisonte... desmaiada
Uma vóz s'extinguiu... tremeo... chorou.

Morreste viajor, na impia cidade
De tuas sandalias sacudiste a poeira,
E lá no teu dormir gelado e fundo
Teu anjo vella á tua cabeceira.

E sobre a terra, a mó de povo em furia
Busca, no embate sanguinoso, a gloria;
E tu — tens lá no céo remanso ameno,
N'um coração de mãi tua memoria.

Morreste, em tua rapida passagem
Fundo marcaste o sello de teus feitos;
Era brilhante o teu futuro de homem,
Sorria a fama, te aguardavão preitos.

E pois desconfiado, esvoaçaste,
Fendeste os mundos, te abrigaste aos céos,
Eu que tardio demorei-me ainda
D' aqui te envio o derradeiro adeos.

A. C. Ribeiro d'Andrada Machado e Silva.

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cisne peregrino,
E harmoniosos quebros gorgeando
Desparecco nas nuvens!

B. J. da Silva Guimarães.

Vôa, não pares, ó genio, que a tua vida é breve! E qual rapido raio de luz que passa no horisonte em noite de procella, no céo álêm se esvai! Vôa, sim, sobre tuas azas d'ouro a demandar em regiões ethereas o que na árida terra teus avidos olhos de balde buscão — Felicidade, palavra vaga e misteriosa com que a esperança enganadora envolta em traição nos embala em illusões, desde o primeiro arfar de vida, até que horrido phantasma, ennegrecido pela mão do Senhor, venha dizer-lhe : Poeta, porque corres? depõe a lyra, tua gloria é esta! Ella, a campa avara com seus horriveis insondaveis misterios. E curvado, submisso, qual escravo ao mando do senhor, tremulo recebe com a destra a taça de amargo veneno, com que a mão da morte vai denegrir seus roseos labios!

É então que elle vê a harpa harmoniosa á cujas notas, meriades de povos, se curvavão respeitosos diante d'ella, quebrada na terra para não mais cantar, porque o poeta é peregrino, sua patria é o céo!... Êlá que elle vae cantar como Byron sua peregrinação na terra, esse genio da antiga Albion, que em sua imaginação esbrazeada, cansado de soffrer as vicissitudes da sorte, povoa novos mun-

dos, canta novos prazeres em meiga soidão, patria da morte, para servir-lhe de asilo em horas de tristeza. E nessas horas em que a mente obumbrada ao povo do infortunio, comsigo exprime em linguagem silenciosa a dor, o poeta ainda é feliz, porque a Musa, companheira inseparavel, lhe segue sorrindo até a campa, a campa horrivel, mas que a seus olhos é um somno de longo dormir, para acordar-se na Eternidade ao brilho d'essa luz pura e doce, que se espalha ao redor dos homens justos — Felicidade Eterna.

E tu por quem hoje cobrimos de lucto o templo da sciencia, tu, que como Byron sabias comprehender o perfume e a sublimidade da poesia, acceita as homenagens, que te rendem nossos irmãos de letras, reunidos neste recinto, no qual a coroa de virentes louros do triumpho das sciencias deveria coroar tua fronte tão jovem, e de tão profundos conhecimentos na sciencia e na litteratura. Morreste sim! mas como Gilbert tomando no ultimo momento a lyra, pressentistes roçar sobre tua fronte as azas da morte, e disseste — Se eu morresse amanhan! — Mas debalde! o céo não quiz!...

Eu te saudo, o genio Brazileiro, no teo occaso adormecido.

Antonio Carlos Carneiro Viriato Catão.

Só a virtude impera álêm do tumulo, e perdura pelos seculos sem dobrar seo vigor ás futilidades do mundo.

Quando o homem, Senhores, vem carpir no sombrio silencio dos tumulos a perda de um amigo sincero e leal, de um amigo devotado e extremoso, cumpre por sem duvida um dever profundamente humano e religioso; quando porem a patria vem prantear a morte prematura do filho predilecto, que formava uma de suas glorias, uma de suas mais bellas esperanças, então, Senhores, o sentimento é mais que profundo, é um colosso sublime, que se arvora nas fluctuações da sensibilidade, como um pedestal indelevel, que deve immortalizar seu nome prestigioso.

E com efeito, Senhores, esse joven tão amavel, em cujos labios ainda se deslizava o sorriso da infancia, e para quem o futuro se ostentava immenso e grandioso, infatigavel no esmero de suas fadigas, e portentoso em suas concepções, ainda nos primeiros arroubos de seu enthusiasmo, já havia penetrado esse involucro tenebroso da sciencia, e escalado a muralha de bronze, que offusca o esplendor dos grandes pensamentos nas trevas da ignorancia.

Dotado de aspirações tão vastas imaginai-o, Senhores, transpondo as raias das Sciencias Juridicas e Sociaes e guindado lá por sobre os encantos da litteratura entoar seus hymnos ao poeta inspirado, a esse Byron de imagi-

nação divina, que era o objecto querido de seus sonhos. Ah! Senhores, nós o vimos tambem no extase d'esse sentimentalismo seductor, que faz do homem um heróe, um semi-Deos electrisado pela unção da poesia. Elle sorria-se aos canticos celestes dos seus amores, mas tambem reclinada a fronte sobre a palmeira do deserto, modulava a lyra do poeta enternecido, e chorava as miserias humanas.

Quando n'este sanctuario augusto da sciencia no meio de uma scena igualmente luctuosa vinhamos outr'ora render as ultimas homenagens ao nome glorioso do nosso amigo e collega Coelho Duarte, elle chorava sobre seo tumulo, e escrevia as consolações do poeta. Mal soubera então, Senhores, que n'este momento solemne nossas lagrimas correrião copiosas sobre sua lembrança, e que o Corpo Academico, e a Patria tão cedo sentiria esse vacuo immenso nos annaes dos jovens amigos, e esperançosos. Sim, Senhores, ninguem o pensava, porque ao homem não é dado prescrutar os mysterios do Creador. Elle o quiz, e sua vontade é uma lei imperiosa, cujo poder o homem contempla absorto na fé da Religião, sem comprehendel-o na existencia do seu nada.

Deixemos pois tranquillo dormir o somno dos mortos esse amigo, cuja perda nós deploramos, e permetti, Senhores, que ao jovem Companheiro nas lidas de quatro annos ainda uma vez rendamos nossas saudosas saudações.

João Pires da Silva Junior.

O dia de ámanhã não vos pertence;
A'manhã... ámanhã... porvir... futuro...
Problema d'esperança, ou tudo ou nada.
. . . . . .
E no meio de tantas ironias,
De sonhos, d'illusões, d'engano e nada
Cuida-se o homem rei... vaidade humana!

Dr. D. J. G. de Magalhães.

Quantas vezes no céo puro e sereno
Uma nuvem se quer não vendo ao longe,
De repente notamos ponto negro
Manchando o azul celeste,
E depressa e veloz a dilatar-se
Pela dos astros região sublime?
Quantas vezes nos ares assomando
Procella carrancuda,
Fugir não faz o dia espavorido,
E apaga a luz que o mundo esclarecia?
Quantas vezes contente o nosso espirito
Não se espande adorando a natureza
Mas logo em trevas, por idéa triste
De chofre acommettido,
Bem dentro de si mesmo se concentra
Nos peitos de crepe revestindo?
Inda ha pouco orgulhoso este recinto
Trajava festas, ostentava gallas,
E era o pavimento salpicado
De prasenteiras de viçosas flores;

Mas hoje sobre o chão seccas, chorosas,
Atiradas se vê só flores tristes,
Que d'ossos n'um torrão tão só vicejão.
Inda ha pouco a entoar alegres hymnos
O horóscopo cantava.
Nos animados, nos contentes rostos,
Scintillava o prazer; e lá fagueiro
O futuro luzindo apresentava
Corôa radiante,
Que devia talvez cingir a fronte
Deste mesmo recinto, que enluctado
Pelas azas do anjo do sepulchro
Prantea o passamento
Do joven vate, do chorado socio,
Que altivo defrontou c'o a féra morte,
E que altivo cahio
Beijando as plantas, descarnadas, osseas,
Negras, empoeiradas,
Quando da gloria a estrada perlustrava:
Sumio-se, sim, sumio-se qual estrella
Que ufana no horisonte se mostrando,
Não vê a denegrida, immovel nuvem
Que pretende roubar-lhe a luz divina
Encerrando-a no vasto, opáco seio.
Apagou-se, morreo, morreo pr'a sempre
A luz que resplendendo
Em o vasto horisonte da sciencia,
Já c'os raios seus brincando sempre
Nas faces do futuro
Roubar-lhe as negras cores

Transformando seu rosto carrancudo
Em placido semblante,
Estalando quebrou, cahio por terra,
Mais este poderoso, egregio fuste!
Pobre moço.... tão moço.... e já na campa!
Quantos thesouros não soterra a lousa!
Sumio-se sua voz; jaz enterrado
Envolto nos lenções de frio leito
Onde dorme c'o rei triste mendigo
O moço de talento em cuja cithara
Tão grandes esperanças s'enroscavão;
O futuro tão bello que fulgindo
No horisonte da vida
Espera o genio pr'a croar-lhe a fronte
Tambem cahio na lousa! Que mais resta?
Uma idéa tão só, triste, pungente
De vagar passeando ante a memoria
Os nossos corações estortegando.
Sim, tudo que é terreno desparece.
De tantas perfeições, que recamavão
Essa vida que nós hoje choramos,
Só a virtude ficou, illesa, augusta
Pr'a junto ao throno do Senhor dos mundos,
O passado advogar do joven probo,
Que o caminho seguio por Deos marcado.
Só a virtude ficou illesa, augusta
Pr'a escancarar-lhe as portas
Da gloria, do salão da Eternidade.
Tyrannos, que regaes de sangue a terra
Adiante de vós lá vai a morte

Aguardar-vos sentada no fastigio
Das grandezas ephemeras do mundo.
Impassiveis magnates deslumbrados
Pelo ouro que cobre esses vestidos
Vêde a morte cruel, inexoravel.
Não se deixa vender, tentaes debalde
Cegar-lhe os olhos c'o luzir do ouro.
Essa riqueza vã ella repelle
Esses aureos galões á terra entrega.
A virtude, a virtude nosso escopo
Tudo mais é terreno, ao pó se junta.
Aonde está o talento que choramos,
O nosso amigo que comnosco junto
Nos ajudava no lidar insanno?
Separou-se de si, deixando á terra
Seu corpo que é da terra
E fez voar a Deos su'alma egregia
Pr'a com elle viver, viver c'os anjos.
Lá na egregia mansão recebe o pranto
Ouve o gemido da saudade nossa.
Nós te choramos por perder o mundo
Uma alma ingenua, poderosa e forte
No crysol da virtude depurada.
Adeos, esp'rito feliz, por nós depreca
Ao arbitro do mundo, ao Ser dos Seres.

José Diogo de Menezes Fróes.

Que fatalidade! meu pae.

A. DE AZEVEDO, *ao morrer.*

Uma por uma vão cahindo todas as esperanças da vida, como aquellas gotas frias e monotonas que de espaço a espaço cahião do tecto humido da prisão de Esmeralda. O astro que se levanta bello e radiante, como são os brilhantes do céo, some-se em breve em volto no manto negro da tempestade : a flor que se desprende ás auras matutinas — murcha-se á calma de meio dia, ou quebra-se ao vento frio da tarde. E porque, senhores? É que a vida será uma chimera, a esperança um sonho, o futuro uma decepção? Digão-no as nuvens que passão, as estrellas que empalidecem. Nos cantos magoados de Ossian chora o guerreiro de Inasfail; morto de saudades, pensativo no ermo, tendo apenas por companheira a columna derrocada da terra classica da Grecia, definha o louco — enthusiasta cantor de D. Juan.

O pensamento do futuro é vario como um pensamento de homem : o calculo da vida é incerto e traidor como o espelho das ondas. E o que é a vida? folha secca que o vento leva, ave perdida na amplidão dos mares? não, é uma hora da eternidade, é um tempo do infinito, mais ou menos calculado no pensamento de Deos.

Não o viste — esse moço de quem tendes tantas saudades? — Elle scismava na sua hora extrema, mas scismava com a lucidez do moribundo; e já um pouco allu-

miado por um raio do céo, mas inda soluçando á vida o seu ultimo adeos, murchos os labios ao sopro gelado da morte, e languidos os olhos á nevoa eterna do sepulchro, como que intermediario entre a divindade e o homem, inspirado, propheta de um mundo desconhecido, dizia ao triste que ainda lhe sustentava a fronte, e que via a cada instante voarem as suas esperanças — que fatalidade! meu pae.

Pobre moço! que pensavas em um futuro tão lindo, que sonhavas com tantas coroas! porque tão tarde te desenganaste? Era um genio, senhores : naquella fronte pallida e bella, como a fronte de Gilbert, lia-se a imaginação de Chatterton e Werther, com a placidez de Werner e de Uhland. Era um homem de futuro; ao menos desses poucos que pregando ao hombro a sua divisa de cruzado, sacrificando prazeres mesquinhos a essa realidade que se lhe antolhava como a sua estrella d'alva, lobrigava um porvir esperançoso no horisonte embora acobertado de nevoeiros. Era o marinheiro, que ás lufadas do furacão, por entre o céo da tormenta, lá divisava a salvação no ponto brilhante que luzia como o anjo da sua guarda.

E entretanto — morreo! era que a sua missão já tinha sido cumprida. Ave do céo, pairou apenas sobre a terra, como a andorinha do inverno que apenas busca um abrigo : mal se poude equilibrar : adejou e adejou muito, e tanto, que sumio-se! E qual foi sua missão? passar, passar apenas pelo mundo, como as flores murchas que o vento atira a corrente.

Agora dorme elle um somno longo e socegado : com a

sua viagem findou o seu dia; sacudiu o seu manto da chuva humida da vida, teve pousada no céo, e dorme aquecido pelo manto da Virgem — á sombra eterna das palmeiras do paraiso.

Entretanto, senhores, deixou-nos um legado : é a sua memoria que irá voando como as brancas pennas do condor que o vento da tempestade arranca do alto das serranias. Não o desperteis do seu somno; se o quizerdes ver, fazei como Haydéa agrega; fechai os olhos que vêloheis no coração.

Manoel Antonio Duarte de Azevedo.

O sol nasceo apenas : peregrino
Porque teu passo afrouxa fatigado?
Não é doce manhã — e a paz respira
Na terra.... e ar.... e céo tão socegado?

Luz que cercou-te a fronte ao nascer d'alva
Não te aponta o porvir, o mundo, a historia?
A viração que passa murmurante
Não é teu canto nobre de victoria?

Na margem do caminho porque estacas,
E amortecido teu olhar parece?

Porque do labio á flor um ai te morre,
Como a vaga nas praias adormece?

É teu ai derradeiro que ha-de eterno
N'um coração de mãe viver guardado,
Como a innocencia vive em peito infante,
E o puro incenso em peito recatado!

Nasceo-te d'alma! — é canto de soluços,
Raio que finda á sombra de uma cruz,
Perfume da saudade evaporado,
Da estrella que se apaga ultima luz!

O sol nasceo apenas : peregrino
Porque parou teu passo fatigado?
Não é doce manhã — e a paz respira
Na terra.... e ar.... e céo tão socegado!

Inda em botão — no alvor da juventude
Vês claro aqui e além escuridade;
Foi o anjo da morte que mostrou-te
Entre murchos laureis... a eternidade!

É o destino, mancebo! a gloria mata,
Os sonhos d'alma são uns beijos loucos!
Mas quando a sêde inda nos séca a vida,
Quem no somno ficou? — talvez bem poucos!

É que as gottas de orvalho embebe a terra;
É que os frocos de espuma espalha o vento;

É que entre a dor e a esp'rança o homem vive,
E o pranto lhe precede o nascimento!

Mas tua dor foi celeste! — no futuro
O teu olhar prophetico perdeste;
Resaste a Deos, poeta — e assim tranquillo
No marco do caminho — ahi morreste!

Inda a manhã reluz, a tarde é longe
— E tu não voltas, ó meu caro amigo!
Oh! quando á noite creio ouvir-te o passo,
Vai-se sumindo ao longe... embalde o sigo!

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Un tombeau est un monument placé sur les limites des deux mondes.

Bernardin de Saint-Pierre.

Senhores!

Quando, não ha muito tempo, ouviamos ufanos levantar-se neste recinto a voz eloquente e harmoniosa de um de nossos mais illustres consocios, e altivos applaudiamos os vôos da imaginação enthusiastica de um joven cheio de esperanças e de futuro, de certo ninguem ousaria

presagiar que hoje nos haviamos de reunir aqui para chorar a perda dessa flor, que com seus perfumes vivificava a nossa Associação.

Mas quem ordenaria que tão cedo a morte viesse com seu sopro funereo bafejar aquella fronte em que brilhavão a intelligencia e o enthusiasmo de um filho do solo americano?

A Providencia! a Providencia, que não quiz que por mais tempos habitasse entre nós quem merecia mais elevada morada. Ella quiz que soffressemos um golpe tão duro, nós que nunca prestamos o devido culto a tão excelso talento e a tão sublimes qualidades.

Se por uma disposição natural para a virtude, os tumulos e os grandes homens nos inspirão uma veneração profunda e tocante, nascida da pratica do bem, e dos beneficios esparsos durante o seu rapido trajecto neste mundo de illusões e de torpezas, por outro lado, quando se abre um tumulo a um joven que cheio de ardor e já coberto de triumphos que annunciavão o genio, estreava uma vida que toda se devia passar no meio de glorias e de ovações, um sentimento de melancolia e de desanimo se apodera de nós, e como que nos arrasta á descrença.

Senhores! — O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven cheio de talento e de esperanças e destinado por suas brilhantes qualidades a occupar uma posição eminente no mundo social. Nascido em S. Paulo, logar tão notavel pelos filhos illustres que tem dado á patria, e descendente dessa raça heroica e leal que ahi vemos ennobrecendo as paginas da nossa historia, não desmentia a bem fundada gloria da sua provincia.

Elle era dotado de uma alma apaixonada, e quando enlevado pelos encantos da natureza e pelas modulações da poesia vibrava sua harpa afinada pela mão de Deos, della desprendião-se sons harmoniosos e repassados desse sentimento terno e doce que o creador faz germinar no coração dos seos previlegiados. Cheios de elegancia e de belleza, os seus escritos não respiravão senão patriotismo e enthusiasmo pelo que é grande e sublime.

Faltando-lhe apenas alguns mezes para concluir a sua carreira escolastica, dispunha-se a gozar os frutos de tantos annos de trabalho. O horisonte de sua vida se alargava limpido e radiante de gloria, e a patria orgulhosa e ovante o esperava como um filho que a honrava e ennobrecia.

Mas de um momento para outro se dissiparão todas as illusões — o futuro até então bello e encantador tornou-se negro e medonho. Uma molestia fatal domina-lhe todo o corpo e o arrasta pouco e pouco á borda do sepulchro, onde em breve é precipitado pela mão inexoravel da morte.

Toda a familia se reune em torno de seu leito de morte, de todos o desanimo se havia apoderado — elle só impavido e resignado, com a consciencia tranquilla, encarando a morte como a recompensa do justo, abraçado com a effigie do Martyr da redempção, e dando um exemplo sublime de uma morte grandiosa, disse o ultimo adeus á sua triste mãi, que debulhada em pranto sentia-se morrer com tão infausto golpe.

E o que resta hoje desse genio que audaz se levantava té os ceos, onde ia beber suas inspirações divinas?

Um tumulo na terra, e a saudade em nossos corações!

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA JUNIOR.

É ainda uma aurora sem dia, que perdeu-se na noite de uma tempestade de inverno.

ALVARES DE AZEVEDO.

Por que morreu?! A aurora entre sorrisos,
E o sol do amanhecer que resurgia,
E o céo sem nuvens limpido e sereno,
Deram-lhe ha pouco a saudação do dia!

Inda tão cedo! flor aberta apenas
Bem pouco olhou o céu, pendeu á terra,
Nas furias de um tufão cahio pr'a sempre
E a fria lage de uma campa o encerra.

Era o porvir o sonho de sua alma;
Scismava n'elle á noite adormecido,
Ao nascer da manhã, á tarde, sempre
Dos vapores da gloria embevecido.

Tinha as asas do Genio — e foi tão rapido
O seu vôo no mundo... ei-lo mirrou-se!

Nem uma esp'rança! sua lousa é muda
E o branco cysne em seu cantar finou-se.

Erguêra-se do leito a fronte pallida,
E o coração sem forças pr'a viver;
Mandou um triste adeus á naturesa,
Cantou inda uma vez e foi morrer.

Deixou no mundo o coração sem vida
A quem na vida o coração lhe deu:
Alou-se ao céu e ao senhor nas nuvens
Sua alma pura, humilde offereceu.

Por que morreu?! E a tarde inda o espera
Para entoar-lhe o canto da saudade;
Ai! não mais voltará — Deus quiz ouvi-lo:
Deu-lhe um poema no céu — a eternidade!

F. da Costa Carvalho.

Não me chorem, irmãos! se meu cadaver
Manchou-se em podridão e sahe impura,
Minha alma se acordou: com azas brancas
Foi ao seio de Deus dormir mais pura!

Alvares de Azevedo, *á morte de C. Duarte*

Senhores!

Em um dia de luto, em que a mocidade academica, possuida da mais acerba dôr — pela perda de um irmão

de letras, procurava um linitivo á sua justa magôa — satisfazendo aos suffragios prescriptos pela nossa religião, — no momento em que a ceremonia se havia ultimado, deixando ouvir apenas os ultimos echos dos hymnos sagrados, e o soluçar dos amigos e dos irmãos : — então, uma fronte varonil, que ainda na primavera da vida, já deixava distinguir os caracteristicos do talento e da virtude, — rompeo a multidão, e approximando-se do funerario leito para diser um ultimo adeus aos preciosos restos que ahi repousavão, fez ouvir uma vóz eloquente modullada pelos accentos da sabedoria, que assi fallou : « Não é preciso que eu venha escrever sobre este tumulo um nome — que vos acorde reminiscencias do passado — que eu vos diga que essa fronte fria é a de um nosso irmão de letras, que aquelle peito pulsou fervente no enthusiasmo santo do poeta, e aquella cabeça sublime sonhava no porvir os louros da gloria, que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. » . .

. . . . . .

E sabeis, senhores, — quem era esse joven, que assim nos fallava, carpindo a fatalidade, que sobre nós havia pairado? Conheceis essa vóz eloquente, tão cheia de attractivos quão digna de admiração?... Ai de nós! Quão doloroso é disermos com elle, — não é preciso, que eu venha perante esta lugubre solemnidade enunciar seu nome, que nos recorda um tempo mais feliz, em que elle era estreitado em nossos braços; não é preciso que eu vos diga que essa fronte varonil, essa vóz eloquente, era a do nosso consocio o bacharel — Manoel Antonio Alvares de Azevedo, cuja cabeça sublime sonhava no provir os

louros da gloria, — que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. Mas ah! Que disse eu!... Uma pergunta vos suscitei... eu a vejo assomar em vossos labios!... Onde pois está elle, quereis diser, que não veio como outr'ora auxiliar os nossos trabalhos? Porque não compareceo á hora da peleja?... Oh! não profirais essa phrase, por isso que então, força será dizer-vos :

Porque na fronte os louros do poeta
E da louca ambição febris venturas?
Como a onda na praia o sonho estalla
E mirrão-se os laureis nas sepulturas!

Alvares do Azevedo.

Sim, senhores! Eis a triste realidade, que o Ensaio Philosophico hoje prantea, commemorando o inespirado passamento d'esse irmão querido, que agora jaz na funeraria campa, gozando o descanso eterno!... Porem, senhores, que triste antithese se offerece á nossa contemplação!... Ainda ha pouco cheio de vida e de talentos, conquistando os louros academicos, grangeando a estima de todos aquelles que tinhão a dita de conhecel-o, fasia a ventura de sua familia e dos seus amigos; e hoje? Redusido ao nada!... He certamente um quadro repugnante para aquelles, que como nós, — partilharão suas fadigas, presenciando com admiração os gigantescos passos com que progredia — na brilhante vereda, que havia encetado!... Quão precaria é a condicção do homem! Vida... Talentos... *Essa gloria, que presentia em seu futuro... Essa aurora de porvir e de manhã...* Tudo em um só momento se estinguio!...

Sim, realisou-se a fatal lei do exterminio; — mas a sua memoria não desapparecerá á entrada do tumulo, nem os laços da vida dissolvidos pela fatalidade, — extinguirão já mais a lembrança da amisade e o respeito devido ao merito; a dôr não apagará os vestigios de suas nobres acções, emquanto a historia do Ensaio Philosophico Paulistano — offerecer á nossa apreciação os serviços que lhe forão prestados.

Mas, senhores,— para que perturbar o silencio do tumulo? Para que revolver tão preciozas cinzas? Para que essas infructiferas lagrimas? Para que emfim clamar contra essa fatalidade? Si ella, ai de nós! é a vontade do Todo Poderoso? E emquanto o athêo procura debalde saudar os arcanos de Deus, e seu espirito confuso se emmaranha no dedalo do mysterio, — o Christão deve respeitar essa vontade sagrada, curvando-se humilhado ao alto poder que a promulgou. Deixemos pois em repouso esses restos preciosos; entreguemos á morte os seus despojos, e exultemos de possuir aquillo que ella jamais nos poderá roubar : a memoria do Bacharel — Manoel Antonio Alvares da Asevedo, que sempre será grata aos ouvidos dos seus contemporaneos.

E tu, sombra querida, lá do empyreo em que te achas, acolhe o adeus saudoso, que hoje te dirigimos : recebe mais esta lagrima — derramada sobre a lousa, que para sempre te occultou á nossa vista : — ella não é a offerenda da vil lisonja, — é a dadiva leal e sincera de um amigo, que sempre chorará tua perda, e bem dirá tua memoria.

E vós, Soberano Senhor, — derramai sobre a sua alma

a abundancia de vossas misericordias, aceitai os sacrificios que por ella vos offerecemos, e fasendo com que repouse no seio das delicias da vossa celeste morada, dignai-vos attender á sua prece tão cheia de uncção, que assi vos diz;

Se no passado errei, se te esquecia,
Se a blasphemia correu nos labios frios,
Perdão, Senhor meu Deus! que a febre insana
A minha alma perdeo nos desvarios!
Despi como o Profeta o manto escuro,
Lavei na campa da existencia o erro!
Eis-me puro, Senhor! banhada a fronte
Nas aguas sanctas e lustraes do enterro!

JERONIMO JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR.

Duas palavras ao amigo. — Tributo ao talento. — Homenagem ao genio.

On ne doit pleurer ceux qui dorment dans le sommeil de paix, comme si on n'avait point d'espérance.

BOSSUET.

As terriveis impressões porque passou minha alma, a dor intensa que me lançou no abismo da agonia, e mergulou me no pégo das decepções, vós o sabeis, amigo, lá mesmo do mundo da verdade para onde vôou vossa

alma. Eu não venho, n'esta occasião solemne, senão dar aos sentimentos a expansão que exigem, para que não morrão suffocados no estreito circulo de meo peito. Como amigo e companheiro de letras, não posso deixar de acompanhar a justa dor que a Illustre Associação manifesta hoje pela morte do mui digno socio o Bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Quando o homem, identificando-se cum um futuro luminoso que aguarda a intelligencia mesmo lá na extrema de sua peregrinação terrestre, como o procenio ás portas da eternidade, que lhe serão escancaradas, descortina o lisongeiro quadro dos preclaros feitos de talento em bem da patria, da humanidade, e em gloria do ser; o espirito humano se aniquilla e de si mesmo duvida, si, fazendo ouvir seus direitos, a inexoravel morte corta o fio de tão preciosa existencia. O espirito mais calmo, das puras regiões da verdade seria arrastrado ao scepticismo; e em sua descrença, com agigantados passos, profanaria o recinto augusto da Divindade, si por ventura a fé, reflexo de Deus no espirito do homem, não estendesse suas salvadoras mãos, reedificando as sanctas crenças, que baqueavão. Ella serena as tempestades sobranceiras, e nos revella a necessidade do facto, como realisação dos planos da Providencia.

Morreo! Fatalidade! Onde essa fronte virente, séde de tão ferteis concepções — esses labios d'onde se exhalavão as flores da imaginação de Lamartine ou Petrarca, de Ossian ou de Byron! Tudo está subterrado na lousa; mas sua fama será immorredoura e seo nome com letras de ouro será gravado no Pantheon dos povos.

Sim, o ser cuja morte hoje pranteamos, foi uma d'essas intelligencias, um d'esses espiritos raros, que apparecem no mundo de quando em vez, e que cedo e rapido voão ao Empirio — um desses corações depurados pelo crisol da vertude, que se não dignão demorar na terra em contacto com seos vicios e miserias : qual raio de luz no meio das trevas, assim são elles no meio da corrupção. Deos bem cedo os chama, e a humanidade eternamente os chora.

Eia, uma lagrima sobre a campa, e reste-nos a consolação da consciencia da dor e da saudade, e a conservação de monumentos que legou a posteridade, onde o espirito do crente, do philosopho e do poeta se achão estampados com indeleveis caracteres.

José Maria Corrêa de Sa e Benavides.

Que te fizemos nós que te assim tão cedo
Teus amigos deixaste?
Tu não vês que choramos?
Choramos e por ti.

Dr. Magalhães, *á morte de Evaristo F. da Veiga.*

Senhores!

A vida humana, tão cheia de vicissitudes, tão inconstante, volve sobre um eixo de tal sorte fraco, que mui-

tas vezes basta um sopro para derriba-la; a vida humana, ás vezes tão cheia de encantos, é um dom tão precario que, quando della nos julgamos mais possuidos, um acontecimento inopinado no-la rouba para precipitar-nos nos insondaveis abysmos do nada; *é a vida humana finalmente* um peregrinar de tal modo perplexo, que nunca lhe podemos assignalar o tempo de duração, nem os caminhos que ella tem de percorrer antes que chegue ao periodo de seu anniquilamento completo.

É por isso que ora vemos o soberbo magnate, no momento em que mais delicias se lhe preparão, cahir para nunca mais erguer-se; é por isso que ás vezes presenciamos arrancar-se dos braços da mãe desvellada o filho que lhe servia de arrimo; é por isso tambem que vemos, ante um sopro, esvairem-se as mais bellas esperanças, e um porvir inteiro de glorias, quando se rouba o joven de talento do seio de uma familia desolada, e da patria que se deleitava ao contemplar o filho predilecto.

E seu desapparecimento é mais lamentavel — quando se realisa no instante em que elle se achava prestes a ver sua fronte coroada de louros pelo ultimo triumpho, e quando o mundo lhe abria os braços. Oh! então mais intensa deve ser a dor de quantos o conhecião! Trabalhar incessantemente no desenvolvimento de sua intelligencia, e morrer sem ter colhido o fruto de seu trabalho! Passar insomnias e vigilias, e receber em paga o frio marmore de um tumulo! Praticar a virtude e ser interrompido por um golpe inesperado! Amar extremosamente sua familia e sua patria, e priva-la tão cedo de tão grande affecto! Oh! tudo é doloroso! E no entanto o nosso infeliz conso-

cio — Manoel Antonio Alvares de Azevedo — passou insomnias e vigilias para esclarecer sua alma da luz eterna da verdade, e não pôde colher os fructos; praticou a virtude, e foi impedido de continuar a pratica-la; amou extremosamente sua familia e sua patria, e nem se quer pôde continuar a amá-la! Desappareceo ao sopro gelido da morte, e com elle se foi um amigo dedicado, um filho respeitoso, um cidadão capaz e instruido, deixando em nossos corações um vacuo eterno, privando sua familia de um arrimo infatigavel, e sua patria de um astro brilhante que devia luzir em seu firmamento.

Ei-lo a prever que era chegada a hora suprema, e de seu punho sahem os sentidos versos — se eu morresse amanhã.

Ei-lo padecendo angustias e torturas, e nunca atterradoras blasphemias; ei-lo prestes a expirar, e sempre um respeito profundo aos decretos do Altissimo, sempre uma unção admiravel!

Bem vio Deos que a terra não era digna daquella alma ardente, daquelle espirito abundante de poesia!... e foi por isso que o arrebatou de nós! Não quiz que sua alma sublime se emmaranhasse nas torpezas do mundo! Fez que este o conhecesse para chora-lo; mas não quiz que elle conhecesse o mundo para não ver o mal que lhe corroe as viceras.

Privou-o das illusões traiçoeiras e levou-o a habitar o reino da luz, a gozar a verdadeira tranquillidade, a legitima ventura na eternidade! Era alma feita para o céo que o mundo não devia possuir! Viveo, viveo quanto era bastante para que hoje o pranteemos; morreo, morreo,

como morrem os anjos, para que festejemos sua ascensão ao céo!

Viveo; como tinhão vivido Descartes, Bacon, Malebranche e Locke — dedicando-se ao estudo do espirito humano; viveo, como Blair e como la Harpe, estudando a litteratura; viveo, como Byron, como Sá de Miranda e como Ferreira, cultivando a poesia, essa poesia emanada do Altissimo, e concedida a seres privilegiados! Morreo, como sóem morrer os que na terra antevêm o céo, como Agostinho, como Francisco Xavier, como o rei Luiz, como João de Castro, tranquillos de consciencia, e com o pensamento em Deos!

Sua morte deve ser pranteada pela patria que n'elle via um dos elementos que devia constituir sua futura gloria; mas não devem pranteal-o seus amigos e parentes, tão certos que, um dia, hão de ir gosar a seo lado as immorredoras recompensas destinadas aos justos.

Cessai pois de chorar, parentes, amigos desvellados, por que elle se acha no seio do Eterno em porto de salvamento!

E vós, Soberano Senhor, cessai o flagello com que nos perseguís — talvez por nossas culpas; abrandai a ira, que, durante successivos annos, tem roubado os nossos melhores irmãos de letras, muitos dos quaes tem exhalado o ultimo suspiro, tem visto passar a hora derradeira, ausentes daquelles cujos carinhos lhes poderião adoçar o calix de amargura!

Ah! Senhor, ainda nos achamos no começo de nossas fadigas annuaes, e já temos perdido dous de nossos irmãos!

Minorai os males que pesão sobre nós, para que não tenhamos de, supplicantes, repetir-vos continuamente as palavras cheias de sentimento e de unção do nosso chorado consocio, quando, com a consciencia de seu proximo fim, volvendo os olhos para os que mais o estimavão, e para seu pai inconsolavel, exclamou : Meo pai! que fatalidade!

MANOEL FRANCISCO CORREIA.

Amisade, illusão que os annos somem.
Amor, um nome só bem como o nada,
A dôr no coração, delicias n'alma,
Nos labios o prazer, nos olhos pranto,
Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte.

G. DIAS.

Consenti que entre flores de eloquencia
Um funéreo cypreste se levante
De dôr curvado, os ramos luctuosos,
A funebre raiz em chão de morte.
Eis-nos hoje do dó trajando as vestes,
O adusto coração em dor immerso,
Olhos demissos de pezar e prante,
Roxa saudade nos enlucta a face.
Não é que a patria que soluça e geme
Visse em seu sangue imigos ferros tintos,

Não é que de grilhões a tyrannia,
Nos arroche de novo os livres pulsos;
São suspiros de dor e de saudade,
São lagrimas da infancia brasileira,
Que geme hoje do immaturo golpe
« Que tão azinha nos roubára um genio. »

Vate — morreu no viço de seus annos
Mal chegou a trilhar da vida a senda;
Morreu — quando a existencia lhe sorria,
E um risonho porvir se lhe antolhava.
Um risonho porvir? sim — de chimeras,
De esperança — que n'ella esvae-se a vida,
Como sonho fagueiro que se extingue
Fatal realidade apóz deixando!
Mesmo no leito da cruenta morte
De dores lacerado o corpo exangue,
As palavras de um genio se revelão:
— Fatalidade, meu pai — fatalidade...

Era o carpir do cysne peregrino
Que as brancas azas sacudio da poeira,
Depois de haver trinado seus queixumes
« Repassados de amor e de saudade. »
Era um genio que havia entrado apenas
Pelos mares do mundo procellosos,
E não poude suster da vida o embate...
Era bella violeta entre perfumes,
A meneiar a fronte melindrosa
Em seu tenue pedunc'lo, ao brando sopro

Dos favonios que a vida lhe embalavão!
Mas ergueu-se o bulcão, toldou-se os ares,
Desbotou-se a corôlla tão mimosa,
E a florsinha... pendeu... murchou... cahio...
O que lhe resta agora?... a sepultura —
Murcha coroa de esfolhadas flores —
Uma vida a gosar lá n'outra esphéra...
E a nós como legado — uma saudade!

Que ao mundo dos mysterios
Sorrindo se inclinou,
E nos chorões da campa
A lyra pendurou.

P. J. M. Rodrigues Costa.

CANTO INAUGURAL[1]

Onde o poeta ardente, esperançoso,
Que ao limiar da vida inda sentado
Hymnos soltava de harmonia cheios
Desvendando futuros?

Onde essa alma tão grande e generosa,
Essa fronte de genio erguida ao alto,
Que a cento e cento borbulhava ousada
Idéas gigantescas?

Onde pára tambem esse destino,
Essas vindouras glorias deslumbrantes
Que a mente esclarecida debuchava
Nas vestes do porvir?

[1] Impressão recebida em um canto inaugural do Dr Gonçalves Dias á memoria do conego Januario da Cunha Barboza.

Tudo, tudo no abysmo foi sumir-se!
Com o sopro da tarde a flor murchou-se
Que petalos abria rescendentes
De celeste perfume!

Quando teo nome em caracteres d'oiro
No horisonte da patria burilavas
Onde foste, mundano peregrino,
Onde a sorte arrojou-te?

Caminheiro a lutar foi sempre ufano
Pelos infindos campos da existencia,
Ora dorme no crepe mortuario
Dos vivos desterrado!

Tu subiste ás alturas sublimadas
Onde fulgura Deos e fallão anjos
Os mares da sciencia roteando
Com olhos aquilinos.

Mas da morte a secure coifadora
Veio os vôos cortar, arreceiosa
Que zombando mais um de seus estragos
Immorredôr ficasse!

Caminheiro a lutar foi sempre ufano
Pelos infindos campos da existencia,
Ora dorme no crepe mortuario
Dos vivos desterrado!

Dorme, ó poeta, o somno do jazigo,
Muito lutaste na affanosa lide,
Descança agora em paz, soou na campa
A hora do silencio!

Dorme, dorme, ó poeta, o somno eterno,
O véo da vida para ti correo-se;
Novas scenas p'ra ti vão desdobrar-se
Dos justos na mansão.

Dorme! — tuas noites perturbar não quero;
Deixa que espalhe apenas sobre a lousa
Estas flôres mirrhadas que bem mostrão
Minha dôr e saudade.

M. Ribeiro de Almeida.

NENIA

á memoria de meu amigo e collega

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

OFFERECIDA

AO ILLm. Sr. Dr. IGNACIO MANOEL ALVARES DE AZEVEDO
E SUA EXma. SENHORA.

Deos quiz ouvil-o,
Deo-lhe um poema no céo — a Eternidade.
F. da Costa Carvalho.

Morreo! foi como um sonho venturoso
Que horrivel pesadello espedaçou!
Foi um riso nos labios começando
Que em pranto de repente se trocou!

Foi dourada esperança, que descrida
Para sempre da mente se sumio!

Uma flor que perfumes exalando
Pendeo tão bella e a se murchar cahio!

Foi um canto que ouvio-se arrebatando,
Um som que harpa affinada desprendeo!
Foi um écho que hosana repetira
Um poeta tão jovem que morreo!...

Voou ave do céo seu vôo eterno,
Para o espaço de Deos se retirou,
Pairando as azas em gorgeio edenico
A terra que lhe ouvira — arrebatou...

Era uma estrella scintillante e pura
No céo da poesia, que brilhava,
Era Byron ou mais em sua idade —
Era um genio que o mundo admirava.

E um futuro que a mente enlouquecia
A querer divisal-o... era do céo;
Bem na terra prophetas não podião
Rasgar a venda — descortinar-lhe o véo.

E essa estrella tão formosa

Em seu céo pallideceo!
E esse poeta — esse genio
Aos vinte annos morreo!

E hoje o que nos resta em troco delle
Do talento que tanto carecíamos?!...
Nada mais do que o lucto da sciencia
A perda desse ampáro nos estudos
Chordas quebradas de uma lyra d'ouro.
E tu, minha alma, que padeces tanto,
Falla tambem do pranto d'amizade,
Liga á dôr que soffreo a intelligencia
Á dôr do coração tão dolorida.
Que nos resta na terra em troco delle?!...
Nada mais do que o nome tão lembrado
A saudade pugente que nos ralla
Nos corta as fibras e nos sangra o peito,
E na mente uma sombra desenhando
A imagem do que foi esse cadaver
Deitado lá na cal da sepultura.
Oh! mas o que valle o que soffremos,
E os soluços de um pai sorvendo á goles
O fel da dôr á corroer-lhe o peito,
Se existe uma mulher enlouquecida
De joelhos chorando ao pé da lousa
Da pedra tumular que encobre um filho?
Onde encontra-se amor assim immenso,
Amor de mãi estremecido e sancto?!...
Esse amor que o mysterio ella só sabe
Que Deos nem mesmo Deos não póde tel-o!...

Que saudades tamanhas — que torturas
Lhe recorda essa abenção derradeira,
O beijo maternal do adeos eterno!
E louca pobre mãi — exclama ainda
« Meu filho » — e não o tem mais neste mundo!
Já não tem « minha mãi » quem lhe responda;
Sómente ao longe emmudecido e triste
S'escuta um écho a repetir — meu filho. —

Leonel Martiniano de Alencar.

S. Paulo, 24 de maio de 1852.

ARTIGO

DO

CORREIO MERCANTIL

Um amigo nosso dirigiu-nos a seguinte carta, que nos apressamos a publicar, sobre a prematura morte do Senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo. A sentida imitação dos versos do joven poeta com que termina a carta do nosso amigo deve merecer a attenção dos leitores.

« Apreciador do merito, talentos e qualidades do erudito mancebo cuja preciosa existencia acaba de finar-se, não fui o ultimo a pagar-lhe o tributo de minhas saudosas lagrimas : foi sob a impressão do geral sentimento e da pungente magoa que enluta o coração de seus verdadeiros amigos que devorei com os olhos razos d'agua a tocante noticia que de tão triste successo deu hoje o *Correio Mercantil*, e os melindrosos versos (por si sós bastantes para fundar uma reputação poetica) que com tanta propriedade denominou o canto do cysne. Do fundo

d'alma, e como um accento de dôr, escapou-me nesse instante a seguinte imitação, á qual lhe peço dê publicidade, como prova de consideração por sua familia, e para melhor realçar o inexprimivel merecimento do original.

« Se me fosse, mancebo, dado ao menos
A' tua doce mãi, á triste irmã
Os prantos mitigar, eu morreria
Sem pezar ámanhã.

« Essa gloria brilhante, esse futuro
Que te sorria na feliz manhã,
Convertêra em laureis, em dulias c' rôas,
E morrêra ámanhã.

« O sol, o céo azul, essa que n'alva
Natureza tu vias tão louçã,
Não me roubára nem um ai do peito,
E morrêra ámanhã.

« Mas esta dôr que a vida me devora,
A pungente saudade, amargo afã
Não sentira cruel, poupára ao menos,
Se morresse ámanhã!

« L. S. [1]

« Rio de Janeiro, 27 de abril de 1852. »

[1] O autôr tambem já é fallecido. — Foi o conselheiro João Duarte Lisbôa Serra, deputado á Assembléia geral Legislativa pela provincia do aranhão, e Presidente do Banco do Brazil.

UMA LEMBRANÇA

Os *Ensaios Litterarios*, continuando na liça do jornalismo, vão sentir um vácuo immenso na morte prematura do Senhor Manuel Antonio Alvares de Azevedo, um dos seus mais distinctos e zelosos collaboradores, que não poupou esforços e cuidados para fadar-lhes um destino cheio de vida e de esperanças.

Ainda nos primeiros arroubos de sua quadra infantil, quando sua intelligencia parecia apenas um botão, que lutava com as forças do tempo no seu desabrochar; fructos doces e sazonados pendião copiosos de seus talentos, e fecundavão as paginas dos *Ensaios Litterarios*.

O gosto depurado pelas letras ateou-lhe n'alma o fogo poetico da imaginação, e promettia ao mundo litterario uma grinalda immarcessivel no horizonte do seu futuro esperançoso.

Suas producções, que ahi correm impressas, servirão para attestar o elasterio dos seus talentos e erudição, e

avivar no volver dos tempos o nome glorioso desse joven, que fez honra á corporação academica e á mocidade brasileira.

Os *Ensaios Litterarios* muito lhe devem : e pois neste momento solemne, quando de novo vem reassumir o peso oneroso de sua alta missão, não podião deixar de imprimir em uma de suas paginas uma lembrança dolorosa do seu nome, que na côrte e nesta capital já havia recebido as ultimas homenagens de litteratos abalisados e da mocidade academica. É um dever que cumprimos traçando esta lembrança em signal de respeito e gratidão aos serviços de sua intelligencia : e fazemos votos ao Creadôr pelo descanso de sua alma na mansão dos justos.

(Artigo da revista *Ensaios litterarios do Atheneo Paulistano*. — S. Paulo, agosto de 1852.)

DUAS PALAVRAS

SOBRE

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO[1]

I

Não sei que maldição do inferno pesa sobre a cabeça do poeta! Não sei que mão de ferro extortega o leito de purpura, que é reservado ao genio, e atira-o na encherga da miseria ou desventura!

Esse sentimento melancolico e divino, que é como a lampada mysteriosa, que se alimenta na inspiração e no genio.... essa imaginação ardente e caprichosa, que faz brotar phantasmas do seio das flôres, e nuvens d'oiro do regaço negro da tempestade.... bem depressa gelão-se

[1] Artigo impresso na revista academica « Guayaná. » — S. Paulo, agosto de 1856.

no scepticismo da existencia, e como que cançadas de soffrer procurão na descrença a tregoa de seus males e infortunios!

E esse genio, que era como o fogo do céu pennejando fagulhas de diamantes, se perde nos dithyrambos da vida — como a phalena nos matagáes incultos; — e essa imaginação, que era como o vôo da aguia por sobre os paramos do sol, se descora — como a luz de uma aurora de Italia ennuviada pelos vapores cerrados do inverno!

Que de lyras, tão ricas de inspirações e de musicas, não se tem quebrado antes de tempo aos lategos da fatalidade?! Que de astros brillantes não se tem offuscado, quando para elles Deos apontava em que céu devião brilhar?

Tasso humedeceu de lagrimas as pedras negras de sua masmorra. Camões chorou no fundo do hospital a ingratidão de sua patria! Chatterton, no suicidio, abnegou um futuro de miserias, um viver de privações e lagrimas! Malfilatre e Gilbert morrerão na miseria, engolindo suspiros e dôres!

Chénier, o cantor da heroina de 92, o poeta da liberdade, afogou-se nas lavas do Vesuvio revolucionario, que ameaçou engolir a Europa inteira. A guilhotina rebentou-lhe as cordas da lyra, ceifando ao lampo do clarão da vida, um apostolo das instituições liberaes! Como os bardos da Thebaida, elle não foi pendurar sua lyra nos salgueiros do valle; foi sua patria ingrata, ingrata e sempre, que envenenou-lhe as fontes da vida, e o emborcou nas lages frias do tumulo!

Lamartine, o bardo sancto, em cujo cerebro ardente a mão invisivel da Omnipotencia encarnou a fibra delicada da religião e da crença, tambem descançou a lyra, como que adormecida nas decepções da vida, tambem perdeu o vôo da aguia altiva e pairou em outras regiões mais frias a que chamão — historia.

Lá vae caminho de desterro o proscripto de Jersey! A cabeça ungida nas agoas lustráes da liberdade, foragido na terra do exilio, chora a patria escravisada, e do fundo de seu leito de dôres, apenas manda-lhe um suspiro de saudade!

E o poeta vae perdendo suas inspirações e harmonias na poenta viagem do desterro; e sua imaginação, que ora baloiçava-se no pincaro das nuvens, ora embrenhava-se na crypta dos abysmos — como que vae empalidecendo aos tibios raios de sol da Inglaterra!!

II

Quão grande não é o numero d'esses desventurados genios, que passão na terra — como o canto matutino da avesinha, extasião-nos de melodias e doçuras, e desmaião n'aurora da vida — como o lirio branco crestado pelas geadas do inverno!? Quão grande não é o numero d'essas flôres do paraizo, que mandadas ao mundo, para perfumar-nos com seus attractivos e seducções, emmurchecem, cantando — como o rouxinol a ultima saudade, e nos le-

gão uma tristeza doce e suave, porque é filha do coração e da dôr!?

Um exemplo vivo vem confirmar esta minha triste asserção:

Ha bem pouco tempo, que nas extenções do céu Brasileiro, um cysne desdobrou suas longas azas. Seu canto se fez ouvir — ora doce e intimo, como uma recordação de ventura — ora terno e merencorio, como as brisas que gemem nos cedros do sepulcro, — ora suave e meigo, como o gorgeio do rouxinol por noites de primavera!

O Brasil o saudou. Era mais um talento raro, que esmaltava a nossa litteratura com seu esplendido fulgor! sublime como Lamartine, quando de sua alma desprendia-se o canto melifluo da crença e do amor, da religião e do céu! grandioso como Byron, quando a ironia resaltava de seus labios, e a descrença lhe orvalhava o fel da vida! doce como Chenier, quando antes de debruçar-se no leito da morte, su'alma alou-se até os céus, esparzindo em sua passagem os perfumes do coração nos immortaes versos — *Se eu morresse amanhã*. Era o presagio do genio, que sentia a morte *na dôr do coração*.— Cysne, que se reclinava no berço da correnteza soltando o seu canto de morte!

E o cysne afogou-se nas ondas do sepulcro. Sua lyra perfumada das flôres da juventude estalou suas corôas de sonhos, tão ferteis de vida e esperanças, tão ricas de inspirações e harmonias!

Hoje o Brasil prantea o eclipse d'esse astro, que já rebrilhava no céu da gloria, e cinzelava o seu busto de

mancebo, cingido dos louros da sciencia, no pantheon da litteratura patria!!

III

M. A. A. de Azevedo é um dos poucos nomes no Brasil, que o velho deve repetir com amor, e o mancebo com enthusiasmo — um d'esses nomes que ficará esculpido nos bronzes da historia, entre esgalhos de saudades e o reflexo irisante das glorias!

Poeta de sentimento, que ao dedilhar as cordas de sua lyra d'oiro, só tinha vozes do coração a derramar monodias de morte!

Em todas suas estrophes ressumbra sempre a imagem palida do tumulo á sorrir-lhe nas rosas verdes da mocidade! Em todas as perolas que formão sua grinalda de poeta ha sempre um écho de morte, que vem annuviar as paizagens côr de rosa de seus sonhos de mancebo!!

Como é doce e suspirosa essa poesia intitulada — *Lembrança de morrer!* Toda ella é um hymno triste e doçoroso, como as lagrimas do amante de Leonor gotejadas nas paredes humidas de seu carcere!

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas....
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pae... de meus unicos amigos
Poucos — bem poucos — e que não zombavão
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas palidas crenças duvidavão.

Oh! parece que a mão do anjo da saudade escrevêra estas estrophes n'uma hora de recolhimento e solidão, esvoçando por sobre os goivos emmurchecidos da campa!

Não repetirei os topicos mais arrojados do genio, porque difficil fôra distinguir a estrella mais brilhante da noite, ou a concha mais rosada das praias do mar!

Não me seria dado dizer : isto é melhor que aquillo; pois que para mim cada uma de suas producções, é como o pedestal de um titulo de gloria, onde se póde alevantar a auréola brilhante de sua reputação litteraria.

IV

Choremos pois mais uma fronte, despida de vida, que se envergou ao vento do sepulcro. Ella era — como o sol que doirava o alto verdejante das serranias, e que a nuvem da tormenta escureceu com sua sombra. Era a estrella d'alva, coberta do orvalho da noite, desmaiando antes de ostentar todas suas galas e luzimento!...

. . . . . .

E onde a lapida, que guarda, em seus marmorres frios, o sudario sacrosanto do genio?

— Em nossos labios — o seu nome; em nossos corações — a saudade.

LINDORF ERNESTO FERREIRA FRANÇA [1].

[1] Este moço tambem já não existe. Depois de haver recebido o gráu de Bacharel em Direito, veio para a Côrte, onde occupou o cargo de Official da Secretaria da Policia, e falleceu em 1858.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME.

INDICE

Introducção 1

LYRA DOS VINTE ANNOS

CONTINUAÇÃO

Meo desejo. 17
Soneto. 19
Soneto. 21
Por que mentias? 25
Amor. 27
Phantasia. 29
Lagrimas da vida. 33
Soneto. 36
Lembrança dos quinze annos. 38
Meu sonho. 42
O conego Filippe. 44
Trindade. 47
Soneto. 49

Minha amante. 51
Euthanasia.. 54
Despedidas á ***. 56
Terza rima. 58
Pantheismo.. 59
Desanimo. 63
O lenço d'ella. 66
Relogios e beijos. 68
Namoro a cavallo. 70
Pallida imagem. 73
Seio de virgem. 76
Minha musa. 79
Malva-maçã. 82
Pensamentos d'ella. 86
Por mim?. 89
Lelia. 91
Morena. 94
12 de setembro. 97
Sombra de D. Juan. 104
Na varzea. 114
O editor.. 119
Oh! não maldigão!. 123
Dinheiro. 126
Adeos, meus sonhos! 128
Minha desgraça. 130
Pagina rota. 132
Carta escripta de S. Paulo em 1851. 135
Lucano. 137
Soneto. 147
Carta sobre actualidade do theatro entre nós. 149

O POEMA DO FRADE

Canto primeiro. 157
Canto segundo. 173

Canto terceiro. 187
Canto quarto. 217
Canto quinto. 231

APPENDICE

Discursos pronunciados por occasião de dar-se á sepultura, no cimiterio de Pedro II, o estudante Manoel Antonio Alvares de Azevedo, a 26 de abril de 1852. 251

Saudade junto ao logar da morte do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, no sexto dia de seu passamento. 259

Sessão funebre do Ensaio Philosophico Paulistano celebrada por occasião da morte da socio benemerito e fundador o bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, no dia 23 de maio de 1852, em S. Paulo. 263

Discursos e poesias recitados na sessão funebre. 265

Canto inaugural. 307

Nenia á memoria do meu amigo e collega Manoel Antonio Alvares de Azevedo, offerecida ao Illm. Sr. Dr. Ignacio Manoel Antonio Alvares de Azevedo e sua Ex^ma^. Senhora. 311

Artigo do *Correio Mercantil*. 315

Uma lembrança. 317

Duas palavras sobre Manoel Antonio Alvares de Azevedo. 319

PARIS. — TYP. SIMON RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

18280